

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Raíza Ribeiro Halfeld

Recordar para legitimar: a memória apaziguada
na linha do tempo do site “Memória Globo”

Juiz de Fora
2020

Raíza Ribeiro Halfeld

Recordar para legitimar: A memória apaziguada
na linha do tempo do site “Memória Globo”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Comunicação e Sociedade. Linha de pesquisa: Competência midiática, estética e temporalidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ribeiro Halfeld, Raíza.

Recordar para legitimar: a memória apaziguada na linha do tempo do site "Memória Globo" / Raíza Ribeiro Halfeld. -- 2020. 155 p. : il.

Orientadora: Cláudia Albuquerque Thomé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

1. Memória. 2. Jornalismo. 3. Rede Globo. 4. Internet. 5. Valor-notícia. I. Albuquerque Thomé, Cláudia, orient. II. Título.

Raíza Ribeiro Halfeld

Recordar para legitimar: A memória apaziguada
na linha do tempo do site “Memória Globo”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Claudia de Albuquerque Thome

Prof. Dr. Cláudia de Albuquerque Thome – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Christina Ferraz Musse
Prof. Dr. Christina Ferraz Musse
Universidade Federal de Juiz de Fora

Edna de Mello Silva
Prof. Dr. Edna de Mello Silva
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

A pesquisa desenvolvida neste mestrado, certamente, não é, apenas, resultado de dois anos de estudos, mas sim, a soma de todas as experiências adquiridas ao longo da minha vida. Não tenho dúvidas de que todos os filmes que vi; todos os livros que tive a oportunidade de ler, sejam eles acadêmicos ou não; todas as pessoas que conversei, entre amigos, familiares e conhecidos; todos os trabalhos e empresas que passei, contribuíram para que eu pudesse construir a linha de pensamento aqui apresentada.

Acredito que nenhum caminho seja fácil de percorrer. Nos deparamos com dificuldades, com empecilhos, com dúvidas e, por vezes, nos questionamos se, de fato, estamos na direção correta. Porém, o que seria de nós sem os desafios? Quantas descobertas científicas e inovações teriam sido deixadas de lado se não tivessem sido levadas adiante, com persistência e foco? Afinal, pesquisa é isso, não é? Construção!

Por isso, hoje venho agradecer, principalmente, meus pais, meus maiores incentivadores, que despertaram em mim, ainda criança, o desejo de aprender! Obrigada, por todo o esforço e dedicação! À minha orientadora, Cláudia de Albuquerque Thomé, pelas explicações e conhecimentos fornecidos ao longo de todo o mestrado, e a Universidade Federal de Juiz de Fora por me proporcionar tantas oportunidades desde o início da minha graduação em 2009. Espero que a minha dissertação possa contribuir para os estudos relacionados à área da comunicação e que, para além da pesquisa, ela seja objeto de inspiração para muitos outros jovens que acreditam que só o ensino público, de qualidade, pode transformar realidades. Vamos em frente!

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

A memória instala a lembrança no sagrado; a história a liberta, a torna prosaica.

NORA, Pierre (1993, p.12).

RESUMO

Os estudos relacionados à memória estão sendo cada vez mais valorizados na era digital. O excesso de informação e o desenvolvimento das tecnologias digitais estão contribuindo para muitas iniciativas que visam resgatar práticas voltadas ao passado. Isso pode ser observado no setor político, cultural, social e midiático. Sendo assim, diante de um mundo de incertezas, marcado pela rapidez das informações e pela aceleração do tempo, é fundamental investigar como a memória tem se estabelecido nessa era, sobretudo o uso que tem sido feito, dela, pelos meios de comunicação. Para essa pesquisa, optou-se por analisar a linha do tempo, relacionada às coberturas jornalísticas, do site de memória da maior empresa de comunicação do Brasil, o “Memória Globo”. O objetivo é verificar quais são as notícias que receberam destaque e ganharam o status de “memoráveis” pelas lentes da Rede Globo. Afinal, como o passado histórico está sendo construído e apresentado pela empresa? Quais são os fatos que estão sendo deixados de lado? Quais são os assuntos predominantes? Para a análise, optou-se por utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). A partir dela foi possível categorizar os anos mais rememorados, bem como dividir os assuntos por temáticas a fim de verificar quais foram os valores notícias mais trabalhados. No total, foram listados 166 fatos, dentre eles foi possível constatar que 102 faziam referência a assuntos relacionados à categoria “morte”. Os outros fatos eram relacionados à saúde, à inovação, ao entretenimento, ao esporte, à política e à religião. Cabe ressaltar que, ao final de 2019, o site “Memória Globo” passou por uma mudança e teve todo o seu layout modificado, tornando a navegação mais fácil. A linha do tempo analisada, inclusive, deixou de existir. O que trouxe uma reflexão a respeito dessa memória contemporânea que está sendo construída e distribuída no ambiente online; ao mesmo tempo em que ela é acessível, ela é frágil e fluída.

Palavras-chave: História. Internet. Jornalismo. Memória. “Memória Globo”.

ABSTRACT

Studies related to memory are being increasingly valued in the digital age. The excess of information and the development of digital technologies are contributing to many initiatives aimed at rescuing practices turned to the past. This can be seen in the political, cultural, social and media sectors. Therefore, in the face of a world of uncertainty, marked by the speed of information and the acceleration of time, it is essential to investigate how memory has been established in this era, especially the use that has been made of it by the media. For this research, we opted to analyze the timeline, related to the news coverage, of the memory site of the largest communication company in Brazil, "Memória Globo". The goal is to verify which news was highlighted and gained the status of "memorable" through the lens of Rede Globo. After all, how is the historical past being built and presented by the company? What facts are being overlooked? What are the predominant issues? For the analysis, we chose to use Laurence Bardin's Content Analysis methodology (2011). From it, it was possible to categorize the most recalled years, as well as to divide the subjects by themes in order to verify which were the most worked news values. In total, 166 facts were listed, among which it was found that 102 made reference to matters related to the category "death". The other facts were related to health, innovation, entertainment, sport, politics and religion. It should be noted that, at the end of 2019, the "Memória Globo" website underwent a change and had its entire layout modified, making navigation easier. The analyzed timeline has even ceased to exist. What brought a reflection about this contemporary memory that is being built and distributed in the online environment; since at the same time that it is accessible, it is fragile and fluid.

Keywords: History. Internet. Journalism. Memory. Memória Globo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Memória do Programa Retrospectiva da Rede Globo – versão web nov/2019).....	59
Figura 2 - O cinquentenário do jornalismo na bancada do JN.	59
Figura 3 - JN 50 anos e as transformações provocadas pela comunicação.	61
Figura 4 - Novos apresentadores na bancada.	62
Figura 5 - A linha do tempo do JN.	63
Figura 6 - O site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	64
Figura 7 - Aba “Programas” do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019).....	65
Figura 8 - Aba “Perfis” do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)	65
Figura 9 - Aba “Mostras” do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	66
Figura 10 - As abas da história do “Grupo Globo” - (versão web - nov/2019)	67
Figura 11 - Os vídeos do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019).....	67
Figura 12 - Aba “Acusações falsas” do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)	68
Figura 13 - Os erros cometidos pela emissora - (versão web - nov/2019)	68
Figura 14 - A linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	71
Figura 15 - A linha do tempo de coberturas jornalísticas do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019).....	77
Figura 16 - Memória da cobertura da queda do edifício Paulo de Frontin - (versão web - nov/2019).....	78
Figura 17 - O primeiro período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	78
Gráfico 1 - temáticas predominantes – 1965 a 1974.....	79
Figura 18 - O segundo período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019).....	83
Gráfico 2 - temáticas predominantes – 1975 a 1984.....	84
Figura 19 - Destaque das eleições gerais no site “Memória Globo” – (versão web - nov/2019)	86
Figura 20 - Terceiro período da linha do tempo do site “Memória Globo” - (versão web –nov/2019)	89
Gráfico 3 - temáticas predominantes – 1985 a 1994.....	90

Figura 21 - Quarto período da linha do tempo do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)	93
Gráfico 4 - temáticas predominantes – 1995 a 2004.....	94
Figura 22 - A morte de Roberto Marinho disponível no site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	96
Figura 23 - A edição histórica do Jornal Nacional – (versão web - nov/2019)	97
Figura 24 - O assassinato de Tim Lopes – (versão web - nov/2019)	97
Figura 25 - O quinto período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)	98
Gráfico 5 - temáticas predominantes – 2005 a 2014	99
Figura 26- O sexto período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019).....	102
Gráfico 6 - Temáticas predominantes – 2015 em diante.....	102
Gráfico 7 - Subtemáticas da categoria morte.....	107
Figura 27 - O novo site “Memória Globo”.....	109
Figura 28 - As novas abas do site “Memória Globo”.....	110
Figura 29 - A nova aba de “Entretenimento” do site “Memória Globo”.	111
Figura 30 - A nova aba de jornalismo do site “Memória Globo”.....	111
Figura 31 - A nova linha do tempo do site “Memória Globo”.....	112
Figura 32 - A nova aba de “Esporte” do site “Memória Globo”.	112
Figura 33 - A nova aba “Perfis” do site “Memória Globo”.....	113
Figura 34 - A nova aba “Erros” do site “Memória Globo”.	113
Figura 35 - A nova aba “Acusações Falsas” do site “Memória Globo”.....	114
Figura 36 - A nova aba do “Grupo Globo” do site “Memória Globo”.	114
Figura 37 - A parte institucional do novo site “Memória Globo”.	115
Figura 38 - Os princípios editoriais de forma detalhada.	115
Figura 39 - A história do projeto “Memória Globo”.....	116
Figura 40 - O novo espaço de comunicação direta com o público.	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Linha do Tempo de 1965 a 1974	127
Tabela 2 - Linha do Tempo de 1975 a 1984	129
Tabela 3 - Linha do Tempo de 1985 a 1994	131
Tabela 4 - Linha do tempo de 1995 a 2004.....	135
Tabela 5 - Linha do tempo de 2005 a 2014.....	137
Tabela 6 - Linha do tempo de 2015 em diante	141
Tabela 7 - Coberturas relacionadas à morte de 1965 a 1974	143
Tabela 8 - Coberturas relacionadas à morte de 1975 a 1984	145
Tabela 9 - Coberturas relacionadas à morte de 1985 a 1994	147
Tabela 10 - Coberturas relacionadas à morte de 1995 a 2004	149
Tabela 11 - Coberturas relacionadas à morte de 2005 a 2014	151
Tabela 10 - Coberturas relacionadas à morte de 2015 em diante.....	155

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. TEMPO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E JORNALISMO	22
2.1 DA MEMÓRIA VIVIDA À MEMÓRIA CONTADA.....	23
2.2 ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA NO JORNALISMO.....	27
2.3 DO ACONTECIMENTO À NOTÍCIA: OS PROCESSOS DE SELEÇÃO.....	30
2.4 TEMPO MIDIÁTICO: A ERA DO PRESENTE CONTÍNUO.....	36
3. DA MEMÓRIA DE PAPEL À MEMÓRIA DIGITAL	41
3.1 OS REPOSITÓRIOS DE MEMÓRIAS NA INTERNET	42
3.2 AS REMEMORAÇÕES NO JORNALISMO NA REDE.....	49
3.3 A AUTORREFERENCIALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE LEGITIMAÇÃO.....	52
4. A REDE GLOBO E A ESCOLHA PELO O QUE LEMBRAR	57
4.1 ENTRE RETROSPECTIVAS E SITES.....	57
4.2 O SITE “MEMÓRIA GLOBO”: <i>MEA CULPA</i> E A VERSÃO SOBRE A HISTÓRIA DO PAÍS.....	64
4.3 A LINHA DO TEMPO: UMA ESTRATÉGIA DE REMEMORAÇÃO.....	69
5. A LINHA DO TEMPO DAS COBERTURAS DO SITE “MEMÓRIA GLOBO”: MEMÓRIAS SELECIONADAS.	75
5.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	75
5.2 ANÁLISE DA LINHA DO TEMPO.....	77
5.2.1 Primeira linha do tempo - 1965 - 1974	78
5.2.2 Segunda linha do tempo - 1975 - 1984	83
5.2.3 Terceira linha do tempo - 1985 – 1994	89
5.2.4 Quarta linha do tempo - 1995 - 2004	93
5.2.5 Quinta linha do tempo – 2005- 2014	98
5.2.5 Sexta linha do tempo - 2015 +	101
5.3 A MORTE COMO PRINCIPAL VALOR NOTÍCIA	104
6. UM SITE DE CARA NOVA: A MEMÓRIA EM MOVIMENTO	109
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
9. APÊNDICE A - TABELA 1 - LINHA DO TEMPO DE 1965 A 1974	127
10. APÊNDICE B - TABELA 2 - LINHA DO TEMPO DE 1975 A 1984	129

11. APÊNDICE C - TABELA 3 - LINHA DO TEMPO DE 1985 A 1994	131
12. APÊNDICE D - TABELA 4 - LINHA DO TEMPO DE 1995 A 2004	135
13. APÊNDICE E - TABELA 5 - LINHA DO TEMPO DE 2005 A 2014.....	137
14. APÊNDICE F - LINHA DO TEMPO DE 2015 EM DIANTE	141
15. APÊNDICE G - TABELA 6 – COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 1965 A 1974	143
16. APÊNDICE H - TABELA 8 - COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 1975 A 1984	145
17. APÊNDICE I - TABELA 9 - COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 1985 A 1994.....	147
18. APÊNDICE J - TABELA 7 - COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 1995 A 2004	149
19. APÊNDICE K - TABELA 8 - COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 2005 A 2014	151
20. APÊNDICE L - TABELA 9 - COBERTURAS RELACIONADAS À MORTE DE 2015 EM DIANTE	155

1. INTRODUÇÃO

Todo avanço tecnológico resulta em uma mudança, seja ela política, cultural, ambiental, econômica ou social. As inovações têm como objetivo otimizar processos, promover uma maior integração entre as pessoas, melhorar a comunicação, estimular a criação de ideias, entre outros. Ao observar a história é possível notar que todos os pensamentos e descobertas científicas foram essenciais para que a sociedade se desenvolvesse e chegasse ao que se tem hoje. Contudo, não há como negar que a internet foi uma das tecnologias que mais revolucionaram as relações sociais. As fronteiras geográficas foram rompidas, as pessoas passaram a ter mais facilidade de contato umas com as outras. O ambiente online tornou-se um espaço de troca de conhecimento e de acesso a novas culturas, a novas linguagens e a novos pensamentos. Porém, ao mesmo tempo em que a internet promoveu toda essa mobilidade e interação, ela contribuiu para a fragmentação do espaço vivido e instaurou um novo regime de temporalidade, caracterizado pelo presentismo (HARTOG, 2013). A contemporaneidade passou a ser regida pela aceleração tecnológica, ou seja, por um tempo fluído, conectado, interrupto, no qual o imediatismo ganhou destaque. Diante desse contexto, o passado passou a ser utilizado como referência frente a essa realidade hostil.

A memória tornou-se objeto de disputa em diversos setores. No entanto, toda essa obsessão memorialística, despertou, também, o medo do esquecimento (HUYSEN, 2014). Diante desse contexto, as estratégias de rememorações passaram a ser criadas a fim de combater esse receio de amnésia. No âmbito comunicacional, nota-se que as empresas passaram a investir, ainda mais, em projetos de memória para legitimar suas mensagens no ambiente online e se tornarem pontos de referência para a sociedade. Produzindo e gerenciando o passado, elas começaram a criar um repertório de histórias próprio, conforme os seus valores e preceitos. Como é o caso da Rede Globo. Sabe-se que a emissora, desde a sua criação, em 1965, sempre investiu em programas de resgate do tempo, porém foi em 1998 que ela se propôs a criar o primeiro projeto focado, exclusivamente, na manutenção da memória. Nascia, então, a “Memória Globo”. Idealizado pela historiadora Silvia Fiuza, a iniciativa tinha como principal objetivo

produzir conteúdos e arquivos para preservar a história da instituição. Com o passar dos anos, o projeto se estendeu para o ambiente online e em 2008 foi criado o site que passou a reunir todos os conteúdos já produzidos pelo Grupo Globo, aí incluídos: livros, séries especiais, documentários, novelas, minisséries, entre outros. Além disso, outros materiais começaram a ser produzidos, exclusivamente, para a plataforma, como os vídeos contendo os depoimentos dos profissionais que já passaram pela empresa, que foram implementados no ano de 2012.

Levando em consideração que a história da mídia brasileira está, de certa forma, atrelada à história da Rede Globo, e que muito da memória social está relacionada aos produtos e materiais que ela disponibiliza, optou-se analisar, nesta dissertação, quais notícias que são rememoradas no site “Memória Globo”. Para isso, a pesquisa teve como foco a linha do tempo relacionada às coberturas jornalísticas no período de 1965 a 2018. A ideia principal foi verificar quais foram os assuntos lembrados, bem como as temáticas e os valores-notícias mais presentes ao longo desse tempo. Sabe-se que o processo de produção de notícias envolve múltiplas seleções e critérios que variam conforme os valores da organização jornalística, as fontes, o tempo e o espaço destinado àquela matéria, a escolha das perguntas feitas pelo próprio jornalista, a angulação dada aquele assunto, dentre outros fatores. Quando se trata do processo de produção de memória, esses critérios se tornam ainda mais complexos. Quais são os acontecimentos que ganham o status de históricos e memoráveis?

Sendo assim, logo no primeiro capítulo da pesquisa, buscou-se refletir sobre esse papel que o jornalismo sempre exerceu, desde a sua criação, no sentido da marcação histórica e da formação da memória na sociedade. De acordo com Barbosa (2006, pág. 1), o jornalismo “ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produz, a partir de critérios altamente subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor”. É por meio do jornalismo que são registrados fatos, testemunhos e padrões de comportamento. De acordo com Nora (1993) não há memória espontânea, daí a necessidade que as pessoas têm em criar arquivos, celebrar aniversários, organizar celebrações, estabelecer contratos, entre outros. O jornalismo, ao ser portador e produtor de um discurso que se propõe legítimo, no sentido de ser reconhecido, acaba ocupando lugar de destaque no processo de arquivamento e produção de memória. A discussão, apresentada terá como base autores como Pollak (1992), Ricouer (1996), Halbwachs (2006), Marialva

Barbosa (2004), entre outros. A questão da temporalidade e do regime de presente contínuo, intrínsecos à contemporaneidade, também serão debatidas.

O segundo capítulo irá trazer um panorama da memória no ambiente online. Afinal, como as narrativas saíram do papel e ganharam a internet? Como a informação passou a circular de forma mais intensa? Quais foram as plataformas que serviram de base para que essa comunicação se tornasse mais efetiva? Para isso, serão utilizados autores como Sibilia (2008), Burgess e Grenn (2009), Santaella (2013), Cunha (2011), Jenkins (2008), entre outros. O objetivo é mostrar, nessa etapa do trabalho, como que todo esse cenário foi decisivo para que as empresas de comunicação começassem, também, a se posicionarem de forma estratégica na internet.

Já o terceiro capítulo será destinado a contar a história da própria Rede Globo. Sendo assim, será traçado um percurso histórico desde a sua criação, na década de 1960, em pleno regime militar, até os dias de hoje. Serão lembrados alguns programas, já elaborados pela emissora, que tinham como objetivo resgatar o passado. O site “Memória Globo” também será apresentado de forma mais detalhada nessa sessão. As reflexões terão como base autores como Musse e Thomé (2015), Vianna (2019), Ana Paula Goulart (2005) e trechos de depoimentos dos próprios profissionais da emissora que foram coletados no próprio site.

O quarto capítulo será destinado à análise da linha do tempo relacionada às coberturas jornalísticas apresentadas no site “Memória Globo”, do ano de 1965 a 2018. Partindo da ideia que a mídia atua como “guardiã da memória” (BARBOSA, 2004) a partir do momento que privilegia determinadas narrativas em detrimento de outras, buscou-se investigar como o passado histórico é apresentado e quais são as temáticas mais rememoradas. Para isso, optou-se por utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011), que exige uma organização da análise em torno de três polos cronológicos: A pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Ao final da presente pesquisa, o site “Memória Globo” passou por uma mudança de layout e teve toda sua estrutura repensada. As abas foram repaginadas a fim de tornar a navegação do internauta melhor, dentre elas, destaca-se a aba relacionada à linha do tempo que foi o objeto de pesquisa dessa dissertação. Com a nova versão, disponibilizada em dezembro de 2019, o usuário tem a opção de filtrar pelo ano desejado ou pela letra inicial, os assuntos que deseja lembrar. Não há

mais uma ordem cronológica a ser seguida. No entanto, nota-se que os fatos destacados continuam os mesmos. O último capítulo dessa dissertação foi destinado a mostrar essas transformações. A plataforma, ainda, está em processo de mudança, não se sabe se novos conteúdos serão incluídos, porém, tal mudança, além de ser mais uma prova de que a memória na internet é algo fluído, comprova também a preocupação da emissora em conquistar um espaço de referência e autoridade no ambiente online.

2 . TEMPO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E JORNALISMO

Cada escolha induz a uma história. Ao decidir uma forma de narrar, ao colocar um ponto de vista, ao destacar determinados fatos em detrimento de outros, diversas versões narrativas são criadas. Nesse sentido, um mesmo acontecimento pode ser reverberado e interpretado de muitas maneiras. Este capítulo busca refletir sobre o papel que o jornalismo exerce, bem como, sobre a forma em que ele articula seu discurso na sociedade.

Sendo assim, logo no início, são feitas algumas considerações sobre os conceitos de história e memória que, embora possam parecer distintos, estão intimamente relacionados entre si e permeiam a cultura memorialística existente na contemporaneidade. Afinal, não há como falar dessa busca e dessa referência ao passado, sem refletir sobre esses dois conceitos.

Num segundo momento, coloca-se em discussão o papel do jornalista enquanto produtor de histórias e de memórias. A partir de autores como Marialva Barbosa, Ana Paula Goulart, Santa Cruz, entre outros, é feita uma reflexão a respeito dessa referência e desse sentido de autoridade que os meios de comunicação detêm.

Ainda neste capítulo, é feita uma análise da construção da notícia, matéria-prima do jornalismo, e responsável por fornecer toda uma visão de mundo para a sociedade. Por meio das teorias de comunicação e dos critérios de noticiabilidade, é possível perceber como o sentido histórico é todo construído por meio de seleções.

Por fim, a questão do tempo midiático é abordada a fim de trazer uma reflexão sobre as mudanças temporais que ocorreram nas últimas décadas e que influenciaram toda a sociedade.

2.1 DA MEMÓRIA VIVIDA À MEMÓRIA CONTADA

Nos últimos anos, nota-se que a memória tem sido objeto de disputa em diversos setores da sociedade. Há uma necessidade de resgatar práticas voltadas ao passado. De acordo com Huyssen (2000), essa onda memorialística teve início na década de 70, onde foi possível observar na Europa e nos Estados Unidos a restaurações de centros urbanos, a volta da moda retrô, o crescimento de romances

autobiográficos e históricos, entre outros. Ao pesquisar sobre o tema, é possível encontrar outros estudiosos que apontam que essa busca pelas memórias se deu, de fato, no final do século XX, devido às transformações que ocorreram na sociedade. O fim da guerra fria, a globalização e o desenvolvimento das tecnologias digitais teriam provocado uma perda das referências de identidades. Segundo Bauman (2001), todas essas mudanças teriam levado a sociedade a um processo de liquidez, no qual as pessoas já não formariam laços duradouros, e as relações seriam descartáveis e substituíveis. Tal processo é denominado pelo autor como “modernidade líquida”, onde o homem isolado se tornaria carente de experiências reais diante de um mundo marcado por disparos de informações sem sentido.

A memória social, vivida, que era concebida como algo natural, por meio das tradições, passou a disputar espaço com uma memória contada, acessível e exposta em todos os lugares, o que Pierre Nora (1993) denominou de “lugares de memórias”. Segundo o autor, esses espaços nascem da ideia de que não existe memória espontânea, daí a necessidade de criar em profusão “santuários de memórias”. É como se as transformações ocorridas ao longo dos tempos, causassem uma perda das referências memorialísticas.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, pois essas operações não são naturais. Se a história não apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares e memória. (NORA, 1993, p. 13).

Nota-se que na contemporaneidade, o passado passou a ser utilizado como um produto, que é comercializado conforme interesses distintos. De acordo com Nora (1993) tudo que é chamado, hoje, de memória, não é memória, mas sim história.

Quando menos a memória é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, P 14).

Para Nora (1993), embora, muitas vezes, memória e história sejam vistas

como equivalentes, elas se opõem. “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas [...]. (NORA, 1993, p9)”. Já a história, de acordo com o autor, seria a reconstrução de algo que não existe mais, uma representação do passado. Assim, todas as formas de preservação da memória, seriam, na verdade, formas de garantir a sobrevivência da história.

A discussão a respeito dos conceitos de memória e história é abordada por diversos autores e se faz necessária neste trabalho, por apresentarem características parecidas e, também, pelo fato de que ambas se alimentam uma da outra para coexistirem. Sem contar que o jornalismo utiliza e faz tanto história, quanto memória através das suas narrativas. Mas, afinal o que é história e o que é memória? Ao observar o passado, é possível perceber que a relação entre esses dois conceitos existem muito antes do que se possa imaginar. Na mitologia grega, por exemplo, a memória aparece como a deusa *Mnemosine*, que teria tido nove filhos com *Zeus*. Dentre seus progenitores, *Clio* aparece como a musa da história. Sendo assim, a história seria filha da memória. A memória como propriedade de armazenar e atualizar informações proporcionaria à história a possibilidade de narrar os fatos, tanto do presente, quanto do passado.

Para Halbwachs (2006), a memória de cada indivíduo seria a combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa. Segundo o autor, as memórias individuais são constituídas a partir dos “quadros sociais da memória” que funcionam como pontos de referências para a construção subjetiva das lembranças. São recortes que determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado. Tal conceituação proposta pelo autor é bastante esclarecedora, pois permite que se perceba como diferentes processos e pessoas interferem na construção da informação que será utilizada para formar uma “memória oficial”, como é o caso dos meios de comunicação. A mídia utiliza de recortes temporais para construir uma memória e apresentar uma história oficial. Pode-se dizer então que existe, sim, uma relação direta entre a memória individual e a memória coletiva, uma vez que não é possível que uma pessoa se recorde da história de um grupo com o qual as suas lembranças não se identificaram.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos, também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias

deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra, para que as lembranças que nos faz recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Já a história seria a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. Na visão do autor “a história só começa no ponto onde termina a tradição, no instante em que se apaga ou se decompõe a memória social” (HALBWACHS 2006, p. 38). Sendo assim, a necessidade de escrever a história começa a partir do momento que o homem se distancia do passado, ou seja, quando a memória não tem mais um grupo específico como suporte e precisa de outros meios para recordar.

Ao falar a respeito dessas conceituações, Le Goff (2003), em um primeiro momento, afirma que a história é dividida em duas. Segundo o autor, há a história da memória coletiva, que é constituída a partir dos grupos sociais, e a história dos historiadores, que dependeria de um saber adquirido profissionalmente. “Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa” (LE GOFF, 2003, p. 25). Para o autor, por se tratar de uma ciência, ela estaria sempre em constante mudança ao longo tempo, conforme as experiências culturais de cada período. Um terceiro termo, ainda é cunhado por Le Goff, na tentativa de relacionar o conceito de história com a contemporaneidade. Trata-se da “história-problema” que consideraria as dúvidas dos indivíduos do presente, conforme os problemas atuais. Essa seria uma história carregada de autocrítica, marcada por uma reinterpretação constante. Por fim, a respeito do conceito de memória o autor o define como uma representação do passado por aqueles que o vivenciaram, podendo ter um caráter individual ou coletivo.

Como é possível perceber, memória e história, durante muito tempo, caminharam em sentidos opostos. Enquanto a memória era vista como algo concreto, vivido e sagrado, a história era relacionada à crítica, ao conceitual. No entanto, na contemporaneidade, muitos autores já abordam as inter-relações existentes entre os dois conceitos. Para Burke (2000), o processo de seleção, interpretação e distorção dos acontecimentos são características de ambos. De acordo com ele, os historiadores precisam da memória como fonte histórica e como fenômeno histórico. A história oral, por exemplo, é uma técnica utilizada por muitos profissionais, que buscam, por meio de memória individual, reconstituir determinados

períodos da humanidade. Para Burke (2000), tanto a memória social, como a individual é seletiva, sendo necessário observar como essa seleção ocorre e como ela se transforma na passagem do tempo. “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (BURKE, 2000, p.73).

O pesquisador Fernando Catroga (2015), também traz uma contribuição importante a respeito dessa leitura do passado na contemporaneidade. Segundo ele, se por um lado a história produz suas narrativas e as sustentam por meio de provas, a fim de conferir valor científico, por outro a memória busca se aproximar do passado, acreditando na fidelidade do narrador aos fatos. Para o autor a memória é marcada por relações de alteridade, entre o silêncio e a recordação, entre o “eu” que narra no presente e o “eu” do passado, que já é outro. Afinal, as lembranças são modificadas com o tempo. Não há como se lembrar exatamente do que aconteceu, de como foi. É o sujeito que confere coerência e narrativa ao passado, conforme o tempo presente. Sendo assim, pode-se dizer que a memória produz suas próprias representações sobre os acontecimentos, transformando-os de acordo com as experiências vividas.

Para o autor não há memória sem vestígios e é a partir dos rastros deixados que o passado é reafirmado e comemorado. Cabe então, ao historiador escrever e contar as memórias e as tradições, a fim de conferir credibilidade e legitimação ao que é dito. Nesse sentido, é possível notar que tanto a história, quanto a memória são permeadas por relações de poder.

Só um cientismo ingênuo pode aceitar a existência de uma radical separação entre a retrospectiva da memória e a retrospectiva historiográfica, tanto mais que ambas não são exclusivamente criadas pela imaginação e, ainda que por vias diferentes, aspiram ao verossímil, seja por fidelidade ou por veridicção. [...] Pensando bem, as características apresentadas como típicas da memória (seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança, representação) encontram-se, igualmente, no trabalho historiográfico [...](CATROGA 2015, p. 53-54).

Como é possível observar, memória e história possuem muitas características em comum. Muitas vezes, elas se interrelacionam e se complementam. É como se uma precisasse da outra para sobreviver. No mais, cabe ressaltar, que na sociedade atual, onde tudo é transformado em objeto memorialístico, é importante

ficar atento a “memória apaziguada” que muitos grupos estão tentando moldar. Nesse sentido, os meios de comunicação exercem um papel fundamental. Assim, como a memória e a história, a mídia busca conduzir suas narrativas pautada na verdade e essa verdade, na maioria das vezes é apresentada como absoluta. Por isso, em tempos de rememorações, no qual narrativas são produzidas de forma intencional para comunicar interesses de grupos majoritários, é preciso desconfiar do que vem sendo contado.

2.2 ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA NO JORNALISMO

É imprescindível falar de jornalismo sem, ao menos, articular o seu conceito aos conceitos de história e memória. Afinal, ele exerce um papel fundamental na construção das mesmas, a partir do momento que define, entre tantos fatos, aqueles que serão lembrados e que serão esquecidos. Assim, assegurando relevância histórica a muitos acontecimentos, por meio da objetividade técnica, o jornalismo se apresenta como porta-voz da sociedade, revestindo-se de uma certa aura e se configurando como testemunha ocular da história. Como destaca Santa Cruz (2014), ao longo do tempo, diversos profissionais já faziam essa associação entre o tempo presente e o jornalismo. O filósofo e jornalista, Albert Camus, por exemplo, cunhou a frase “o jornalista é o historiador do instante”. Eliane Brum, repórter mais premiada no Brasil, se autodefine como a historiadora do cotidiano. Pode-se dizer, então, que o jornalista, se aproveita das suas próprias experiências para relatar os fatos.

Segundo Ana Paula Goulart (2008), o jornalismo é, antes de tudo, a negação do passado, na medida em que tem por função registrar o tempo presente e os fatos do cotidiano, falando sobre o inesperado, sobre o aqui e o agora. No entanto, ao produzir informação diariamente por meio das narrativas, a mídia acaba fazendo história e memória, servindo de fonte de preservação e investigação do passado. Não é atoa que muitas bibliotecas disponibilizam acervos antigos de jornais que servem como parâmetros para pesquisas históricas.

Essa referência à mídia é algo comum. Afinal, as pessoas só tomam por conhecimento aquilo que é publicado, geralmente, pelas grandes emissoras de comunicação. Apesar, de haver hoje em dia, mídias alternativas que fornecem

outras versões dos fatos, a fonte oficial, ainda continua sendo a grande mídia. Independente do canal de divulgação, há de se admitir que nenhuma narrativa é ingênua e imune a uma ideologia. Todo registro, todo discurso é dotado de sentido. Por isso, é fundamental investigar como se dá essa construção nos meios de comunicação, a fim compreender como o jornalismo produz uma ideia de memória e de história.

Grande parte das memórias existentes hoje em dia são filtradas e mediadas. Falando especificamente do jornalismo, como bem pontua Barbosa (2004), pode-se dizer que ele produz, diariamente, uma espécie de classificação do mundo para o leitor, ao selecionar os assuntos que devem ser lembrados em detrimento de tantos outros.

O jornal retém em sua estrutura assuntos que, em princípio, guardariam alguma identificação com o leitor. Entretanto, como não se pode informar a totalidade, o jornalismo seleciona e hierarquiza as informações tomando por base critérios subjetivos. A própria distribuição das notícias em eixos centrais de análise, onde informações em rubricas específicas produzem uma classificação permanente do mundo social para o leitor, mostra esta tendência. (BARBOSA, 2004, p.2).

O hábito de ligar à televisão, o rádio, a internet ou qualquer outro meio de comunicação a fim de se situar no mundo é algo comum na sociedade. Ninguém está imune às notícias. Todos querem saber as novidades e entender o tempo presente. Para Motta (2002) as notícias possuem a função de narrar à história contemporânea.

Por um lado, são informativas (ainda que impregnadas de elementos das ideologias e dos imaginários de quem a produz). Por outro, essas mesmas notícias instigam a imaginação dos leitores-receptores, que trazem para o ato de leitura toda a memória cultural de que são portadores. (...) O consumo de notícias veiculadas através dos jornais ou das emissoras de rádio e de televisão por uma grande parcela da população mundial é hoje um ato ritualístico que se repete diariamente, através do qual os indivíduos retomam regularmente o contato com a realidade caótica. Ler, ver ou ouvir notícias diariamente se incorporou à cotidianidade. (MOTTA, 2002, p.13).

Assim, reconstruindo o real, a partir dos critérios de noticiabilidade e de interesses mútuos, o jornalismo determina, no presente, o que deve ser lembrado no

futuro. Assumindo um caráter moral, de comprometimento, e com a promessa de dizer sempre a verdade, o jornalismo assegura o seu vínculo com a sociedade. Como bem pontua Barbosa (2004), ao ser capaz de transmitir uma informação e ao legitimar acontecimentos, os meios de comunicação passam a ser reconhecidos como um 4º poder, se configurando, também, como um dos “senhores da memória” na atualidade.

Como é possível perceber o jornalismo sempre esteve ligado à história e à memória, no entanto, nota-se que na contemporaneidade, as empresas de comunicação têm implementado, cada vez mais, projetos que visam preservar suas próprias versões do passado. São novos modos de pensar e narrar. Essa obsessão pela memória é marcada, principalmente, pelo medo do esquecimento, daí a necessidade de se criar “lugares de memória” (NORA, 1993) que sirvam se referência na contemporaneidade. Cabe ressaltar que não se trata, apenas, dos arquivos de jornais, que sempre existiram, mas sim, de projetos específicos que são elaborados com o intuito de realmente criar uma memória contada.

A Rede Globo desenvolve desde 1999, o projeto “Memória Globo”, que engloba um acervo com diversos documentos, entrevistas, vídeos, fotografias, entre outros, sobre os mais diversos produtos já feitos pela empresa do grupo da família Marinho, visando preservar a memória da organização. Dentre as iniciativas já realizadas destacam-se o “Almanaque da TV Globo”, lançado em 2006 que conta com os principais programas da emissora, desde a sua criação em 1965; o “Dicionário da TV Globo”, lançado em 2003, que traz em verbetes os programas já produzidos pela emissora; o livro “Jornal Nacional: a notícia que faz história”, publicado em 2004, que conta a história do principal telejornal da emissora, entre outros. Além desses produtos, destaca-se o site “Memória Globo”, objeto de estudo dessa dissertação, que foi lançado em 2008 e conta com conteúdos audiovisuais e textuais sobre os programas, coberturas e profissionais que já passaram pela rede de TV. Sem contar nos especiais e nos programas comemorativos que sempre existiram na TV aberta, como é o caso da “Retrospectiva”, que vai ao ar, anualmente, desde 1967, reunindo todos os acontecimentos que foram marcantes naquele período.

Pode-se dizer que essa apropriação da história e essa construção da memória se dão, muitas vezes, nesses marcos, nessas lembranças e nessas datas comemorativas. Segundo Berkowitz (2011), a partir daquilo que é mostrado, a

memória consegue fazer associações que auxiliam na compreensão dos acontecimentos presentes no seu contexto. Bergamo (2011) vai além ao afirmar que a memória da imprensa equivale à memória nacional, uma vez que elenca quais eventos devem ser apresentados como notícias e fatos históricos. O autor, ainda afirma que a memória se apresenta como um importante elemento constitutivo da autoridade jornalística, uma vez que a realidade só é formada a partir das impressões individuais do sujeito que a narra. “Ao transformar o próprio trabalho em fato extraordinário, o jornalista deixa de ser apenas uma testemunha e passa a assumir o caráter de protagonista dos eventos” (BERGAMO, 2011 p. 243). A fala do autor faz refletir sobre toda carga de sentido que está por trás de cada fato noticiado. A forma de abordar, de ver, de escrever, leva em consideração toda uma cultura profissional e, por vezes, camufla interesses organizacionais. A memória pode ser vista então como um fator determinante para a reputação das organizações, uma vez que atua fortalecendo a imagem das mesmas perante o público.

2.3 DO ACONTECIMENTO À NOTÍCIA: OS PROCESSOS DE SELEÇÃO

Contar histórias, mostrar a realidade através das notícias! Essa, talvez, seja a principal missão do jornalismo, que tem como propósito mostrar os acontecimentos do mundo como eles são. Informar as pessoas sobre o que as rodeiam. Seja um acidente que tenha ocorrido na Avenida mais movimentada da sua cidade, seja sobre um evento esportivo a nível nacional que está para acontecer, seja sobre um ataque terrorista que tenha ocorrido do outro lado do oceano, o fato é que maioria das pessoas possui uma leitura de mundo construída por meio das notícias que são veiculadas pela mídia. Nesse sentido, pode-se dizer que o jornalismo exerce forte influência na formação das memórias e na marcação do sentido histórico.

No entanto, nem sempre aquilo que é publicado repercute toda uma “realidade”. Sabe-se que as notícias são frutos de escolhas, de seleções que vão sendo feitas de acordo com uma série de critérios: seja por meio das pressões exercidas pelos gestores da empresa, pela busca do furo jornalístico, pelo fator tempo, pela alta competitividade, entre outros. Segundo Traquina (2005), o trabalho do jornalista é altamente condicionado, mas ao mesmo tempo é autônomo. “Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias e, por consequência, na construção da realidade.” (TRAQUINA, 2005, p.26).

Entende-se que não é possível compreender porque as notícias são como são, sem levar em conta a cultura profissional jornalística. Sendo assim, este subcapítulo busca em um primeiro momento, retomar algumas teorias que surgiram ao longo do tempo na tentativa de responder como as notícias são constituídas e, também, refletir sobre os acontecimentos midiáticos. Por meio dos estudos, que serão apresentados, será possível pensar no papel que o jornalismo vem desempenhando ao longo do tempo, “afinal, o jornalismo é um contra-poder ou um poder a serviço dos poderosos?” (TRAQUINA, 2005, p.25).

Um dos primeiros estudos que surgiram apresentavam os jornalistas como Davis da sociedade que tinham como função matar os “Golias” e trazer uma realidade pura, como se fosse um espelho que refletisse, apenas, o real. Os profissionais eram vistos como comunicadores desinteressados, imparciais, que procuravam informar e apresentar a verdade conforme ela era. De acordo com Traquina (2005), a teoria do espelho trazia em sua definição a crença social de que as notícias são como são, por refletirem a realidade de forma imparcial, seguindo normas profissionais.

Outro estudo importante relacionado à construção das notícias está relacionado a Teoria do Gatekeeper¹ que surgiu nos anos 50 nos Estados Unidos e foi elaborada por David White. De acordo com o autor dessa teoria, o processo de produção de notícias é feito a partir de uma série de escolhas e as informações precisam passar por “portões”, ou seja, por diversas áreas e pessoas, para, finalmente, virarem notícias. Esse percurso todo tem início desde a escolha da pauta, passando pela escolha das fontes, das perguntas, da forma de redação do texto, da edição, entre outros. “Se a decisão for positiva, a notícia acaba de passar pelo ‘portão’; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua ‘morte’ porque a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação” (TRAQUINA, 2005, pg. 150). Pode-se dizer que, de acordo com essa teoria, esse processo de seleção é sempre subjetivo e arbitrário, baseado no conjunto de experiências adquiridas por cada pessoa. É importante salientar que essa teoria, analisa as notícias, apenas, sob o ponto de vista individual, de quem as

¹ O termo “gatekeeper” foi criado pelo psicólogo Kurt Lewin, e faz referência à pessoa que toma decisões em sequência.

produz, ignorando outras dimensões importantes da profissão, como a própria questão burocrática das empresas.

Na tentativa de aumentar a perspectiva teórica, outras pesquisas surgiram ao longo dos anos, como a Teoria Organizacional, desenvolvida pelo sociólogo norte-americano, Warren Breed. O autor insere o jornalista no seu contexto de redação, demonstrando como os princípios organizacionais exercem forte influência na atividade profissional, fazendo com que a política editorial prevaleça sobre os valores individuais.

O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redator no que diz respeito às normas do seu trabalho. Quando o jornalista inexperiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual é a política editorial. Nem nunca será. Isto pode parecer estranho, mas as entrevistas, uma após outra, vieram-no confirmar”. (BREED, 1999, p.154).

Segundo essa teoria há um processo de socialização organizacional e não de profissionalização, no qual o jornalista aprende por “osmose” as regras da empresa e isso se reflete na produção das notícias. De acordo com Breed (2009), seis fatores promovem o conformismo com a política editorial da organização, são eles:

1º) A autoridade institucional e as sanções: Muitos jornalistas possuem receio de sofrerem com punições, do tipo ter seu texto reescrito, ser indicado para cobrir uma pauta “menos interessante”, entre outras. [...] O medo das sanções, mais do que a sua invocação, é um dos razões que levam ao conformismo (BREED, 2009, p. 157).

2º) Os sentimentos de obrigação e de estima aos superiores: Criam-se laços de amizade e de admiração com os superiores, tais sentimentos pessoais podem criar certo “conformismo”. [...] “Deve-se respeito aos jornalistas mais velhos que tenham servido de modelo aos caloiros ou que tenham, de qualquer outro modo, prestado ajuda” (BREED, 2009, p. 158).

3º) As aspirações de mobilidade: De acordo com Breed , muitos profissionais almejam cargos de destaques, por isso lutar contra a política editorial da empresa, pode ser um grande obstáculo. [...] “Todos concordam em que lutar contra a orientação política constituía um grande obstáculo para a consecução desse objetivo”. (BREED, 2009, p. 158).

4º) Ausência de grupos de lealdade em conflito.

5º) O prazer da atividade: A maioria dos jornalistas gostam da atividade que exercem, afinal a possibilidade de ser o primeiro a saber, de obter informações secretas e confidenciais encantam muitos profissionais. [...] “Muitos jornalistas poderiam concorrer a empregos melhor remunerados, na publicidade e nas relações públicas, mas permanecem no jornal”. (BREED, 2009, p.159).

6º) As notícias como valor: As notícias são um desafio constante. Às vezes os profissionais ficam tão obcecados em obter mais e mais notícias, que não têm tempo de lutar contra a política editorial. [...] “Em vez de mobilizar os seus esforços para estabelecer a objetividade sobre a política editorial, como o critério para a execução, as suas energias são canalizadas para a obtenção de mais notícias”. (BREED, 2009, p. 159).

Na década de 1970 surgiram novos estudos que começaram a abordar a relação entre o jornalismo e a sociedade. O papel social da notícia e a ideia do jornalismo como “Quarto Poder” começaram então a ser questionados. É nessa época que as Teorias da Ação Política surgem, partindo do princípio que o jornalismo sempre serviu a certos interesses políticos. Segundo Traquina (2005), na versão de direita, o jornalismo passa a ser visto como um instrumento que põem em causa o capitalismo. Já na versão de esquerda, o jornalismo passa a ser notado como um meio de ajudar a manter o sistema capitalista.

Nessa mesma época, as teorias construcionistas, começam a rejeitar claramente a teoria do espelho e, também as teorias das ações políticas, que vão defender as atitudes políticas como um fator determinante no processo de produção. Os teóricos dessa linha de pesquisa entendem as notícias como uma construção. Schudson (1993), afirma que as notícias não são ficcionais, mas sim, convencionais. “Considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as considerarem como correspondentes a realidade exterior”. (SCHUDSON, 1993, p. 265). Nessas teorias a dimensão cultural também passa a ser levadas em consideração. Nessa mesma linha, influenciado por inovações mercadológicas, surgem também as teorias estruturalista e interacionista. As duas rejeitam a teoria do espelho e concebem as notícias como resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais, aí incluídos: jornalistas, fontes de informação e sociedade. Segundo Traquina (2005), elas reconhecem que as notícias são narrativas, “estórias”, que são escritas conforme a cultura de cada profissional e, também, de acordo com a cultura da sociedade onde estão inseridos. Entende-se que o uso da pirâmide invertida, as

respostas as perguntas “quem?”; “onde?”; “o que?”; “por que?”; “pra quem?”; bem como todo o processo de edição, no qual se escolhe o enquadramento a ser dado, são responsáveis por dar vida ao acontecimento, contribuindo assim, para a construção da realidade.

Como é possível perceber, ao longo do tempo, diversos estudiosos tentaram, de alguma forma, explicar como as notícias são formadas e, ainda, assim, em pleno século XXI, não há uma conclusão definitiva. Entende-se, nesta pesquisa, que o produto final, a informação, o acontecimento, que será noticiado, é resultado de uma série de negociações que envolvem a organização jornalística, os próprios profissionais, as fontes e, principalmente, o fator tempo, que condiciona todo o processo de produção e que rege a sociedade, na medida em que faz de cada acontecimento um presente contínuo. Segundo Nora (2003) é importante observar essa atuação da mídia na contemporaneidade, uma vez que ela passa a exercer uma nova percepção de sentido histórico, buscando inserir novos acontecimentos de forma constante, diariamente, produzindo assim, o novo de forma permanente.

Assim como a história, o jornalismo organiza os fatos que devem ser contado e os que devem ser esquecidos. Mas, como afirma Traquina (1993), se o acontecimento tem a capacidade de criar a notícia, a própria notícia, relatada a partir do discurso jornalístico, também cria os acontecimentos. É o que o autor Adriano Rodrigues (1993), denominou de “meta-acontecimentos”. Ao narrar um acontecimento, o jornalismo produz, ao mesmo tempo, um novo acontecimento a partir do seu discurso. Sendo assim, pode-se dizer que a notícia vem à tona com objetivos implícitos, a fim de ser reconhecida e lembrada pela sociedade.

O meta-acontecimento não é, por isso, regido pelas regras do mundo natural os acidentes da natureza que atingem os corpos físicos cósmicos, como o cataclismos ou as inundações, nem os corpos individuais, como o nascimento e a morte, nem os corpos institucionais, das religiões, dos exércitos, das famílias, da produção, dos Estados. É regido pelas regras do mundo simbólico, o mundo da enunciação. (RODRIGUES, 1993, p. 30).

Sodré (2009) traz para o âmbito acadêmico uma discussão importante sobre os conceitos de fato e acontecimento. De acordo com ele, o fato é algo que pode ser percebido, mensurado e comprovado. Trata-se de um objeto real, que está ali para

que todos possam ver. Já o acontecimento seria responsável por dar sentido às coisas e seria revestido de uma narrativa.

Os acontecimentos são caracterizados hierarquicamente e podem ser diferenciados, de acordo com seu poder de afetar os indivíduos e de impregnar as situações de qualidades que as individualizam. Há, assim, grandes e pequenos acontecimentos, hierarquizados em razão de sua previsibilidade dentro de um sistema determinado. (SODRÉ, 2009, p. 34).

Alsina (2009), também, compartilha essa ideia do acontecimento enquanto uma construção social. Para a autora a realidade é compreendida por meio da interpretação. Assim, cabe ao sujeito conferir sentido ao que é visto.

Outra questão que merece destaque diz respeito à “pontuação rítmica” do acontecimento midiático. Segundo Sodré (2009), o fato é selecionado, marcado, por um ponto rítmico que é atribuído conforme os critérios de noticiabilidade e a cultura profissional do jornalista. Então, no momento da marcação de um fato leva-se em conta diversos fatores, tais como a relevância, a urgência em noticiar, entre outros.

No próximo tópico desta dissertação, será abordado a questão temporal dos acontecimentos. Afinal, como a mídia, através do seu discurso, reconfigura a noção de tempo na sociedade? Seria possível falar sobre um tempo midiático? (BARBOSA, 2014).

2.4 TEMPO MIDIÁTICO: A ERA DO PRESENTE CONTÍNUO

Cada vez mais, as mídias oferecem aos indivíduos possibilidades de experiências múltiplas do tempo. Mas, compreender tal conceito na sua totalidade, não é tão fácil quanto se imagina. Ao recorrer à história é possível encontrar uma série de teóricos que tentaram, de alguma forma, definir o tempo. Isaac Newton (1643–1727), por exemplo, criou o conceito de tempo absoluto, verdadeiro, matemático que flui de maneira constante e uniforme. Já Kant (1724-1804), na posição oposta, supôs o tempo como um dado subjetivo, pertencente à natureza humana, sem que o homem pudesse controlá-lo ou modificá-lo. No século XX, Albert Einstein (1879–1955) elaborou a teoria da relatividade e mostrou que o tempo é relativo uma vez que pode ser “sentido” de maneira diferente por cada pessoa. Porém, foi o sociólogo Norbert Elias (1897-1990) que trouxe a ideia do tempo social.

Para este estudioso, o tempo não existe em si, ele é antes de tudo um símbolo social e não pode ser encarado como um dado objetivo.

Na verdade, a experiência do tempo como um fluxo uniforme e contínuo só se tornou possível através do desenvolvimento social de medição do tempo, pelo estabelecimento progressivo de uma grade relativamente bem integrada de reguladores temporais, como os relógios de movimento contínuo, a sucessão contínua dos calendários anuais e as eras que encadeiam os séculos (...). Quando faltam instrumentos, essa experiência do tempo também fica ausente. (ELIAS, 1984, p.36).

Segundo o autor, a ideia de tempo é adquirida pelo grupo social ao longo de um processo de aprendizagem que é passado de geração em geração. Sendo assim, uma suposta sociedade, que desconhecesse, a princípio, a noção de tempo, dificilmente seria capaz de produzir conceitos como sequência, regularidade, continuidade etc. A noção de presente, passado e futuro, também, só é compreendida a partir da experiência social.

As expressões “passado”, “presente” e “futuro”, apesar de também designarem o caráter anterior ou posterior dos acontecimentos, são simbolizações conceituais relativas a relações não causais. Aqui, uma certa maneira de viver as sequências de acontecimentos é incluída na síntese conceitual. (...) O que constitui o passado funde-se sem ruptura com o presente, assim como este se funde com o futuro. Podemos ver isso com clareza quando o futuro, transformado em presente, transforma-se, por sua vez, em passado. É somente na experiência humana que se encontram essas grandes linhas demarcatórias entre “hoje”, “ontem” e “amanhã”. (ELIAS, 1984, p. 66).

Pode-se dizer, então, que o tempo social é uma construção sócio-histórica decorrente do estabelecimento de relações que são compartilhadas por indivíduos e grupos sociais. Como bem pontua Elias (1998, p. 17), “o tempo tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico”.

Durante a revolução científica e industrial nos séculos XVII e XIX, novas técnicas de produção surgiram e impactaram, não apenas, as relações sociais, mas, também, provocaram mudanças importantes no controle e na manipulação do tempo. A invenção do relógio mecânico, por exemplo, introduziu uma maior precisão, o tempo passou a ser marcado pela sincronicidade, pela linearidade e pela

uniformidade. Além disso, trouxe a ideia do tempo cronológico, aquele capaz de ser mensurado, de ser contado. Neste período, o tempo passou a ser encarado como cíclico ou linear, sendo submetido a uma escala de medidas. É importante destacar que a concepção de tempo cronológico existe desde a Antiguidade. Para Aristóteles (1996) o tempo era apreendido juntamente com a percepção do movimento, sendo ele a sua medida.

Na sociedade contemporânea, o tempo não é mais definido pela linearidade, não é algo mensurável e previsível, mas sim, fragmentado, intensificado, acelerado e integrado. Segundo Hartog (2014), a experiência que se tem hoje é do presente perpétuo, ou seja, de um presente sem fim. Nos meios de comunicação, esse presentismo pode ser notado por meio do fluxo incessante de informações que aparecem nas múltiplas narrativas e acaba demarcando a lógica do “tempo real”, do imediato, do interrupto. Nota-se que o discurso midiático passou a produzir um tempo fluído por meio dos acontecimentos que são atualizados a todo momento.

O presente passa, então, a ser o foco central na medida que projeta um futuro e , ao mesmo tempo, cria a ideia de preservar os “lugares de memória” (NORA, 2003), na tentativa de ter espaços físicos, ou não, que sirvam de referência para a sociedade. Daí essa vontade de arquivar tudo o que é vivido. A mídia, por sua vez, na tentativa de legitimar suas narrativas acaba recorrendo, também, ao passado para assegurar veracidade ao que transmite. Essa reconstrução da história pode ser vista nas retrospectivas e em projetos memorialísticos como é o caso do próprio “Memória Globo” que por meio dos conteúdos que produz, busca assegurar sua veracidade e credibilidade a fim de servir como referência para o futuro.

Nesse jogo entre presente e passado, muitos acontecimentos acabam ficando de lado. Segundo Marialva Barbosa (2006) é importante refletir sobre o sentido da história que é apresentado pela mídia. Sob a condição de 4º poder na sociedade, percebe-se que eles produzem um discurso sobre o passado pautado em uma verdade inquestionável, selecionando os fatos e apresentando-os como verdade histórica. Isso pode ser observado, não apenas, no jornalismo, mas também no setor de entretenimento.

A multiplicação das marcas escriturárias do passado – as roupas, os utensílios, os adereços, as paisagens etc. – nas produções ficcionais da televisão é exemplo dessa apropriação narrativa. Constroem, enfim, passagens imagéticas em direção ao tempo pretérito. Mas não

um passado qualquer, e sim o passado verdadeiro. (BARBOSA, 2014, p.23).

Criando quadros de referências, os meios de comunicação, na contemporaneidade, passam a construir, ainda mais, as percepções de mundo na sociedade por meio dos acontecimentos que se tornam matéria prima para que toda essa narrativa seja construída. Para Elias (1998) muito daquilo que as pessoas entendem por realidade está relacionado aquilo que a mídia apresenta como real.

Seus discursos são construídos com o intuito de nortear nossa percepção no presente, relacionando-o àquilo que ocorreu e que estará por vir. A própria prática do jornalismo procura articular a temporalidade de forma que possa garantir inteligibilidade aos fatos que se sucedem, pela capacidade que temos de identificar em nossa memória “acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso”. (ELIAS, 1998, p. 33).

Segundo Elton Antunes (2007), o acontecimento jornalístico engloba diferentes temporalidades. Ao construir um relato a partir de um fato, ele demanda interpretação conforme o contexto que é apresentado. Sendo assim, ele acaba articulando passado, presente e futuro, constituindo a ideia de um “triplo presente”, ou seja, para que a notícia ganhe sentido no presente, é necessário ancorar no passado e projetar um futuro. Na contemporaneidade, a atualidade não pode mais ser vista apenas como algo que está ocorrendo, sob uma única dimensão temporal, mas sim, a partir de outros fluxos temporais.

Os tempos que vivemos na atualidade não são, necessariamente, contemporâneos entre si. A mídia conforma uma temporalidade – o presente – mas é atravessada por outros tempos (passado/futuro), em um processo concomitante de sedimentação e estilização dos tempos. A mídia curto-circuita os tempos: ao mesmo tempo em que ela é padronizadora do tempo atual – ritmo e ordena cronologicamente o cotidiano –, ela põe também em circulação representações de relações temporais diversas, fazendo emergir outros tempos de outros estratos. São, no mesmo movimento, camadas superpostas e atravessadas. Para tornar os tempos contemporâneos à experiência, a mídia dá visibilidade a tempos não contemporâneos. Daí que a mídia não apenas transporte o tempo; ela engendra relações temporais. (ANTUNES, 2007, p.289).

Ao entender essa questão é possível reconhecer as estratégias narrativas que são utilizadas pelos meios de comunicação. De acordo com Vitalis (2005), o presente inserido na notícia é um presente “ofegante”, na medida em que “o acontecimento caça o acontecimento e onde a informação dada é relevante apenas durante um curto lapso de tempo” (VITALIS, 2005, p.13). Por outro lado, trata-se de um presente “fabricado” uma vez que os relatos são produzidos com finalidades distintas, conforme interesses de grupos específicos, e, também, “sobrecarregado” pois satura a experiência social ao apresentar uma enxurrada de acontecimentos de forma constante.

Como é possível perceber, a aceleração do tempo, ocasionada pelo desenvolvimento das tecnologias e pelas diversas transformações políticas, sociais e econômicas que ocorreram no final do século XX, modificaram as relações temporais existentes e, também as experiências sociais. São novas formas de trabalho, novas formas de pensar, novas formas de agir e novas formas de lembrar. De acordo com Marialva Barbosa (2006), a sociedade passou a ser regulada por novos artefatos que produzem uma sensação de continuidade.

Assiste-se a eclosão de uma cultura memorialística, na qual é necessário trazer o passado para ser incluído no presente. Por outro lado, o futuro passa a ser vivenciado como realidade plausível do próprio presente, criando-se um presente estendido na direção de um passado presumido e de um futuro irrealizável. (BARBOSA, 2014, p.34).

Diante deste contexto, pode-se, então, dizer que as narrativas produzidas pelos meios de comunicação passam a instaurar um novo tempo que acaba por interferir em todos os setores e em todas as relações sociais.

3. DA MEMÓRIA DE PAPEL À MEMÓRIA DIGITAL

A memória dos grupos sociais humanos sempre esteve submetida às técnicas de armazenamento de informação. De acordo com Mitchell (2006), na sociedade sem escrita, o cérebro era a única mídia que servia para a preservação e para a difusão do conhecimento. Através dos relatos, tradições e crenças eram passadas de geração em geração. Esse processo ajudava, não apenas, na construção das lembranças, mas também na formação das identidades. Assim, por intermédio da história local, uma aldeia ou uma cidade buscava sentido para a sua própria natureza. Além disso, as mensagens dessa época ficavam circunscritas no mesmo tempo e lugar onde eram transmitidas, não havendo muitas possibilidades para difusão, das mesmas, em outras localidades. Com a passagem da oralidade para a escrita, a memória começou a se materializar em suportes manuscritos e em materiais, como pedras, grutas, entre outros. Posteriormente, com a invenção da prensa do tipo móvel por Gutenberg, por volta de 1450, os textos escritos passaram a ser produzidos em massa através das técnicas de impressão. Eles rapidamente se espalharam pelo mundo e a memória passou, então, a ficar mais registrada e disponível.

Ao longo dos anos, outras invenções provocaram mudanças significativas no cotidiano da sociedade. A revolução nos sistemas de transportes e no sistema de transmissão de informações intensificou a velocidade e a quantidade de dados em circulação, o que contribuiu para a melhoria de vários serviços e para a criação de tantos outros, tais como: linhas férreas, locomotivas e navios a vapor, automóveis, estradas, entre outros. No âmbito comunicacional, nota-se o aparecimento do telégrafo, do telefone, do rádio e da televisão. Todas essas inovações estabeleceram um novo tipo de relação entre as pessoas que passaram a se comunicar de forma mais efetiva, independente da distância. No entanto, foi com a criação e com o desenvolvimento da internet², na década de 1970 nos Estados

² A rede mundial de computadores surgiu nos Estados Unidos (EUA), na década de 1970, durante o período da Guerra Fria. Criada, inicialmente, com o objetivo de manter a comunicação entre os militares, em caso de ataques inimigos, a internet, rapidamente, se espalhou e começou a ser utilizada, também, para fins acadêmicos. No entanto, foi apenas na década de 1990 que ela começou a se espalhar pelo mundo. Nessa época, o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a *World Wide Web*, o que possibilitou a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites um pouco mais dinâmicos. Essa fase ficou

Unidos (EUA), que as noções de sociabilidade e de memória ganharam outras configurações. Os vestígios do passado que antes podia ser encontrado, apenas, em museus, arquivos e bibliotecas ganhou novos espaços. São novas formas de escrever, de se comunicar e de interagir.

Sendo assim, apesar do objetivo principal desta dissertação estar relacionado a memória que os meios de comunicação, neste caso, a Rede Globo, vem construindo no ambiente online, é fundamental analisar como estão sendo constituídos os novos “lugares de memória” na internet.

3.1 OS REPOSITÓRIOS DE MEMÓRIAS NA INTERNET

Como bem pontua Motta (2004), as narrativas são metáforas da vida e possuem a capacidade de representar a sociedade. Neste sentido, pode-se dizer que a partir daquilo que é contado criam-se laços de pertencimento e comunidades específicas em torno de interesses comuns. A chegada da internet e das tecnologias digitais ao mesmo tempo em que possibilitou uma maior troca de informação entre as pessoas, produziu uma espécie de fragmentação. Se por um lado é possível notar uma oferta grande de conteúdos, por outro, como bem pontua Nora (1993), observa-se certo distanciamento das tradições locais e uma perda das identidades. As relações sociais passaram a ser múltiplas e instantâneas, tornando as pessoas carentes de experiências mais duradouras. Diante desse contexto, o passado se tornou um refúgio e os “lugares de memórias” (NORA, 1993) se multiplicaram.

Cada indivíduo se tornou um potencial produtor de lembranças, de testemunhos. Cada um quer contar sua própria história, dar seu próprio relato. Recuero (2009) destaca que entre as mudanças que a Internet trouxe à sociedade, a mais significativa é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador. Por meio delas, as pessoas conseguem produzir, interagir e comunicar umas com as outros, deixando rastros e vestígios por onde passam. Sendo assim, observa-se que o mundo passou a fluir não apenas de modo continuado, mas também em forma multilinear e personalizável.

conhecida como web 1.0. Vale destacar que no Brasil o acesso comercial aconteceu em 1996, quando surgiram vários provedores de acesso e um aumento no número de usuários. (ASA BRIGGS; PETER BURKE, 2016).

Ao estudar sobre os processos narrativos no ambiente online, verifica-se que este começou aos poucos, de forma tímida. A internet surgiu na década de 70 e era utilizada, a princípio para fins militares, porém em pouco tempo ela começou a ser utilizada, também para fins acadêmicos. Porém, foi apenas na década de 1990 que ela se espalhou pelo mundo e começou a ser utilizada de forma comercial. A princípio a produção e a interação dos usuários estavam restritas ao desenvolvimento de alguma página pessoal, no formato HTML³. Com a melhora na tecnologia começaram a surgir os primeiros blogs, uma espécie de diário pessoal desenvolvido nas telas dos computadores. Um dos primeiros blogs foi desenvolvido pelo brasileiro Claudio Pinhanez em 1994 que, na época, trabalhava no MIT Media Lab⁴. Chamado de “Open Diary⁵” ou “Diário Aberto” ele tinha como principal objetivo documentar acontecimentos do dia a dia da vida do brasileiro. No mesmo ano surgiu o Links.net, criado por um estudante americano chamado Justin Hall, que tinha basicamente o mesmo papel: falar sobre coisas do seu interesse, dos mais diversos temas. A popularização desse formato aconteceu em 1999, quando ele passou a ser utilizado, não apenas como um diário íntimo, mas também como uma nova ferramenta de comunicação por jornalistas e por profissionais dos mais diversos setores. Essa primeira fase da internet ficou conhecida como web 1.0. Com o passar dos anos, novos estudos foram sendo desenvolvidos e novas tecnologias criadas. Nesse meio tempo aconteceu outra evolução na história da internet que modificou o modo de interação das pessoas e provocou mudanças significativas no fluxo comunicacional: a criação da Web 2.0. Diversas plataformas, para troca de conteúdos, foram criadas, tais como *Youtube*, *Orkut*, *Facebook*, *Flickr*, *Wikipédia*, *Picasa*, *Twitter*, *Instagram*, entre outras. Os *blogs* também foram melhorados e passaram a ser utilizados não apenas como um diário pessoal, mas como um

³ O HTML é uma das linguagens utilizadas para desenvolver websites. O acrônimo HTML vem do inglês e significa Hypertext Markup Language, em português Linguagem de Marcação de Hipertexto. É a linguagem base da internet. Foi criada para ser de fácil entendimento por seres humanos e também por máquinas, como por exemplo, o Google ou outros sistemas que percorrem a internet capturando informação. Disponível em: <https://www.significados.com.br/html/>. Acesso em: 10/10/2019.

⁴ O Media Lab faz parte do departamento de pesquisa da escola de arquitetura e Urbanismo da IT(Massachusetts Institute of Technology). Ele foi fundado pelo professor da MIT Nicholas Negroponte em 1980, juntamente com o ex-presidente do MIT Ciência, e conselheiro do presidente John F. Kennedy, Jerome Wiesner.

⁵ Disponível em: super.abril.com.br/blog/superlistas/os-5-primeiros-blogs-da-internet/ . Acesso em: 10/11/2019.

grande gerador de negócios por empresas. Segundo Recuero (2009), os blogs possibilitaram uma participação mais ativa das pessoas.

Os *blogs* trazem a construção de uma rede de relações. O leitor de um texto, por exemplo, é convidado a verificar a sua fonte (através de um link), observar a discussão em torno do assunto (através dos comentários), é convidado a ler outros textos que tratam do mesmo assunto em outros *blogs* (através do *trackback*) e pode, inclusive, fazer suas próprias relações através de uma participação ativa como comentarista ou como blogueiro, em seu próprio *blog*. (RECUERO, 2009, p.57).

A criação de espaços de autoria aumentou, as pessoas passaram a ter mais possibilidades de produzir e compartilhar seus próprios conteúdos, tornando-se parte do processo como um todo. Nesse meio tempo, a evolução dos dispositivos móveis cresceu, surgiram os *tablets*, os *smartphones*, entre outros. Todo esse cenário fez surgir o que Jenkins (2008) denominou de cultura participativa, um fenômeno que caracteriza a produção e distribuição de conteúdos, de modo colaborativo, para diferentes comunidades de interesse. Segundo o autor, o consumo se tornou um processo coletivo, e a convergência passou a ocorrer dentro dos cérebros de consumidores, em suas interações sociais com os outros. Junto às mudanças de comportamento do público e ao fluxo de conteúdos nos diferentes suportes surgiu, também, a ideia de “cultura da convergência” (Jenkins, 2008). Segundo autor, as pessoas passaram a assistir os materiais ofertados pela mídia de forma ativa, se apropriando de plataformas e de ferramentas disponibilizadas na rede para buscar outras experiências de entretenimento e informação.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdo através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2008, p. 27).

A convergência pode ser entendida como um fenômeno cultural, produto de uma demanda coletiva, onde cada um participa de forma ativa do processo de construção do conhecimento. Há uma alteração no processo cognitivo de construção da informação. Para o autor a transformação ocorre, de fato, a partir do momento em que as pessoas começam a se apropriar das tecnologias, dando a elas um significado e uma utilidade simbólica e material. Pode-se dizer, então, que o

processo da convergência não envolve apenas questões comerciais e tecnológicas, mas principalmente questões culturais.

As tecnologias abriram um leque de possibilidades de interação e, conseqüentemente, uma maior profusão de produção de conteúdos alternativos.

As novas tecnologias e as redes sociais revolucionaram os modos de produção de conteúdo e abriram novas possibilidades de divulgação, retirando da imprensa tradicional o monopólio na construção da notícia, até então detentora do poder de apresentar seu olhar sobre os fatos, e de selecioná-los. (THOMÉ, 2013, p. 143).

A começar pelas próprias câmeras de vigilância nos espaços públicos que passaram a ser utilizadas como fonte de informação para a construção de muitas notícias. O registro do cotidiano passou a fazer parte do dia a dia de muitas pessoas que passaram a relatar os acontecimentos a partir dos seus próprios pontos de vistas. Seja com microcâmeras ou com aparelhos celulares, o fato é que a produção de informação aumentou.

Falando, especificamente, de conteúdos jornalísticos, houve a criação de canais de comunicação independentes, como o grupo Mídia Ninja⁶. Criado durante as manifestações de junho de 2013, o coletivo se lançou na internet a fim de construir “uma rede nacional de jornalismo independente”, baseado em uma lógica colaborativa, na qual diversas pessoas têm a possibilidade de registrar suas próprias versões sobre os fatos. Dentre os canais de comunicação destaca-se, ainda, o Nexo⁷, um jornal digital independente, criado em 2015, que veio com a promessa de oferecer notícias mais contextualizadas. Com sede na cidade de São Paulo (SP), o jornal é composto por uma equipe de 30 pessoas com diferentes formações e habilidades. Segundo Martín-Barbero (2008), o processo de criação se tornou mais interessante a partir do momento em que as pessoas conseguiram interagir com outras pessoas com interesses semelhantes, sem restrições geográficas e temporais. Nota-se que a comunicação passou a estabelecer um diálogo de nicho, para públicos específicos.

⁶ Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 12/11/2019.

⁷ O jornal não recebe publicidade, a principal fonte de renda são as assinaturas. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/sobre/Sobre-o-Nexo>. Acesso em: 12/11/2019.

No que se refere às redes sociais⁸, observa-se que o *Facebook* se tornou um grande agregador de memórias. Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, então alunos da Universidade de Harvard, ele tinha como principal objetivo se configurar como um espaço de relacionamento entre as pessoas. Porém, como o passar do tempo e com o crescimento expansivo, ele se tornou um grande arquivo de histórias. Por meio de mecanismos próprios, ele permite o armazenamento e compartilhamento de fotos, vídeos, comentários e textos na “Linha do Tempo” dos perfis e páginas cadastradas. Em 2019 a rede social já contava com aproximadamente 2,3 bilhões⁹ de usuários cadastrados. A quantidade de informações produzidas pelos indivíduos e pelas empresas, que fazem parte dessa rede social, é bastante relevante. De acordo com Cunha (2013), as imagens e os registros das narrativas desenvolvidas por essa grande massa, que falam sobre outras pessoas, sobre lugares, sobre produtos e sobre marcas ficam conectados virtualmente e assumem um caráter documental, contribuindo assim, para a formação de uma grande memória organizada virtualmente.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização. (CUNHA, 2011, p.113,114).

Para Rosali Henriques (2017), a produção e reprodução de registros nas redes sociais levam a um excesso de informação que, quando disseminada, acaba contribuindo para a preservação da memória digital. De acordo com Santaella (2013), às redes sociais, de uma forma geral, atuam como extensões das identidades de cada pessoa e constituem novas experiências de subjetivação. Cada

⁸ Recuero (2009) aponta que o site de rede social é um espaço utilizado para a expressão das redes sociais na internet, pois permite a visibilidade dessas redes e a manutenção dos laços sociais já existentes na vida offline. Os atores sociais – pessoas, instituições, empresas, marcas e demais grupos – e as conexões – os laços sociais ou as interações estabelecidas nesse ambiente – são as duas dimensões que embasam o funcionamento desses sites (RECUERO, 2009)

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml> . Acesso em: 12/11/2019.

usuário tem a possibilidade de produzir seus próprios conteúdos, acessar outros e interagir com um número máximo de pessoas. Segundo a autora, cria-se a partir dessas vivências uma espécie de identidade digital. Assim, atuando como uma extensão da memória humana, as redes permitem a recuperação e disseminação de diversos dados, seja do passado ou do presente. Além de disseminar essas memórias instantâneas, o *Facebook* tem possibilitado a recuperação e atualização de fatos do passado, não apenas de usuários, mas principalmente de organizações, que vêm rememorando acontecimentos históricos e construindo uma memória ressignificada.

Outra rede social que está entre as mais utilizadas no mundo é o *Youtube*. Criado em 2005, a princípio ele era considerado apenas uma plataforma de repositório de vídeos, hoje configura-se como uma ferramenta de expressão corporal, como bem pontua Burgess e Grenn (2009). Cada internauta tem a possibilidade de utilizar o *Youtube* como quiser. Assim é possível encontrar desde pessoas comuns até personalidades de sucesso mundial; desde vídeos caseiros até produções mais elaboradas por grandes indústrias; o que demonstra o grande potencial que o espaço possui, principalmente, com relação à cultura participativa. De acordo com os autores, a plataforma representa uma ruptura com os modelos já existentes, consagrando-se como um novo ambiente midiático, onde novos modelos de negócios surgem reconfigurando as relações entre mídia alternativa e mídia comercial de massa. Segundo dados divulgados pela própria plataforma¹⁰, em 2019, foram registrados 1,8 bilhões de usuários por mês.

Segundo Puhl e Araújo (2002), o armazenamento é uma das principais características do *Youtube*, uma vez que ele permite que vários vídeos sejam cadastrados de uma só vez. Outro ponto levantado pelas autoras é com relação à categorização que é considerada um dos mecanismos que constituem a memória. As pessoas atribuem sentido ao conteúdo vinculando palavras-chave a ele, o que ajuda no sistema de busca. A facilidade de acesso e de compartilhamento de vídeos é também ressaltado pelas autoras como um diferencial. Por meio de links é possível veicular as produções em outras plataformas como blogs, redes sociais e sites promovendo uma interconexão entre elas. Tudo isso contribui para a formação

¹⁰ Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/youtube-ja-tem-mais-de-18-bilhao-de-usuarios-ativos-por-mes-113174/>. Acesso em: 10/09/2019.

de um imenso banco de dados que é alimentado constantemente.

Vale a pena falar também sobre o *Instagram*. A rede social foi criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, e rapidamente se popularizou. Em 2012 ela foi adquirida pelo *Facebook* e em 2019 atingiu a marca de 1 bilhão de usuários cadastrados, se caracterizando como um espaço de postagem e compartilhamento de fotos e vídeos. De acordo com Sibilia (2008) estes relatos legitimam a existência das pessoas dentro e fora da rede social. É como se um momento vivido só fosse “efetivamente vivido” quando postado.

A espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, com todo um arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade para “ficar bem na foto”. As receitas mais efetivas emulam os moldes narrativos e estéticos de tradição cinematográfica, televisiva e publicitária, cujos códigos são apropriados e realimentados pelos novos gêneros que proliferam na internet. (SIBILIA, 2008, p. 50).

Ainda segundo a autora, as imagens que são postadas na web acabam se constituindo em práticas de documentação da vida, permitindo o arquivamento permanente das lembranças. Mariana Musse (2018) ressalta que as transformações ocorridas na forma de armazenar as fotografias, criam, também, uma nova forma de sociabilizar, conectando as pessoas que através das suas postagens acabam revivendo, criando e contando histórias. Outras ferramentas digitais tais como o *snappchat*¹¹, o *twitter*¹² e o *whatsapp*¹³ também estão sendo utilizados para gerar novos relatos na atualidade. Observa-se que a exposição da vida pessoal por meio de depoimentos, engajamentos, campanhas, entre outros, tornou-se um hábito. Tudo é contado em tempo real. Assim, rebobinando a própria vida, costurando fragmentos, recortando lembranças e editando imagens, um grande arquivo de

¹¹ O Snapchat é uma rede social de mensagens instantâneas voltado para celulares com sistema Android e iOS criada e desenvolvida por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford. O app pode ser usado para enviar texto, fotos e vídeos e o diferencial é que este conteúdo só pode ser visto apenas uma vez, pois é deletado logo em seguida, se “autodestruindo” do app.

¹² O Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 280 caracteres.

¹³ O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

recordações vem sendo criado e disponibilizado.

Essas novas narrativas que emergem na internet não se restringem às pessoas comuns, mas também às organizações jornalísticas que estão buscando novas formas de trabalhar o conteúdo no ambiente on-line na tentativa de não apenas atrair a atenção do público, mas, também, de construir uma memória autorreferencial. A possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a apresentar a informação, contribui para mudanças de formato e de linguagem nos produtos oferecidos pelas empresas de comunicação. Segundo Palacios (2009), nota-se um movimento de abertura que possibilita o incremento da participação do usuário no âmbito dos produtos gerados pelas grandes empresas de comunicação. O próximo tópico será destinado a discorrer sobre essas transformações.

3.2 AS REMEMORAÇÕES NO JORNALISMO NA REDE

Como foi visto no início desta dissertação, o jornalismo sempre trabalhou com setores de memória. Os materiais produzidos para o rádio, para a televisão e para os jornais impressos, tais como vídeos, áudios, fotografias, entrevistas, entre outros; eram arquivados e serviam como fonte de pesquisa para estudantes, historiadores e, até mesmo, para os profissionais da área. Algumas empresas acumulavam esses materiais em depósitos, sem nenhuma preocupação aparente, outras organizavam com mais cautela, como era o caso do Jornal do Brasil que foi um dos pioneiros na criação desse tipo de setor. Em 1964, ele implantou um departamento de pesquisa que servia, não apenas, para empilhar os arquivos já utilizados, mas também, para produzir novos conteúdos a partir daquilo que estava armazenado. Segundo Dines (2009), que foi editor-chefe do jornal por 12 anos, o intuito era colocar todos aqueles dados a serviço da reportagem, do público.

Nossa nota original foi a criação de uma equipe de redatores e consultores de alto nível, aptos a produzir, além do levantamento de dados, material extensivo de apoio para melhor circunstanciar o noticiário. (...) A pesquisa, na sua fase mais criativa, sob a direção do jornalista Roberto Quintaes, passou, assim, a adiantar-se aos acontecimentos, produzindo features no campo da filosofia, ciência, política, estratégia, arte e cultura que tornaram a rubrica famosa em todo o país. (DINES, 2009 p. 90-91).

A iniciativa do Jornal do Brasil serviu de incentivo para que outros projetos começassem a surgir. No entanto, foi apenas no final da década de 90, com a consolidação da internet no Brasil, e com o desenvolvimento das tecnologias digitais que novas propostas e novas possibilidades de trabalhar a memória começaram a aparecer. Nota-se que passou a existir uma preocupação maior com a produção de materiais de cunho memorialístico. Isso pode ser observado em diversas empresas, não apenas, na Rede Globo que começou com projeto “Memória Globo”¹⁴ em 1999, dando origem ao site em 2008, mas, também, em empresas como o jornal “O Estado de São Paulo”¹⁵ e a revista “Veja”¹⁶; ambos passaram a resgatar o passado no ambiente online através dos acervos digitais.

Observa-se que no século XXI, as lembranças, as retrospectivas, as reportagens especiais sobre datas e eventos históricos começaram a ser elaboradas com mais cuidado a fim de estabelecer laços e gerar identificação com o público. Há uma espécie de presentificação dos fatos históricos, ou seja, os fatos passaram a ser reatualizados e reapresentados com novos olhares e novas significações. Em alguns produtos, é possível notar, inclusive, a hibridização de textos jornalísticos com relatos das memórias vividas pelos personagens envolvidos naquele acontecimento específico, como é o caso dos web-documentários produzidos pelo site “Memória Globo”. Tudo isso para criar uma identificação maior com o público e transmitir mais veracidades nas informações apresentadas.

Diante desse cenário, pode-se dizer que uma das maiores novidades proporcionadas pela era digital é essa possibilidade que as pessoas têm de recorrer ao passado de forma rápida e fazer diversas conexões através desse fluxo midiático intenso. O que era mais difícil de acontecer antigamente. Segundo Canavilhas (2004, p. 6), “o nascimento da internet veio facilitar o acesso à informação ao rebater em simultâneo as barreiras do espaço e do tempo”. A possibilidade de ter um espaço ilimitado para produzir, arquivar e recuperar o material jornalístico acabou impactando o próprio modo de fazer profissional. Se antes, era preciso cortar os textos, editar os vídeos para “caber” nos suportes comunicacionais, com a internet, isso não é mais necessário. Aliás, nota-se que o processo de seleção das notícias se modificou e passou a sofrer algumas interferências, também.

¹⁴ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/quem-somos/> . Acesso em: 12/11/2019.

¹⁵ Disponível em : <https://acervo.estadao.com.br/> . Acesso em: 12/11/2019.

¹⁶ Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/> . Acesso em: 12/11/2019.

Antes, os editores-chefes eram os responsáveis por fazer com que as mensagens consideradas de interesse e utilidade pública chegassem às pessoas. Assim, eles recebiam todo o conteúdo que seria transformado em notícia, e decidiam quais pontos desse conteúdo seriam emitidos à população. Eles eram conhecidos como os *gatekeepers*; os porteiros da informação. No entanto, como observa Bruns (2014), na contemporaneidade, essa prática se alterou. A informação passou a ser produzida de uma forma mais colaborativa entre os profissionais de jornalismo e o próprio público, que por sua vez, assumiu um novo papel nesse processo de produção de notícias. De acordo com Bruns (2014), os usuários passaram a selecionar, dentre as publicações disponíveis, aquelas consideradas por eles, como as mais importantes, criando um repertório próprio. Tal prática ficou conhecida como *gatewatching*.

Naturalmente, os usuários envolvidos em organizar e fazer a curadoria da torrente das matérias noticiosas disponíveis e das informações que têm valor como notícias que estão atualmente disponíveis em uma multidão de canais, não têm condições de guardar – de controlar – os portões de quaisquer destes canais; entretanto, o que eles têm condições de fazer é de participar em um esforço distribuído e folgadoamente organizado de observar – de acompanhar – quais as informações que passam por estes canais; quais são os comunicados para imprensa que são feitos pelos atores públicos, quais são os relatórios que são publicados pelos pesquisadores acadêmicos ou pelas organizações da indústria, quais são as intervenções que são feitas pelos lobistas e políticos. Estas atividades de *gatewatching* não são nada novas – os próprios jornalistas utilizam práticas semelhantes quando escolhem as matérias com valor como notícias daquelas fornecidas pelas agências noticiosas nacionais e internacionais, por exemplo – porém, ao fazer a transição de uns poucos jornalistas seletos com acesso privilegiado às fontes chaves para um esforço difundido com fontes múltiplas, envolvendo uma multidão de usuários com interesses diversos, se pode tratar uma faixa muito mais ampla de temas, e se pode destacar um número muito maior de matérias com valor potencial como notícias. (BRUNS, 2014, p.17).

Na terceira geração da internet, conhecida como web 3.0 ou Web semântica, as informações passaram a ser organizadas de forma mais inteligente. Os novos softwares passaram a interpretar, processar e personalizar os conteúdos com mais agilidade. “Ações cotidianas e trocas no ciberespaço tornam-se permeáveis ao rastreamento, constituindo uma fonte valiosa de informação e conhecimento sobre indivíduos e grupos” (BRUNO, 2013, p. 125). Cada pesquisa feita no *Google*, cada

foto postada nas redes sociais, cada local compartilhado, passou a deixar rastros digitais. De acordo com Bruno (2016), esses registros tornaram possível o reconhecimento das pessoas no ambiente on-line, uma vez que após filtrar e armazenar os dados, o algoritmo inicia o processo de criação de *profiling*, que consiste em reunir os resultados das análises de comportamento e das características individuais de cada usuário, para direcionar conteúdos personalizados. É a chamada “bolha” que cria uma espécie de mundo “particular” na qual as pessoas passam a ter acesso, apenas, às notícias e aos conteúdos com os quais possuem mais afinidades.

Se na web 3.0, esse processo de vigilância e de coleta de dados já era possível, na web 4.0, ele se intensifica e passa a ser utilizado como fonte de inteligência de mercado. As empresas passam a criar as suas estratégias e os seus conteúdos baseadas no comportamento do público em questão. Segundo Godin (2007), a partir dos dados disponibilizados e de um complexo sistema de inteligência artificial, as empresas passam a propor melhorias no processo de tomada de decisão. Pode-se dizer que a web 4.0 é caracterizada pela automação, pelo acesso remoto e pelo desenvolvimento de máquinas que possuem a capacidade de imitarem o comportamento humano.

3.3 A AUTORREFERENCIALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE LEGITIMAÇÃO

As empresas de comunicação enfrentam, mais do que nunca, o desafio de conquistar a confiança do público em meio a tantas possibilidades de informação que a internet proporciona. De acordo com Fausto Neto (2006), na tentativa de estabelecer novos vínculos, a mídia já não aponta mais a realidade construída, mas sim, a “realidade da construção”, ou seja, busca detalhar o processo de construção da notícia, mostrando os bastidores, revelando a experiência pessoal do próprio repórter. Para o autor, há uma primazia pela autorreferencialidade, na qual as práticas jornalísticas ganham destaque e passam a interferir na produção dos sentidos. “São enunciações que refletem os desafios e os efeitos de um ‘modo de dizer’, chamando atenção para as concepções do dispositivo sobre o seu trabalho, e seu processo produtivo” (FAUSTO NETO, 2008, p. 99).

Esses novos processos podem ser observados, inclusive, em produtos midiáticos que surgem como um meta-discurso, como é o caso do “Profissão

Repórter”¹⁷, da Rede Globo, que busca mostrar as técnicas e os desafios da profissão. É importante salientar que a mídia sempre buscou a autorreferencialidade para reforçar suas mensagens, haja vista o “Vídeo Show”¹⁸. O programa, criado em 1983, buscava mostrar os bastidores das telenovelas e de outros programas de entretenimento da TV Globo, em uma estratégia de fazer a memória da emissora ser mais um de seus produtos. No entanto, na contemporaneidade, esse processo se intensificou e passou a ser praticado nos diversos setores, seja, entretenimento, esporte ou jornalismo. Essa autorreferencialidade como forma de preservação da memória, inclusive, pode ser vista nos processos de rememorações. O próprio site “Memória Globo” possui sessões cujo objetivo é lembrar matérias do passado revelando os bastidores da cobertura jornalística através de entrevistas com os profissionais que estiveram envolvidos naquele caso.

Durante o século XX, a narrativa midiática atuava como uma representante dos outros campos sociais, ou seja, era responsável por mediar discursos de forma hegemônica e atuava a fim de “refletir” e representar diferentes experiências da sociedade. No entanto, no século XXI, com o desenvolvimento das tecnologias digitais, novas possibilidades de comunicação surgiram. As mídias, de uma forma geral, passaram a fazer parte da rotina das pessoas, organizando comunidades, ditando modelos, moldando percepções e estabelecendo novas formas de interação social. Segundo Sodré (2002), essa midiatização pode ser vista como uma prótese da realidade sensível, ou seja, como uma maneira de virtualizar as relações humanas. O campo midiático passou a ser visto, não apenas, como uma ferramenta, mas, como um ambiente, que condiciona toda a experiência vivida, processo o qual Sodré (2002) denominou de “bios midiático”. Há uma reconfiguração da sociedade.

Nota-se que os meios de comunicação deixaram de ser meros veículos de transmissão de informação para se tornarem atores principais. Segundo Fausto Neto (2006), com isso, novas estratégias começaram a ser traçadas a fim de construir discursos para alcançar a visibilidade. No jornalismo, a autorreferencialidade passa a ser utilizada como forma de aproximação com o público. Cria-se um novo contrato de leitura, no qual a própria mídia passa a ser o objeto em questão, trata-se de um

¹⁷ Disponível em : <https://g1.globo.com/profissao-reporter/>. Acesso em 10/11/2019.

¹⁸ O programa que encerrou suas atividades no início de 2019, ainda conta com uma página na internet que é atualizada de forma constante. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/video-show/> . Acesso em 10/11/2019.

real “autenticado”, de um testemunho “atorizado”. Para o autor, nessa nova dinâmica, o jornalista abandona o posto de observação e vai para a linha de frente do processo produtivo. Assim, ao invés de, simplesmente, os acontecimentos se tornarem pauta principal, a forma de trabalho passa a ser explícita e, também, objeto de interesse.

O acontecimento, agora, vai junto com ele na viagem da circulação. Convertido em ator, o jornalista faz uma complexa praça: escreve a coluna, desloca-se para o site, visita o blog, pede para ser seguido pelo Twitter, é esperado na televisão, mas antes passa pelo programa de rádio, para, finalmente virar personagem de álbum de celebridade guardado pelo leitor. (FAUSTO NETO, 2013, p. 58).

Essa narrativa de si mesma surge como uma estratégia de apresentação de uma realidade verdadeira, na tentativa de se legitimar e de encontrar, novamente, seu lugar, em meio às diversas outras narrativas que se proliferam no ambiente online. Mostrando o modo de fazer e de ser, evidenciando os desafios e as limitações na produção das notícias, o jornalismo ressalta a importância da qualificação profissional para transmitir uma informação. Além disso, acaba apontando que os procedimentos adotados pela prática jornalística são íntegros, imparciais e confiáveis. Em tempos de *fake news* e mídias alternativas, a autorreferencialidade aparece, então, como um meio de dizer que, apenas, o jornalismo possui senso crítico necessário para levar os fatos verdadeiros a sociedade.

Para Soster (2007), a prática jornalística passou a se apoiar, não apenas, nesse processo autorreferencial, mas também no correferencial, na medida em que o conteúdo de uma mídia acaba sendo utilizado por outra como fonte, numa espécie de referência. Isso pode ser observado nos diversos meios, tais como: o rádio, a televisão, o impresso e a internet. Aliás, a internet, pela sua estrutura temporal e espacial, se constitui como um amplo espaço para engrenar esses tipos de estratégias midiáticas. A capacidade de armazenar conteúdos e deixá-los disponíveis para consulta acaba transmitindo para o público uma ideia de neutralidade, como se tudo estivesse ali, acessível. Como bem pontua Fausto Neto (2011), se antes os jornalistas buscavam manter certa distância dos acontecimentos, com base na ideia de objetividade e na busca pela imparcialidade jornalística, hoje,

eles buscam se aproximar cada vez mais da narrativa a fim de fortalecer vínculos com a audiência. Isso pode ser observado, inclusive, nas estratégias de resgate de memória na internet. A própria linha do tempo do site “Memória Globo” traz, em cada cobertura rememorada, uma espécie de perfil, contendo dados sobre a equipe que esteve cobrindo aquela temática, informações sobre as fontes e destaques sobre outras matérias relacionadas aquela cobertura específica.

4. A REDE GLOBO E A ESCOLHA PELO O QUE LEMBRAR

Como foi visto no início desta pesquisa, a contemporaneidade é marcada por um “boom memorialístico”, ou seja, por iniciativas que visam práticas de resgate do passado. Segundo Huyssen (2000), essa vontade de rememorar o tempo todo é, na verdade, uma tentativa de compensar o ritmo acelerado das informações que, na era digital, chegam a uma velocidade instantânea. Trata-se de uma forma de resistir à dissolução do tempo e de afirmar territórios e identidades diante de um mundo caracterizado pela fragmentação. No âmbito comunicacional nota-se que essa preocupação em preservar o passado não é algo novo. Ao pesquisar sobre a temática, é possível encontrar diversas iniciativas de cunho memorialístico, que tinham como objetivo resguardar a memória.

Falando especificamente do Grupo Globo, nota-se que desde a sua criação, ele já adotava diferentes estratégias de legitimação nos materiais que eram produzidos. São edições comemorativas, campanhas, livros, programas, manuais... Enfim, uma série de materiais que foram desenvolvidos a fim de caracterizar o passado e construir uma história própria e emblemática para o país. Sendo assim, este capítulo busca relembrar algumas iniciativas já feitas, pelo Grupo, ao longo das décadas. O objetivo é mostrar como a preocupação com a memória e com a história sempre esteve presente nos produtos desenvolvidos pela organização.

4.1 ENTRE RETROSPECTIVAS E SITES

De acordo com Halbwachs (2006) a memória de cada indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa. Sendo assim, é a partir das experiências vividas e compartilhadas que são construídas as lembranças. Nesse contexto, a mídia exerce papel fundamental na construção das lembranças. Muitas vezes, ela se apropria dos chamados “quadros sociais da memória” (HALBWACKS, 2006), que são recortes feitos do passado, para relacioná-los ao presente. Isso pode ser observado, principalmente, nas rememorações, quando se define o que será lembrado e o que será esquecido. De acordo com Marialva Barbosa (2004), é a partir das retrospectivas e das comemorações que a

mídia cria arquivos memoráveis para serem utilizados no futuro sempre que necessário.

A Rede Globo desenvolve desde a década de 1960 o programa “Retrospectiva” que, apesar de ter mudado de formato e passado por diversas transformações ao longo dos anos, manteve a sua essência original: reunir os principais acontecimentos ocorridos durante o ano, a partir da visão da própria empresa e dos jornalistas, e apresentá-los, como históricos, ao público. O programa, que existe até hoje, é um dos mais antigos da emissora. No site “Memória Globo”¹⁹ há uma seção especial mostrando como o formato foi se desenvolvendo ao longo dos anos.

É interessante verificar como essa evolução do programa é apresentada. No início, de acordo com o site, a emissora procurava privilegiar a sequência cronológica dos fatos a partir de uma visão editorial, que selecionava e escolhia a forma como os assuntos seriam apresentados. Com o passar do tempo, mais precisamente na década de 1980, a imagem passou a ser o foco principal. A ideia, de acordo com a empresa, era estimular a reflexão do telespectador, como consta no site “Memória Globo”, ao explicar a promessa do programa Retrospectiva. “A busca por uma reflexão sobre a década a partir das imagens dos fatos mais significativos e emocionantes foi a nova linha condutora do programa” (MEMÓRIA GLOBO). A sequência cronológica ficou em segundo plano e os fatos passaram a ser agrupados em tópicos, tais como: religião, mulher, ecologia, violência, entre outros. Assim, fotografias e vídeos passaram a contar a história. Segundo o site, durante a década de 1990, a emissora passou a utilizar mais recursos de dramaturgia, literatura e animação fazendo analogias aos acontecimentos da época. Nos anos 2000, a TV Globo buscou mais proximidade com o público, criando cenários virtuais e interativos, onde eram projetadas as imagens correspondentes aos assuntos abordados. Mudanças à parte, o fato é que, desde a sua estreia até os dias de hoje, o principal objetivo foi construir um arquivo de memória para ser consultado no futuro. O Grupo Globo sempre buscou construir uma ideia de história se baseando nas suas próprias construções narrativas. A “Retrospectiva” foi uma

¹⁹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com>. Acesso em 10/11/2019.

das primeiras iniciativas, no entanto é possível encontrar outras edições comemorativas e especiais que foram desenvolvidos ao longo dos anos.

Figura 1 - Memória do Programa Retrospectiva da Rede Globo – (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Dentre os projetos mais recentes pode-se citar os 50 anos da Rede Globo que, em 2015, reuniu diversos programas que tinham como objetivo lembrar a trajetória institucional da emissora. Um deles intitulado “Globo: 50 anos de jornalismo” trazia depoimentos de dezesseis jornalistas²⁰ que atuaram ao longo desse tempo na TV. Diante de uma mesa redonda, os diálogos eram mediados pelo jornalista Willian Bonner que apresentava os fatos e as imagens enquanto os demais jornalistas davam suas opiniões e se emocionavam diante deles.

Figura 2 - O cinquentenário do jornalismo na bancada do JN.



Fonte: TV GLOBO 50 anos de jornalismo, 2015.

²⁰ Jornalistas Renato Machado, Luís Fernando Silva Pinto, Glória Maria, Tino Marcos, Ilze Scamparini, Galvão Bueno, Ernesto Páglia, André Luiz Azevedo, Caco Barcellos, Francisco José, Pedro Bial, Sandra Passarinho, Orlando Moreira, Fátima Bernardes, Heraldo Pereira e Marcelo Canellas.

Os cinco episódios que totalizaram a série foram ao ar, em rede nacional, entre os dias 20 e 24 de abril de 2015, ao final do Jornal Nacional. Segundo Vianna (2019), “em suma, os repórteres da Rede Globo foram mostrados como detentores de uma coragem extrema, capazes de enfrentar qualquer realidade para levar aos brasileiros os principais fatos do Brasil e do mundo” (VIANNA, 2019, p 76). Nos episódios do especial, nota-se que todos os depoimentos são guiados pelas memórias pessoais dos jornalistas, que muitas vezes, se confundem com a memória do país. De acordo com Musse e Thomé (2015) nos relatos os profissionais lembram que havia, no jornalismo, uma ideia de distanciamento ao noticiar os fatos, principalmente nas coberturas de momentos históricos. Pode-se dizer que as lembranças feitas nesse especial demonstram que, em muitos momentos, a percepção de mundo, de grande parte da população, está associada aos relatos que são transmitidos pela emissora.

A série especial sobre os 50 Anos da Rede Globo de Televisão confirma a percepção de que muito da nossa memória sobre as últimas cinco décadas é constituída pelos sons e imagens que foram veiculados pela maior empresa de comunicação do país. Nosso conhecimento do passado recente está definitivamente marcado por essas impressões. É como se nossa memória fosse despertada pelo tom grave da voz de Fábio Perez, a imagem desbotada de Sandra Passarinho, a estridente narração de um gol por Galvão Bueno, o som abafado do hino nacional tantas vezes entoado em estádios e praças públicas. A nossa memória se confunde com o que a Globo mostrou. O problema é aquilo que ela não mostrou, por falta de condições técnicas, recursos humanos, ou desejo político. (MUSSE e THOMÉ, 2015, p14).

Um subproduto deste mesmo programa foi criado no canal fechado Globo News, pertencente ao grupo Globo, e foi exibido às 21 horas do dia 25 de abril do mesmo ano. A ideia deste outro conteúdo era divulgar os bastidores da gravação do cinquentenário. Sendo assim, mostrava a chegada dos jornalistas no estúdio de gravação e as conversas que os jornalistas teciam entre si relembrando suas carreiras, os grandes fatos e as grandes coberturas que fizeram, bem como as dificuldades que vivenciaram durante sua trajetória profissional. Nota-se que eles aparecem como atores relatando experiências pessoais.

De acordo com Barbosa (2004), as comemorações são utilizadas pelo jornalismo para construir uma dada memória da sociedade. “Se a narrativa

jornalística é marcada pela identidade com o instante é preciso, também, criar mecanismos em que se elimine o déficit existente em relação ao passado” (BARBOSA, 2004, p.11).

Quatro anos depois, uma nova cerimônia de (re) construção de memórias sobre a emissora é produzida. Para homenagear os 50 anos do Jornal Nacional, diversos materiais foram desenvolvidos. Dentre eles, destaca-se a série “JN 50 anos: As revoluções provocadas pela comunicação em cinco décadas de reportagens²¹”, que foi ao ar no telejornal entre os dias 02/09/2019 e 06/09/2019. Mesclando arquivos das coberturas já feitas pelo Jornal Nacional com temas importantes como educação, mobilidade, saúde, mercado e comunicação, a emissora mostrou como esteve presente no desenvolvimento do país ao longo de todo esse tempo.

No clima de celebração, as noites de sábado do JN, também, ficaram especiais, e isso foi anunciado pela emissora no telejornal e nos breaks da programação. Âncoras ²²dos 26 estados do Brasil, e do Distrito Federal, foram escolhidos e se revezaram na apresentação do telejornal de maior audiência nacional.

Figura 3 - JN 50 anos e as transformações provocadas pela comunicação.



Fonte: Arquivo do Jornal Nacional disponível no Portal G1²³.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/50-anos/educacao/2019/09/05/jn-50-anos-veja-as-cinco-reportagens-da-serie-especial.ghtml>. Acesso em: 12/11/2019.

²² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8035884/>. Acesso em: 12/10/2019.

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/50-anos/educacao/2019/09/05/jn-50-anos-veja-as-cinco-reportagens-da-serie-especial.ghtml>. Acesso em: 12/10/2019.

A proposta era promover a integração entre todos os estados, bem como dar destaque para as emissoras afiliadas da Rede Globo. “Uma forma de comemorar essas 5 décadas é dividindo essa conquista com as 122 emissoras que exibem o JN, porque sem elas não haveria um jornal, verdadeiramente, nacional”, (BONNER, 2019).

Uma linha do tempo ²⁴também foi produzida para a comemoração, com a promessa de apresentar 50 fatos em 50 anos. Ao longo de meia década, o telejornal acompanhou e noticiou acontecimentos nacionais e internacionais que marcaram o mundo. Além disso, o próprio JN passou por uma série de mudanças de apresentadores, de cenários e de formatos. Sendo assim, a emissora elegeu os principais fatos ocorridos durante esses anos e os apresentou de forma cronológica em uma linha do tempo exclusiva.

Como é possível perceber as comemorações buscam reinventar o passado e apresentá-lo ao presente de uma forma específica, cheia de significações, instaurando marcos histórico, lugares de museificação e momentos de celebração. Na contemporaneidade, observa-se que lembrar tem sido uma das características mais valorizadas pelas empresas de comunicação, inclusive, quando se trata da parte institucional. No entanto, como bem pontua Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart (2005), não se pode esquecer o caráter comercial dessas celebrações.

Figura 4 - Novos apresentadores na bancada.



Fonte: Arquivo do Jornal Nacional disponível no Portal G1

²⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8035884/>. Acesso em: 13/10/2019.

Figura 5 - A linha do tempo do JN.



Fonte: Arquivo do Jornal Nacional disponível no Portal G1.

Transformada em produto, a comemoração é uma comercialização lucrativa. Dando visibilidade às comemorações, os meios de comunicação transformam o passado numa espécie de presente, marcado por uma única e exclusiva excepcionalidade: saltar do passado para o presente. Dessa forma, tornam-se espécies de guardiões do fluxo temporal, atrelado à prática do instante. (GOULART, BARBOSA, 2005, p.8).

No próximo subcapítulo será mostrado que não, apenas, as comemorações são utilizadas para moldar uma nova realidade, mas, também a própria história particular das empresas que buscam através dos seus valores e princípios justificar erros, remontando seu próprio passado.

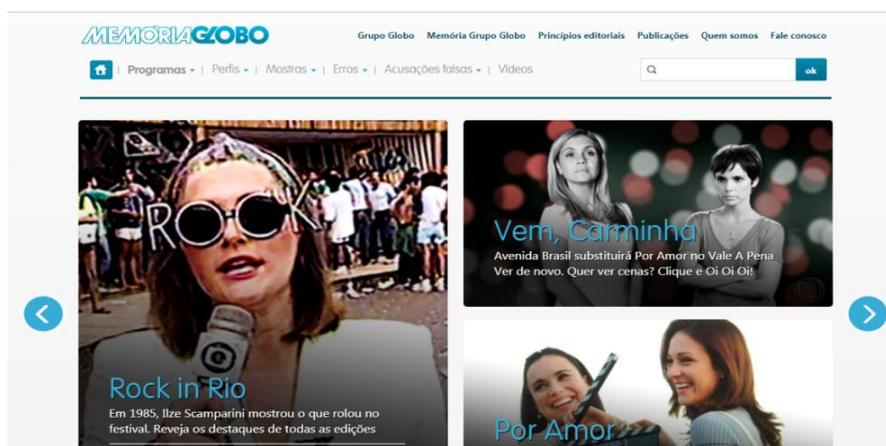
4.2 O SITE “MEMÓRIA GLOBO”: *MEA CULPA* E A VERSÃO SOBRE A HISTÓRIA DO PAÍS

O que pode ser observado, nos últimos anos, é uma “exacerbação do poder memorialístico das empresas de comunicação: uma espécie de outorga a elas – detentoras do poder de falar do presente e não do passado – de construir seu próprio passado como emblema (BARBOSA, GOULART, 2005, p.12) Pode-se dizer que as empresas de comunicação, na contemporaneidade, frente às tecnologias digitais e a internet, tentam construir um passado memorável a fim de se legitimar e

reforçar suas identidades diante de um mundo marcado pelo fluxo intenso de informações. Para isso, utilizam da posição que ocupam e de um discurso autorizado, respaldado na suposta objetividade técnica e nos preceitos que regem o jornalismo.

A criação dos centros de memória, como já foi visto anteriormente, dialoga com uma demanda pelo passado. Nota-se que as empresas de comunicação se aproveitam da sua legitimidade, do seu discurso autorizado e reconhecido, perante a sociedade, para reunir, organizar, conservar e produzir conteúdos pautados na memória institucional. A Rede Globo, por exemplo, desenvolve desde a década de 1990 o projeto “Memória Globo”. Idealizado pela historiadora Sílvia Fiuza e constituído por uma equipe de jornalistas, historiadores e antropólogos, a iniciativa visa pesquisar sobre as novelas, os telejornais, os programas de humor, auditórios e sobre tudo mais que o grupo já fez ao longo dos anos. Por meio da história oral, são feitas entrevistas com diversos profissionais que já passaram pela emissora, tais como autores, atores, diretores, cinegrafistas, produtores, figurinistas, editores, iluminadores, entre outros. Assim, conseguem construir um panorama da história da Globo e da televisão no Brasil. A partir do material que é coletado, a emissora gera novos produtos, que vão desde perfis dos entrevistados até livros e publicações. O site “Memória Globo” foi lançado em junho de 2008 e busca armazenar todo esse conteúdo que é produzido. A plataforma apresenta abas que permitem a navegação do internauta pela história da empresa.

Figura 6 - O site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

A aba “Programas”, por exemplo, contém as linhas do tempo relacionadas ao

entretenimento, ao jornalismo e ao esporte. Na parte de entretenimento é possível conferir e rememorar as novelas, as minisséries, os seriados, os programas de humor, de auditórios, de músicas; os reality shows e os especiais já realizados pela emissora. Já na parte de jornalismo, é possível encontrar uma espécie de retrospectiva dos telejornais e programas produzidos, bem como as principais coberturas jornalísticas destacadas desde a criação da TV Globo. A parte de esporte reserva um espaço especial para lembrar os principais programas e telejornais desenvolvidos e, também, as principais matérias já feitas nessa editoria.

Já a aba “Perfil” apresenta os profissionais da emissora. É possível encontrar 634 verbetes relacionados a jornalistas, atores, cinegrafistas, entre outros. O site traz a trajetória de cada um, os trabalhos desenvolvidos na emissora, fotos e vídeos de cada profissional.

Figura 7 - Aba “Programas” do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até a nov/2019.

Figura 8 - Aba “Perfis” do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)

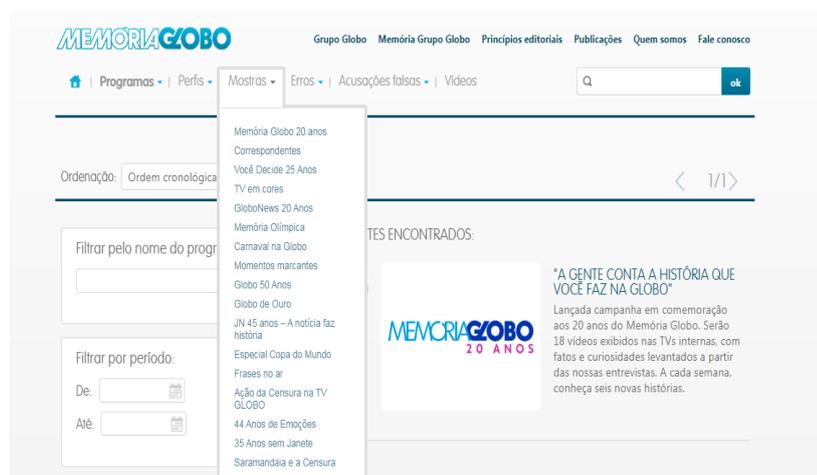


Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

A aba “Mostras” contém os programas especiais produzidos pela Rede Globo, como “Você Decide 25 anos”, “Mais Você, 15 anos!”, “Globo News, 20 anos!”, entre outros. Destaque, inclusive para a primeira transmissão em cores, na TV brasileira, feita pela emissora em 1972. O evento que cobria a “Festa da Uva” em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, foi exibido ao vivo para cerca de 68 mil pessoas que, na época, conforme consta no site “Memória Globo”, possuíam aparelhos²⁵ aptos para receber a emissão em cores.

Nessa aba há, também, uma parte destinada a ação da censura na TV Globo. Uma cronologia de fatos relacionados a esse assunto, tais como leis, decretos etc. são apresentados, juntamente, com depoimentos de jornalistas, atores e diretores que vivenciaram os anos da ditadura militar na empresa. O que chega a ser contraditório, pois sabe-se que as Organizações Globo receberam apoio da ditadura militar no início da sua fundação

Figura 9 - Aba “Mostras” do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo disponível até nov/2019.

A história da instituição pode ser encontrada de forma mais direta/explicita nas abas: “Grupo Globo”, “Memória Grupo Globo”, “Princípios Editoriais”, “Publicações”, “Quem somos” e “Fale Conosco”.

²⁵ Segundo o site “Memória Globo”, o primeiro aparelho de TV em cores no Brasil foi vendido no dia 8 de fevereiro de 1972 pelo valor de Cr\$ 7.719,90. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/mostras/tv-em-cores/tv-em-cores/tv-em-cores-festa-da-uva.htm>. Acesso em: 13/12/2019.

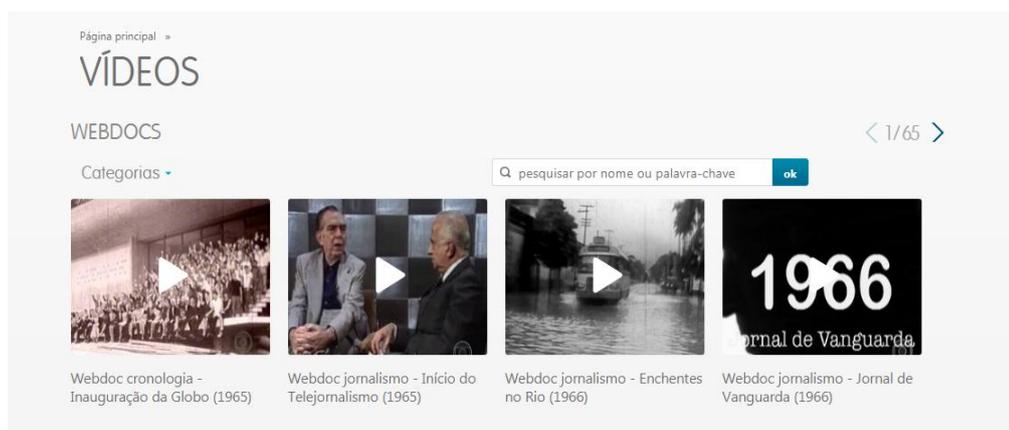
Figura 10 - As abas da história do “Grupo Globo” - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Em 2012²⁶, a plataforma passou por um processo de transformação que, segundo informações do site, tinham como objetivo melhorar a exibição dos materiais disponibilizados e aumentar a interação com público. Foram postados o que a emissora chama de webdocumentários ou “Webdocs” na aba “Vídeos”. Trata-se de pequenos vídeos que mesclam imagens de programas e de coberturas jornalísticas, feitas pela TV Globo ao longo das décadas, aos depoimentos dos profissionais que estiveram envolvidos na produção daqueles materiais.

Figura 11 - Os vídeos do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Há ainda a aba “Acusações Falsas”, onde a emissora emite a sua versão dos fatos, esclarecendo sobre cada uma das denúncias divulgadas. Dentre os assuntos estão: as concessões de canais, o caso Time-Life, Proconsult, BNDES e a

²⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/memoria-globo-estrea-novo-site-com-videos-ineditos-e-navegacao-mais-agil.html> . Acesso em: 02/11/2019.

renegociação da dívida, a queda do avião da GOL, os direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2002, entre outros.

Além disso, o site apresenta uma aba denominada “Erros” que traz os equívocos assumidos pela empresa que ocorreram em coberturas feitas pela Rede Globo, com as respectivas explicações dos erros, em um processo de mea culpa da emissora, diante de críticas que recebeu por tais coberturas.

Os eventos em questão são o movimento “Diretas Já” e o “Debate Collor x Lula”. Ao acessar essa parte do site, é possível encontrar algumas considerações a respeito desses dois casos específicos.

Figura 12 - Aba “Acusações falsas” do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Figura 13 - Os erros cometidos pela emissora - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”, disponível até nov/2019.

4.3 A LINHA DO TEMPO: UMA ESTRATÉGIA DE REMEMORAÇÃO

Uma das principais características do jornalismo é a sua relação com o tempo, uma vez que, este, condiciona todo o seu trabalho. A começar pela construção da notícia que é constituída pelo caráter do novo, do instante, do aqui e agora. Segundo Franciscato (2005) a temporalidade do presente é essencial para a prática jornalística em pelo menos três momentos. O primeiro, como já foi mencionado, está relacionado à função principal da profissão que é a de relatar fatos do cotidiano, oferecendo narrativas curtas e efêmeras sobre acontecimentos do dia a dia. O segundo está associado à institucionalização do tempo, ou seja, a organização interna, as rotinas, o planejamento de tarefas, entre outros. Trata-se do *dead-line* que está sempre dividido entre a velocidade das coisas que ocorrem no mundo, por vezes, de forma regular e imprevisível e a velocidade da produção das narrativas no jornalismo diante desse movimento.

O jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. Ao mesmo tempo, a instituição jornalística desenvolveu procedimentos e técnicas de afirmação pública de uma capacidade sua de superar o risco de desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. O jornalismo é um relato de algo que pertence ao presente, a um tempo presente definido por relações habituais e simbólicas de referência para o agir humano, mesmo que este evento já tenha ocorrido há alguns momentos. (FRANCISCATO, 2005, p.4).

Por fim, em terceiro lugar, o autor destaca que o jornalismo não produz, simplesmente, relatos sobre os acontecimentos, mas atua, diretamente, na construção da experiência social do presente, servindo, muitas vezes de referência para a sociedade.

O jornalismo produz um sentido temporal no momento de sua circulação social, ao contribuir para que discussões, formulações ou execuções de ações sociais ocorram de uma forma específica no tempo presente. O conteúdo jornalístico e suas formas expressivas fornecem um conjunto de informações que subsidiam a construção de ações sociais, seja na formação de agendas, estímulo a debates ou formulação de decisões públicas. (FRANCISCATO, 2005, p.5).

Sendo assim, pode-se dizer que embora o tempo presente esteja vinculado ao “fazer jornalístico”, é possível constatar outras temporalidades nessa prática, uma vez que a mídia acaba por inserir na história fatos memoráveis que servirão de fonte para o passado e alerta para o futuro.

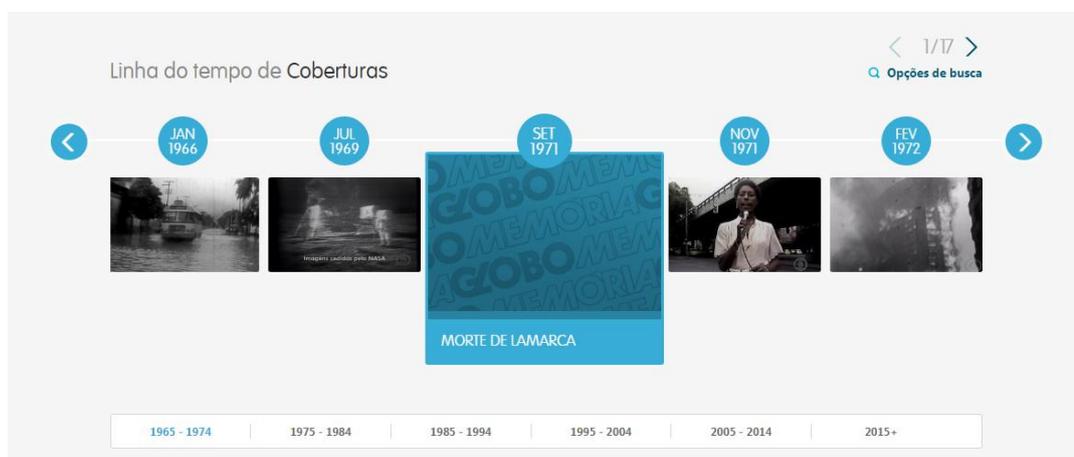
De acordo com Sônia Maria de Meneses Silva (2011) a mídia atua na construção de “acontecimentos emblemáticos” e na reelaboração de narrativas que são responsáveis pela configuração dos acontecimentos no tempo. É o que a autora chama de “operação midiográfica”, na qual é criada uma história particular por meio da imersão dos acontecimentos na sociedade e na sua constante ressignificação. Tal processo se desenvolve a partir de dois momentos. O primeiro é quando a “escritura”, ou seja, a construção narrativa por meio de imagens, textos e sons, é inserida na sociedade a fim de dar significado aos acontecimentos diários. Já o segundo momento, de acordo com a autora, é quando a “escritura” se torna “inscrição”, passando a ser ressignificada em outra temporalidade e ganhando status de “memorável”.

A operação midiográfica, portanto, deve ser entendida como um modo de escrever a história que se manifesta na fronteira dos dois campos, realizando uma ação difusa que, embora seja ordenada em determinadas rotinas de trabalho e em enquadramento disciplinar, constroem conteúdos polissêmicos. Falo de uma escrita histórica específica. Processo que atua desde a formulação do evento na cena pública até seu retorno como artefato memorável e histórico. O resultado disso é um produto simbólico, no caso a notícia/informação/conhecimento, formulado em percursos variados; às vezes de forma caótica, dispersa ou disciplinada, que produz um saber marcado pela urgência das ocorrências cotidianas, que embora pareça estar submetido a efemeridade temporal, articula relações com o tempo que transpõe a evanescência do presente e se situa num movimento de distensão entre passado e futuro. (SILVA, 2011, p.50).

Para a autora, a mídia possui uma forma própria de escrever o tempo por meios dos acontecimentos que são inseridos na cena pública. Sendo assim, a partir do momento que alguns fatos são destacados e apresentados como relevantes para a sociedade, eles passam a se caracterizar como históricos. No site “Memória Globo”, além de todo o material disponibilizado para lembrar o passado da instituição, dos programas, dos profissionais e das coberturas jornalísticas já realizadas, há uma sessão destinada à linha do tempo, no qual são apresentados os acontecimentos que foram considerados, por eles, como os mais marcantes, ao

longo de 50 anos. O que faz refletir sobre como esse passado vem sendo apresentado, levando em consideração, inclusive, a história envolvendo a própria organização jornalística, enquanto empresa; seus valores e princípios editoriais. A memória histórica trazida pela mídia é carregada de adequações simbólicas que variam conforme cada época e cada interesse vigente. Embora as lembranças apareçam revestidas de um contexto histórico, com relatos, imagens, vídeos, depoimentos, entre outros itens, que ajudam na construção da lembrança, sabe-se que sempre haverá outras versões sobre um mesmo fato. Segundo Hartog (2014), as comemorações, em especial, possuem um caráter pedagógico uma vez que tentam conciliar o passado no presente, conforme aquilo que se deseja “ensinar” como verdade. Por isso, é tão necessário indagar como o passado está sendo lembrado.

Figura 14 - A linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Todo conteúdo divulgado pela mídia interfere na percepção do real. A forma de narrar uma guerra, de falar sobre um regime político, de um movimento estudantil etc., acaba ditando uma maneira de ver as coisas. Como já foi visto no início desta pesquisa, todo conteúdo jornalístico é amparado em uma série de procedimentos técnicos que garantem a sua legitimidade social. Assim, assumindo um local de fala, um lugar de poder, a mídia define, por conta própria, muitos fatos como de interesse geral e os coloca como históricos. Segundo Maria de Menezes Silva (2011), há uma articulação temporal em toda notícia, uma vez que se pretende criar marcos

memoráveis com as ocorrências do presente para que elas sirvam como orientações para o futuro.

Efetiva-se uma tentativa de significação sobre o passado, posto que, define padrões de representações históricas, para as eventualidades que narra. Sua atuação trabalha, não somente, com a ideia de uma informação necessária ao presente, mas como conteúdo que pretende direcionar referências futuras. A necessidade de atribuir a algumas circunstâncias cotidianas status de fenômenos memoráveis coloca em cena a pretensão de uma ordenação de um tempo que se situa além do presente. Exatamente por isso o passado é evocado como elemento de legitimação ou justificativa para os eventos midiáticos. (SILVA, 2011, p. 75).

De acordo com Hartog (2014) a contemporaneidade vive na era do presente contínuo, do efêmero, da duração eterna. A internet e as tecnologias digitais modificaram as noções de presente, passadas e futuro. No âmbito comunicacional, isso pode ser observado nas narrativas que são cada vez mais voláteis e instantâneas. Segundo Marialva Barbosa (2017), o tempo midiático passa a ser demarcado pela aceleração.

Na arquitetura temporal da civilização contemporânea, assiste-se a um processo de aceleração, no qual o passado é fluido, o presente volátil e inclui um futuro infinito. O sentido efêmero do tempo, que se expressa também na descartabilidade da maioria dos objetos consumidos por esta mesma civilização – objetos substituíveis no ato e na essência –, multiplica-se também na construção simbólico-discursiva dos meios de comunicação. (BARBOSA, 2017, p. 21).

Diante desse contexto, os meios de comunicação buscam por meio dos acontecimentos midiáticos reatualizam o passado como presente, acrescentando elementos simbólicos dotados de sentidos ao que é lembrado. Segundo Canavilhas (2004) ao observar uma linha do tempo, é possível perceber que passado e futuro compartilham a mesma natureza. “Os extremos da linha – direita e esquerda – são dois infinitos matemáticos. Já o presente tem uma essência completamente diferente, pois para o Homem existe apenas como um ponto, o exato momento em que vivemos”. (CANAVILHAS, 2004, p.4). Ainda segundo o autor, no ambiente digital, particularmente, a temporalidade apresenta contornos diferentes.

[...] passado e presente passam a compartilhar a mesma natureza, pois o passado assume também uma das propriedades do presente ao estar disponível na memória da web. Podemos assim dizer que passamos a ter um passado-presente e um presente-presente. Isto quer dizer que a web, mais do que nenhum outro meio, comprime o tempo. Não o tempo que mede o espaço entre a emissão e a recepção da mensagem, tal como acontece em qualquer media, mas o tempo memória, o espaço existente entre o momento do acontecimento e o momento da pesquisa. (CANAVILHAS, 2004, p.4).

Pode-se dizer, nesse sentido, que a linha do tempo surge como um recurso estratégico de reconfiguração do tempo, ao destacar e elencar, no presente, fatos como marcos memoráveis.

5. A LINHA DO TEMPO DAS COBERTURAS DO SITE “MEMÓRIA GLOBO”: MEMÓRIAS SELECIONADAS.

Como já foi visto ao longo dessa pesquisa, o jornalismo ao selecionar entre tantos fatos aqueles que serão publicados em detrimento de outros, acaba por construir uma realidade própria, servindo de referência para muitas pessoas. De acordo com Musse e Viana (2018), a mídia atua, não apenas, descrevendo o mundo social, mas se envolve efetivamente na construção do mesmo, uma vez que influencia e cria acontecimentos diariamente. Sendo assim, pode-se dizer que os acontecimentos históricos são caracterizados pelos meios de comunicação, pois a partir do momento em que eles definem quais fatos se tornarão públicos, eles, também definem quais entrarão para a história (NORA, 1993).

Essa parte da dissertação pretende analisar como a Rede Globo organiza e apresenta os fatos históricos por meio das coberturas jornalísticas presentes na linha do tempo do site “Memória Globo”. Pretende-se refletir sobre o papel da mídia enquanto “guardiã da memória” (BARBOSA, 2004) a partir do momento que privilegia determinadas narrativas deixando de lado tantas outras. O objetivo é investigar como esse passado histórico é apresentado e quais são as temáticas mais lembradas. Para isso, optou-se por utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011).

5.1 PERCURSO METODOLÓGICO

De acordo com Bardin (2011), a Análise de Conteúdo é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.

O termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Sendo assim, por meio dele é possível criar categorias que auxiliam na interpretação dos dados da pesquisa. O método exige uma organização da análise

em torno de três fases. A primeira, conhecida como pré-análise, consiste na fase da organização, ou seja, é o momento de se estabelecer um esquema de trabalho preciso e definido. É nessa etapa, segundo Bardin (2011), que ocorre a “leitura flutuante”, o primeiro contato com os documentos e com os dados que serão analisados, bem como a elaboração das hipóteses e dos objetivos da pesquisa. Já a segunda fase é caracterizada pela exploração do material. É quando são determinadas as unidades de codificação, ou seja, a escolha do recorte a ser utilizado, as categorias que serão desenvolvidas e as classificações que serão feitas. Segundo Bardin (2011), as categorias podem ser criadas a partir da teoria ou após a coleta dos dados. A organização de todo o material pode ser feita por meio de tabelas. Por fim, a terceira fase compreende o tratamento dos resultados obtidos. Tendo as informações qualitativas em mãos, cabe ao pesquisador (a) torná-las significativas e válidas. Sendo assim, é necessário interpretar o conteúdo apreendido.

A princípio, para essa pesquisa, foi feita uma leitura das coberturas apresentadas na linha do tempo relacionada ao jornalismo do site “Memória Globo”. Em seguida, a partir do material coletado, optou-se por fazer um mapeamento contendo os seguintes dados: o ano; o fato destacado; o tipo de cobertura abordada se era referente a um acontecimento jornalístico propriamente dito ou se era algo autorreferencial, e se se tratava de uma cobertura jornalística internacional ou nacional. Com base na metodologia de Bardin (2011) foram detectadas e criadas, ainda, as seguintes categorias de análise temática: política, que compreendeu os fatos relacionados à política de uma forma geral; inovação, para os assuntos de cunho científico; religião, que incluiu fatos ligados, principalmente, à religião católica; entretenimento, que incluiu coberturas de grandes eventos, como o Rock in Rio; saúde destinada à cobertura de assuntos relacionados à saúde; esporte que englobou os fatos esportivos ocorridos ao longo das décadas; sequestro, que lembrou alguns sequestros de pessoas famosas; economia, que trouxe momentos importantes da história do Brasil, como a criação do Plano Real; e morte, aí incluídos todos os fatos relacionados às tragédias, às guerras e conflitos internacionais, aos assassinatos, às rebeliões, aos atentados e às mortes de personalidades ocasionadas por problemas de saúde. A partir dessas informações foi possível traçar um panorama de cada período apresentado.

5.2 ANÁLISE DA LINHA DO TEMPO

A linha do tempo relacionada às coberturas jornalísticas do site “Memória Globo” é dividida em 6 blocos, e cada um apresenta seus respectivos fatos. Durante a análise foi possível constatar que, juntando todos os períodos, ou seja, quase 50 anos, 166 coberturas são apresentadas como marcos histórico pela emissora. Com o objetivo de compreender quais fatos são colocados como históricos nessa linha do tempo, optou-se por fazer uma análise das temáticas presentes em cada época, não focando, portanto, nas narrativas apresentadas em si. Mas, para título de ilustração, vale mostrar como cada cobertura é apresentada.

Figura 15 - A linha do tempo de coberturas jornalísticas do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019).



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”, disponível até nov/2019.

Ao clicar no link, uma página é aberta contendo uma chamada para o acontecimento e, outras abas são habilitadas, tais como: a aba história, que conta um pouco sobre o assunto ressaltado; a aba equipe e estrutura, que traz informações sobre os profissionais que estiveram envolvidos na cobertura; a aba destaques que traz as principais matérias feitas na época a respeito do caso e, por fim, a aba fontes que faz referência aos depoimentos concedidos ao “Memória Globo”.

Figura 16 - Memória da cobertura da queda do viaduto Paulo de Frontin - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”, disponível até nov/2019.

Nos próximos tópicos serão apresentadas as análises de cada período da linha do tempo de forma separada.

5.2.1 Primeira linha do tempo - 1965 -1974

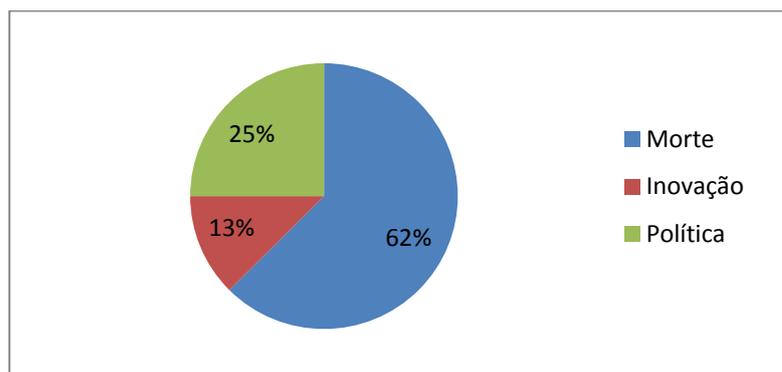
Figura 17 - O primeiro período da linha do tempo do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019

O primeiro período a ser analisado corresponde a 1965 a 1974. Das 8 coberturas detectadas no site, durante esse período, 5 são relacionadas a mortes (consultar apêndice G), 2 a política e 1 a inovação. Os assuntos ligados à saúde, à religião, à economia, aos sequestros e ao esporte não aparecem. Observa-se, ainda, que cinco coberturas são relacionadas a fatos nacionais e 3 a internacionais (consultar apêndice A).

Gráfico 1 - Temáticas predominantes – 1965 a 1974



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os assuntos lembrados estão as Enchentes no Rio²⁷; a Queda de Paulo de Frontin²⁸; o Incêndio no Edifício Andraus²⁹; o Incêndio no Edifício Joelma³⁰; o Escândalo Watergate³¹; a morte de Lamarca³²; a chegada do homem a Lua³³ e a Revolução dos Cravos³⁴. Chama a atenção, num primeiro momento, a quantidade de coberturas abordadas em quase uma década de história que não chega a média de uma por ano. Nota-se, inclusive, que há repetição de destaques no mesmo ano.

²⁷ Em janeiro de 1996 o Rio de Janeiro foi atingido por uma das maiores enchentes da história, que deixou 200 mortos e 50 mil desabrigados. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-no-rio-1966/>. Acessado em: 08/01/2020.

²⁸ Em 1971 parte do viaduto que estava sendo construído na Avenida Paulo de Frontin desmoronou causando a morte de 48 pessoas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/queda-do-paulo-de-frontin/>. Acessado em: 08/01/2020.

²⁹ Em 1972, 16 pessoas morreram e diversas ficaram feridas após o incêndio no edifício Andraus em São Paulo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/incendio-no-edificio-andraus/>. Acessado em: 08/01/2020.

³⁰ Um curto-circuito no sistema de refrigeração teria causado o incêndio no edifício Joelma em São Paulo em 1974, deixando 187 pessoas mortas. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/incendio-no-edificio-joelma/>. Acessado em: 08/01/2020.

³¹ Em 1972, cinco homens foram presos após invadirem a sede do Comitê do Partido Democrata, no edifício Watergate, em Washington. O grupo pretendia instalar um grampo telefônico e usar as informações obtidas para ajudar a reeleger o republicano Richard Nixon. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-watergate/>. Acessado em: 08/01/2020.

³² O líder Carlos Lamarca que lutava contra a ditadura militar foi morto na Bahia em 1971. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-de-lamarca/>. Acessado em: 08/01/2020.

³³ A bordo da Apollo 11, Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar na lua em 1969. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/chegada-do-homem-a-lua/>. Acessado em: 08/01/2020.

³⁴ A Revolução dos Cravos derrubou a ditadura de Salazar em Portugal em 1974. O símbolo do movimento ficou marcado por uma flor. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/revolucao-dos-cravos/>. Acessado em: 08/01/2020.

Observa-se, ainda, que os anos de 1965, 1967, 1968, 1970 e 1973 não aparecem nessa linha do tempo. É como se eles estivessem sido apagados. É curioso observar como que a maior emissora de comunicação do país aborda um período tão importante da história nacional. O ano de 1964 foi marcado pelo golpe militar, quando o então general, Castello Branco, tomou posse da Presidência da República e esse fato sequer é mencionado. Durante essa época foi estabelecida a eleição indireta para presidente e, também, instituído o bipartidarismo, que permitia o funcionamento apenas de dois partidos: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Também durante esse governo, foi feita uma nova Constituição³⁵, onde foi institucionalizado o regime militar e suas formas de atuação. Na linha do tempo analisada não há nenhuma menção com relação a esse ano, é como se não tivesse ocorrido a ditadura no país.

Segundo Pollak (1968), o trabalho de enquadramento da memória se abastece do material fornecido pela história, podendo ser interpretado e combinado de várias maneiras. Grande parte das lembranças das pessoas é preenchida a partir dos conteúdos que a mídia apresenta. Sendo assim, a história que a maioria tem acesso está diretamente relacionada àquilo que é veiculado nos meios de comunicação. A partir do momento que fatos históricos como esses não são colocados na linha do tempo de um site que se propõe a rememorar, como o “Memória Globo”, eles ficam num segundo plano. É como se a emissora não desse a devida atenção e importância a esse período da história do Brasil.

O governo do general Arthur da Costa e Silva, que vigorou entre 1967 e 1969, e foi marcado pelo Ato Institucional Número 5 (AI5)³⁶ o mais duro do governo militar, também, não aparece na linha do tempo do site “Memória Globo”. Os protestos e as manifestações sociais importantes desse período, como a passeata dos Cem Mil³⁷,

³⁵ A Constituição de 1967 foi a sexta do Brasil. Ela foi criada pelos militares a fim de legitimar o governo após o golpe de 1964. Na prática, servia de pretexto para que o regime militar vigorasse de forma plena. Diversos decretos, atos institucionais e emendas foram incorporadas a ela, aumentando o poder Executivo sobre o Legislativo e Judiciário. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/constituicao-de-1967/>. Acessado em: 08/01/2020.

³⁶ Emitido pelo general, Arthur da Costa e Silva, o AI5 foi considerado um dos mais duros da história. Dentre as medidas, destaque para o poder concedido a governantes para punir quem fosse contrário ao regime militar. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acessado em 08/01/2020.

³⁷ Em 1968, uma passeata, promovida pelo movimento estudantil, levou 100 mil pessoas para as ruas do Rio de Janeiro, para protestarem contra a violência do regime militar.

também são apagados das lembranças da emissora. O único fato que ganha destaque nesse período foi a chegada do homem à lua.

De acordo com Ricoeur (2007), as estratégias de esquecimento encontram-se, justamente, nesse processo de configuração. Pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, destacando fatos e reconfigurando os papéis dos atores na história. O governo do general Emílio Garrastazu Médici, que teve início em 1969 e durou até o início de 1974, foi um dos mais duros da ditadura e ficou conhecido como “os anos de chumbo”, sequer é mencionado. Outros fatos que marcaram o país durante esse período, tais como o “Milagre Econômico”³⁸, a construção de obras importantes como a Rodovia Transamazônica³⁹ e a Ponte Rio-Niterói, o início do processo de redemocratização, não são lembrados. Apenas a morte do capitão Lamarca, em 1971, é mencionada.

Como bem pontua Abramo (1997), a grande imprensa, de uma forma geral, trata determinados fatos a partir de uma ótica que ela, enquanto empresa, julga correta. Nesse processo, são levados em consideração diversos fatores, tais como a cultura organizacional, as influências políticas, os patrocinadores, entre outros. Sendo assim, considerar o papel que a Rede Globo desempenhou durante o período ditatorial no Brasil é fundamental para entender ou, pelo menos, pensar os motivos para que tais fatos não tenham sido inseridos na linha do tempo do seu site de memória.

De acordo com o livro “A história secreta da Rede Globo”, de Daniel Herz (1987), a emissora começou a operar, de forma clandestina, no Brasil em 1961, quando descumprindo um artigo da Constituição que, na época, proibia a presença de capital estrangeiro em mídia de concessão estatal, firmou contrato com o grupo norte-americano *Time-Life*. A ilegalidade foi comprovada por meio de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional. No entanto, os militares que

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil> . Acessado em: 08/01/2020

³⁸ Entre 1967 e 1973 o Brasil alcançou taxas de crescimento altas e sem precedentes que ficou conhecido como “milagre econômico”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro> . Acessado em: 08/01/2020.

³⁹ A rodovia foi construída durante o regime militar e foi considerada a terceira maior do país, com quatro mil quilômetros, percorrendo os estados da Paraíba, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/transamazonica.htm> . Acessado em: 08/0/2020.

ocuparam o poder em 1964 desconsideraram o texto e fizeram uma manobra para que a mesma fosse legalizada.

Segundo Daniel Herz (1987), o governo contornou as resistências que surgiram em torno do caso para garantir a implantação da emissora, uma vez que ela seria instrumento fundamental na política de internacionalização da economia. “O papel político da Globo era uma função complementar ao seu decisivo papel econômico” (HERZ, 1987; p. 34). O governo militar foi baseado em um modelo de internacionalização do mercado interno, ou seja, o mesmo modelo que a Rede Globo adotava na época. Sem ter o apoio da população, era necessária a aliança com uma grande empresa de comunicação para mobilizar a sociedade. Em pouco tempo, a Rede Globo se tornou a maior empresa de comunicação do país, se comunicando de forma ativa com milhões de brasileiros, diariamente, através dos programas e das telenovelas que produzia e, principalmente, por meio do seu telejornal de maior audiência: o Jornal Nacional, que era supervisionado, diretamente, por Roberto Marinho. Aliás, essa aproximação pessoal com a programação da emissora ficou evidente em diversos momentos, inclusive na fala do próprio Marinho. “Nós fornecemos todas as informações necessárias, mas nossas opiniões são, de uma maneira ou de outra, dependentes do meu caráter, das minhas convicções e do meu patriotismo. Eu assumo a responsabilidade sobre todas as coisas que conduzo” (MARINHO apud HERZ, 1987; p.26).

Como é possível perceber, a Rede Globo seguia uma linha editorial bem específica que estava subordinada aos ideais pessoais do seu proprietário que não fazia questão de esconder, inclusive, que utilizava do seu poder para alcançar o que almejava.

“Sim, eu uso esse poder!”, confessou o empresário ao jornal norte americano. “mas sempre de maneira patriótica, tentando corrigir as coisas, procurando caminhos para o país e seus estados. Nós gostaríamos de ter poder suficiente para consertar tudo o que não funciona no Brasil. A isso dedicamos todas as nossas forças.” (MARINHO apud HERZ, 1987; p.25).

Diante desse contexto, pode-se dizer que a Rede Globo, em muitos momentos, foi complacente com o regime militar e, embora, atualmente, ela tenta se redimir de algumas acusações que ela considera falsas, relacionadas às concessões

de canais, ao grupo *Time-Life*, a Proconsult⁴⁰, entre outros; e esclarecer equívocos daquele período, criando abas específicas para isso no próprio site “Memória Globo”, ela ainda se mostra restrita a alguns acontecimentos. Tanto que nessa linha do tempo não há menção nenhuma a ditadura.

De acordo com Orlandi (2007) há uma diferença entre silêncio e silenciamento. Nem sempre o silêncio pode ser observado de maneira verbal ou escrita. Há silêncios que são desejados, necessários, intolerados e proibidos. Nesse sentido, segundo a autora, o silêncio, antes de tudo, significa. Trata-se do silêncio fundador (ORLANDI,2007) que seria condição necessária para a produção do sentido. Porém, existe, também, a política do silêncio que está relacionada ao “poder dizer”. Quando se decide mostrar, apenas, um discurso ou uma parte da história, por exemplo, automaticamente outros pontos de vistas e outras faces da história, são silenciadas. “A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo.” (ORLANDI, 1997, p. 75). Sendo assim, pode-se dizer que a memória apresentada na linha do tempo de 1965 a 1974 é repleta de silenciamentos, uma vez que oculta um período tão importante da política no país.

5.2.2 Segunda linha do tempo - 1975 - 1984

Figura 18 - O segundo período da linha do tempo do site “Memória Globo”



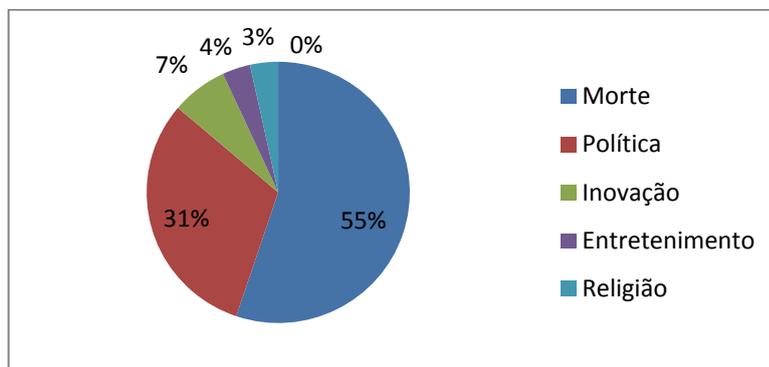
Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

O segundo período a ser analisado corresponde a 1975 à 1984. Ao contrário do período anterior, foi possível constatar um número maior de fatos ressaltados,

⁴⁰ Empresa contratada para processar os votos eletrônicos em 1982. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/proconsult/>. Acessado: 08/01/2020.

totalizando 29. A imagem do Brasil aparece em 20 coberturas e a do exterior em 9. Com relação aos anos que receberam destaques, percebe-se que , apenas, o ano de 1975 não aparece na linha do tempo. No entanto, não há um padrão a ser seguido. O ano de 1976, por exemplo, aparece com 5 fatos ressaltados. Já os anos de 1978 e 1979 com 3 fatos cada um. O ano de 1984 surge, somente, com uma cobertura destacada como importante. Sobre as temáticas abordadas, nota-se que 16 foram relacionadas à mortes (consultar apêndice H). Já a política aparece em 9 coberturas; a inovação em 2 , a religião em 1 e o entretenimento em 1, também. Os assuntos relacionados à saúde, à economia, ao sequestro e ao esporte não recebem destaque nesse período (consultar apêndice B).

Gráfico 2 - Temáticas predominantes – 1975 a 1984



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os fatos lembrados estão as mortes de JK⁴¹, de João Goulart ⁴²e de John Lennon⁴³; os atentados⁴⁴ da OAB e a ABI; do Rio Centro⁴⁵ e do papa João

⁴¹ A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek, que criou o plano “50 anos em 5”, causou grande comoção nacional em 1976. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-de-jk/>. Acesso em: 08/02/2020.

⁴² João Goulart era popularmente conhecido como Jango. Ele assumiu o poder em 1961 após o, então presidente, Jânio Quadros renunciar. Ficou presidindo o Brasil até 1964, quando foi deposto pelo Golpe Militar. Em 1976 veio a falecer durante exílio na Argentina. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-de-joao-goulart/>. Acesso em: 08/02/2020.

⁴³ Um dos maiores ídolos da música, John Lennon, foi morto a tiros por um fã em Nova York em 1980, causando grande comoção mundial. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-de-john-lennon/>. Acesso em: 08/02/2020.

⁴⁴ Atentados ocorridos em 1976. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-contra-a-oab-e-a-abi/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁴⁵ Durante uma comemoração em homenagem ao Dia do Trabalho no RioCentro, uma bomba explodiu matando o sargento Guilherme Pereira. Disponível em: <https://memoria.globo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentado-no-riocentro/>. Acesso em: 08/01/2020.

Paulo II⁴⁶. Destaque, também, para os assassinatos de Ângela Diniz⁴⁷, Cláudia Lessin⁴⁸ e do jornalista Alexandre Von Baumgarten⁴⁹. As guerras civis em El Salvador⁵⁰; Irã/ Iraque⁵¹ e Malvinas⁵², também, são lembradas. O incêndio no edifício Grande Avenida⁵³, a seca no Nordeste e as enchentes no Sul⁵⁴ aparecem como as grandes tragédias da década. A Rebelião em Jacareí⁵⁵, por exemplo, que rendeu a Globo o prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, também, não ficou de fora. Há ainda referências ao primeiro bebê de proveta⁵⁶, as descobertas e desdobramentos da Aids⁵⁷, as visitas do papa João Paulo II e ao casamento real⁵⁸.

No entanto, observa-se um destaque maior para a política. Há referências tanto para coberturas internacionais, quanto para nacionais. O período ditatorial que sequer foi mencionado na primeira abordagem da linha do tempo aparece, ainda que de forma tímida, nesse período. A viagem de Geisel ao Japão, as primeiras greves

⁴⁶ Em 1981, o papa João Paulo II sofreu um atentado na Praça São Pedro no Vaticano. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentado-ao-papa-joao-paulo-ii/>. Acesso em: 08/02/2020.

⁴⁷ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/assassinato-de-angela-diniz/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁴⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-claudia-lessin/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁴⁹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-baumgarten/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁵⁰ Entre 1980 e 1992 El Salvador viveu uma guerra civil que matou mais de 60 mil pessoas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-civil-em-el-salvador/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁵¹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-ira-iraque/>. Acesso em 08/01/2020.

⁵² Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-das-malvinas/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁵³ O incêndio ocorreu em 1981. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/incendio-no-edificio-grande-avenida/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁵⁴ Em 1983 uma enchente devastou o rio Grande do Sul, o Paraná e Santa Catarina. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchente-no-sul-1983/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁵⁵ A rebelião no presídio de Jacareí em 1981 deixou 16 presos mortos e muitos feridos. Disponível em : <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/rebeliao-em-jacarei/> Acesso em: 08/02/2020.

⁵⁶ Em 1978 nasceu na cidade de Oldham, na Inglaterra, o primeiro bebê de proveta. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/primeiro-bebe-de-proveta/>. Acesso em: 08/02/2020.

⁵⁷ 1983 foi marcado, também, pela descoberta da Aids. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/descoberta-e-desdobramentos-da-aids/>. Acesso em 08/01/2020.

⁵⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/>. Acesso em: 08/01/2020.

no ABC ⁵⁹ paulista, a anistia e a volta dos exilados são fatos marcados nessa época. O processo de redemocratização política aparece nessas lembranças e ganha destaque na cobertura das eleições gerais em 1982, na qual foi realizada a primeira eleição direta para governadores de estados, senadores, deputados estaduais e federais; e vereadores, após a ditadura militar.

Figura 19 - Destaque das eleições gerais no site “Memória Globo” – (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

É curioso observar que, apesar de não haver um destaque para o movimento das “Diretas Já”, que teve início em 1983 e se estendeu até 1984, no próprio site “Memória Globo”, é possível acessar uma aba denominada “Erros”, na qual o Grupo Globo faz o “mea culpa” das coberturas feitas durante esse período, já citadas anteriormente. De acordo com Jairo Sanguiné Júnior (1998), “o papel desempenhado pela Rede Globo na história recente do país confunde-se com o próprio poder político do país, pois sempre esteve à frente das principais decisões dos diferentes governos” (JÚNIOR, 1998, pág.70).

Levando em consideração que a memória pode ser reconfigurada a todo momento e que a forma como os acontecimentos são lembrados interfere, diretamente, na maneira como a história é contada, cabe refletir sobre a postura adotada pela Rede Globo diante desses fatos. A mídia exerce importante influência na sociedade, uma vez que, por meio de seu discurso, confere significado ao que é

⁵⁹ Composta por metalúrgicos da região do ABC paulista que reivindicavam melhores condições de trabalho e salários, o movimento rapidamente se espalhou pela indústria. Em 1979 ocorreu a maior greve da história que durou cerca de 50 dias e interrompeu o trabalho de 600 fábricas na região. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/greves-do-abc/>. Acesso em: 08/02/2020.

transmitido. Sendo assim, de acordo com Castro (2008), quando uma empresa do tamanho da Rede Globo busca produzir uma memória institucional, ela, também, procura institucionalizar a memória sobre os acontecimentos que narra.

Como foi visto no início deste capítulo, a Rede Globo nasceu na ditadura, a partir de um acordo firmado com o grupo norte-americano *Time Life*, que detinha 45% de participação nos lucros. Porém, era um tipo de contrato proibido pela Constituição que não permitia capital estrangeiro em veículos de comunicação. Mas, como havia interesses em comum entre o Governo Militar e a emissora, ela passou a funcionar normalmente, conquistando a cobertura de, praticamente, todo o território nacional.

Assim, durante 20 anos de ditadura, a Rede Globo atuou como uma espécie de “porta voz” dos militares, inserindo temas de interesses mútuos nas telenovelas, nos programas e nos telejornais, comandando a agenda nacional. Pode-se dizer que a resistência em publicar notícias referentes a esse período era algo natural e, por isso mesmo, talvez, não haja tantos fatos presentes na linha do tempo feita pela emissora, uma vez que a memória apresentada no site tem por ponto de partida as coberturas feitas a cada década pela própria emissora. Falando, especificamente das “Diretas já!”, segundo Fantinatti (2007), nota-se que durante o período de abertura política, era levado ao ar, apenas, o aspecto da política conservadora. No entanto, quando o movimento ganhou as ruas e o caráter popular, esse controle ficou mais difícil de manter.

No site “Memória Globo”, dentre as justificativas apresentadas para que os eventos que vinham ocorrendo não fossem transmitidos nacionalmente, está a questão da censura. De acordo com o texto do site, José Bonifácio, então vice-presidente de operações da TV Globo na época, relatou que os generais ligavam para Roberto Marinho ameaçando retirar a concessão da emissora, caso não fossem compridas as exigências.

Naquele momento, a pressão sobre Roberto Marinho foi intensa. Foi uma frustração para mim e para toda a equipe de jornalismo, uma tristeza para o Armando Nogueira e a Alice-Maria, não poder fazer a cobertura de maneira adequada. Nós ficamos limitados pelo poder de audiência que a TV Globo tinha. Isso foi uma tristeza muito grande, mas naquele momento o Dr. Roberto não podia resistir. (Trecho de depoimento de Bonifácio in “Memória Globo”).

Diante de tais fatos, pode-se dizer que muito mais do que apresentar outras versões desse período da história brasileira, a “mea-culpa” feito no site “Memória Globo” busca reforçar alguns valores e princípios apresentados pela empresa em seus discursos autorreferenciais como norteadores da instituição, tais como imparcialidade, responsabilidade social e objetividade. Nos depoimentos disponíveis, os profissionais envolvidos nas coberturas daquele período a todo o momento falam sobre as pressões exercidas pelo governo. Segundo Fatinatti (2007), “ao colocar em primeiro plano o papel da censura – um mal, uma nódoa, uma prática inadmissível – a Globo se coloca num terreno ideologicamente confortável perante o julgamento do público” (FANTINATTI, 2007, p.14).

A memória está diretamente ligada à história e ao esquecimento. A partir do momento que ela é colocada como pública, que ela é compartilhada, ela se torna social/ coletiva. De acordo com Ricoeur (2007) lembrar não é só receber uma imagem do passado, mas, também, buscá-lo.

O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é ‘exercitada’. [...] o reconhecimento, que coroa a busca bem-sucedida, designa a face cognitiva da recordação, ao passo que o esforço e o trabalho se inscrevem no campo prático. (RICOEUR, 2007, p. 71).

O trabalho de rememoração não é algo fácil de se fazer, uma vez que é preciso decidir, entre tantos acontecimentos, aqueles que serão lembrados e os que serão esquecidos. Segundo Ricoeur (2007), muitas vezes, as rememorações surgem como um “dever de memória”, ou seja, como uma “memória obrigada”, como uma forma de se redimir do passado, sendo marcadas por novas interpretações. No entanto é preciso ficar atento para a memória que está sendo construída, principalmente quando ela está sendo apresentada por grupos de posições privilegiadas como a Rede Globo.

Para Halbwachs (2009), a lembrança é um instrumento de reconfiguração dos fatos no presente. Sendo assim, o passado não é algo linear, mas sim, mutável, uma vez que se articula conforme cada época. Nesse sentido, pode-se dizer que a linha do tempo que compreende o período de 1975 à 1984 surge trazendo uma memória apaziguada (RICOEUR,2007), não dando a devida importância para esses fatos que foram e ainda são tão importantes para a história do país.

5.2.3 Terceira linha do tempo - 1985 – 1994

Figura 20 - Terceiro período da linha do tempo do site “Memória Globo” - (versão web –nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

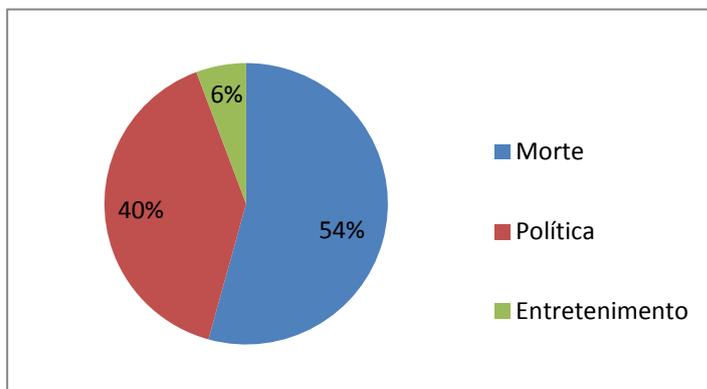
O terceiro período a ser analisado corresponde a 1985 a 1994. Ao todo, 35 fatos receberam destaque nesse período. Desse total, 23 foram relacionados a fatos ocorridos no Brasil e 12 a fatos internacionais. Sobre as temáticas abordadas nota-se que 19 são relacionadas à morte (consultar apêndice I), 10 à política, 4 à economia e 2 ao entretenimento. Os assuntos relacionados à saúde, à inovação, ao esporte, ao sequestro e à religião não aparecem. Com relação aos anos que foram lembrados, observa-se que todos aparecem sendo representados com pelo menos uma cobertura jornalística, porém alguns aparecem com mais destaques que outros (consultar apêndice C). A eleição indireta de Tancredo Neves⁶⁰ para a presidência do país, bem como sua morte aparecem logo no início da linha do tempo. Em seguida, ganha espaço o lançamento do Plano Cruzado⁶¹, conjunto de medidas econômicas que foi lançado no governo Sarney em 1986 e substituiu a moeda corrente da época, que era o cruzeiro, pelo cruzado. A promulgação da Constituição

⁶⁰ Em 1985, Tancredo Neves venceu o candidato Paulo Maluf com grande diferença de votos. Porém, 40 dias após sua eleição, ele veio a falecer. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicao-e-morte-de-tancredo-neves/>. Acessado em 10/01/2020. Acesso em 08/01/2020.

⁶¹ Pacote econômico que substituiu a moeda vigente na época. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/plano-cruzado/>. Acesso em 08/01/2020.

de 1988⁶²; a primeira eleição direta que conduziu Fernando Collor até o poder; o Plano Collor⁶³; o Escândalo da previdência⁶⁴ e o Impeachment⁶⁵; também, aparecem entre os destaques. A implementação do Plano Real⁶⁶ e das eleições de 1994 encerram o período relacionado com a política no Brasil, durante essa época.

Gráfico 3 - Temáticas predominantes – 1985 a 1994



Fonte: Elaborado pela autora.

É curioso observar que nessa linha do tempo há um número muito maior de coberturas, em destaque, relacionadas a política no país. Talvez isso ocorra pela mudança de posição adotada pela Rede Globo em 1984, quando ocorreu o fim da ditadura e quando a emissora passou a dar apoio ao novo governo que tomaria posse em 1985. Segundo Kucinski (1998), cabe refletir sobre o papel que a Rede

⁶² A Constituição de 1988 consolidou a passagem do governo militar para o democrático. Ela reestabeleceu alguns direitos básicos para área de educação, saúde, trabalho etc. Além disso, instituiu a criminalização do racismo, promoveu a igualdade de gêneros e proibiu a tortura. Disponível em: <https://www.infoescola.com/direito/constituicao-de-1988/>. Acesso em 08/01/2020.

⁶³ Conjuntos de medidas econômicas criadas no governo Collor, em 1990, para melhorar a economia do país na época. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/plano-collor/>. Acesso em 08/01/2020.

⁶⁴ Esquema de corrupção de aposentadorias milionárias que aconteceu em 1991. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-da-previdencia/>. Acesso em 08/01/2020.

⁶⁵ Em 1992 o, então presidente, Fernando Collor, foi afastado da presidência. As acusações apontavam para um esquema de corrupção no governo que envolvia pessoas próximas ao presidente, como Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha de Collor. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁶⁶ Pacote de medidas econômicas que tinha como objetivo conter a inflação. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/plano-real/>. Acesso em: 08/01/2020.

Globo desempenhou na sociedade, uma vez que ela atuou, de forma significativa, nas definições de alternativas políticas e nos rumos do país.

Foram nos escritórios de Roberto Marinho e nos estúdios da Globo que se definiram as grandes opções estratégicas em momentos cruciais da transição, entre as quais a derrota (não conseguida) de Brizola, na campanha para o governo do Rio de Janeiro em 1982, e as derrotas das campanhas Diretas Já (1984) e de Lula à presidência (1989). Foi também nos escritórios de Roberto Marinho que se sacramentou a aliança estratégica PFL-PSDB, concebida para durar pelo menos doze anos, oito sob Fernando Henrique Cardoso e mais quatro sob Luís Eduardo Magalhães. (KUCINSKI, 1998, p. 8).

Esse poder exercido pela emissora fica evidente em diversos momentos da história, como nas eleições de 1989 que gerou bastante polêmica e, até hoje, rende muitas explicações. Era a primeira eleição presidencial por voto direto depois de 29 anos de regime militar. Ao todo, 23 candidatos disputavam o posto da presidência da República. No primeiro turno das eleições, Fernando Collor (PRN) saiu na frente com 20,6 milhões de votos, seguido de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 11,6 milhões de votos. Os dois iriam disputar o 2º turno das eleições daquele ano. Nessa segunda fase ocorreram dois debates entre os candidatos que foram transmitidos, na íntegra, pela Rede Globo, Rede Bandeirantes, Manchete e SBT, entre 21h30 e 24h.

Após o último debate, a Rede Globo divulgou duas matérias, uma no “Jornal Hoje” e outra no “Jornal Nacional”, que geraram polêmicas. A primeira, dizia que havia um equilíbrio entre os candidatos. Já a segunda foi acusada de privilegiar o desempenho de Collor, divulgando trechos que favoreciam sua fala, o que teria ajudado o candidato a se eleger. No site “Memória Globo”, há um mea-culpa a respeito desse episódio, justificando que, apesar de ter ocorrido, de fato, uma edição, a própria liderança do PT teria admitido que o então candidato Lula, não teria se saído bem no debate. De acordo com o texto, disponibilizado no site, os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Sendo assim, o objetivo, segundo a emissora, era mostrar que Collor teria sido o vencedor do debate, uma vez que Lula teria se saído mal.

Segundo Castro (2008), a partir das justificativas apresentadas no site “Memória Globo” foi possível notar que a abordagem feita foi de acordo com os

interesses da própria instituição. Ao justificar que apesar de ter ocorrido a edição, a própria liderança do PT teria admitido que Lula não se sairia bem em um novo debate com Collor, a Rede Globo amenizou seu erro, tentando comprovar com fatos e com depoimentos dos profissionais envolvidos nas coberturas daquela época, que Collor teria, naturalmente, uma tendência a ganhar. “Quando o fato diz respeito diretamente à empresa e não é possível separar a relação entre ambos, muda-se a versão, a interpretação narrativa sobre o fato. Porém, quando tal separação é possível, colocam-se como vítimas do fato bruto que lhes serviu de matéria-prima” (CASTRO, 2008, p. 11).

Essa é uma das grandes polêmicas envolvendo a Rede Globo e, apesar de não estar presente na linha do tempo, ela aparece em destaque em outra aba do site “Memória Globo”. De acordo com Castro (2008), ao construir uma versão para os acontecimentos polêmicos nos quais esteve envolvido, o grupo faz a memória operar a fim de construir uma identificação com o público, se libertando das marcas do passado. Segundo Ricoeur (2007), trata-se de uma maneira de exercitar a memória a fim de conciliar presente com passado. Embora esses eventos conturbados da história da Rede Globo não estejam presentes na sua linha do tempo, é preciso refletir sobre as lembranças que são feitas e sobre os fatos que são colocados como histórico nessa linha do tempo. Afinal, como ocorre essa seleção? De acordo com Ana Paula Goulart (2007), a mídia aciona a lembrança do acontecimento, tomando pra si o papel de promotora da memória, elegendo e renegando fatos históricos. Sendo assim, ao colocar em uma linha do tempo, os fatos que se deseja lembrar, a Rede Globo decide o que entra para a história.

Nesses quase 10 anos de coberturas, há ainda destaques para outros assuntos que são reinscritos na sociedade como eventos emblemáticos. Dentre eles, pode-se citar a explosão da nave Challenger⁶⁷; o incêndio no edifício Andorinhas⁶⁸; o

⁶⁷ Em janeiro de 1986 ocorreu o acidente com a nave Challenger, no qual morreram os sete tripulantes, cinco homens e duas mulheres, entre elas a professora Christa Sharon McAuliffe, de 37 anos, escolhida entre 11 mil candidatas à viagem espacial. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/explosao-da-challenger/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁶⁸ Um curto-circuito teria provocado o incêndio no edifício Andorinhas e matado 21 pessoas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/incendio-no-edificio-andorinhas/>. Acesso em: 08/01/2020.

acidente nuclear de Chernobyl⁶⁹; o acidente radioativo Césio 137⁷⁰; o massacre da Paz Celestial⁷¹; as chacinas da Candelária, do Carandiru e do Vigário Geral, entre outros. As cerimônias fúnebres, por sua vez, aparecem nas coberturas das mortes de Tancredo Neves, Ayrton Senna e de outras personalidades como Carlos Drummond de Andrade e o líder político Aiatolá Khomeini.

5.2.4 Quarta linha do tempo - 1995 - 2004

Figura 21 - Quarto período da linha do tempo do site “Memória Globo” - (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

O quarto período a ser analisado corresponde a 1995 a 2004. Dos 31 fatos ressaltados, 14 faziam referências a questões externas e 17 tratavam de assuntos relacionados ao Brasil. Todos os anos, aparecem representados, alguns com mais

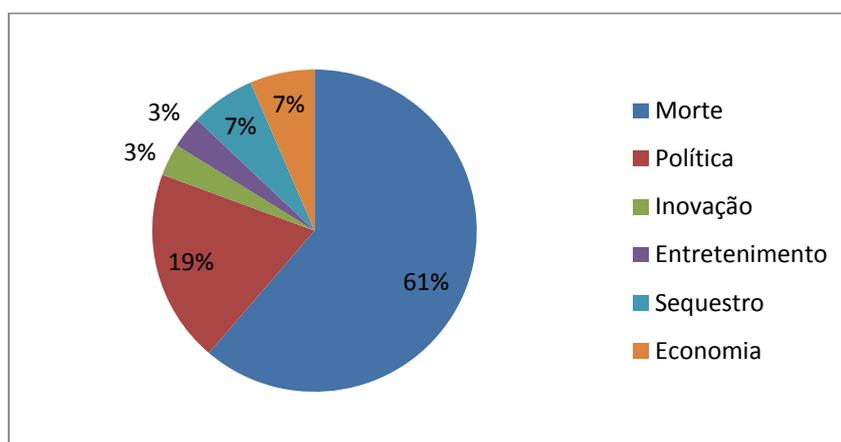
⁶⁹ Em 1986, uma explosão em um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, acabou provocando uma nuvem de radioatividade que se espalhou por vários países da Europa, contaminando florestas e causando doenças em milhares de pessoas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/acidente-nuclear-de-chernobyl/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷⁰ Um grupo de catadores de papel encontrou um aparelho contendo uma peça radioativa em Goiânia. O equipamento estava num prédio abandonado onde funcionava uma clínica abandonada. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷¹ Estudantes ocuparam a Praça Tiananmen em Pequim, pedindo melhorias e mais diálogo com o governo. Eles começaram uma greve de fome. A praça ficaria conhecida como Praça da Paz Celestial. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-na-praca-da-paz-celestial/>. Acesso em: 08/01/2020.

destaques do que outros. Com relação às temáticas abordadas, observa-se que 19 são relacionadas à morte (consultar apêndice J). Outros 4 fatos fazem referência a política; 4 a economia; 2 ao sequestro; 1 a inovação e 1 ao entretenimento. Os assuntos relacionados a saúde, ao esporte e a religião não aparecem (consultar apêndice D).

Gráfico 4 - Temáticas predominantes – 1995 a 2004



Fonte: Elaborado pela autora.

Destaques para tragédias como a do terremoto em Kobe⁷², no Japão; a do acidente do ônibus espacial Colúmbia⁷³; a do Tsunami na Ásia⁷⁴; a dos atentados terroristas como o de 11 de setembro de 2001⁷⁵ nos Estados Unidos e o de 2004

⁷² Em 1995, um terremoto de intensidade 7,3 na escala Richter atingiu as cidades de Kobe, Osaka e Kioto, no Japão. Em 20 segundos, foram abaixo casas e prédios, além de estradas e estações de metrô. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/terremoto-em-kobe/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷³ Em fevereiro de 2003, o ônibus espacial Columbia explodiu quando sobrevoava a região do Texas. Todos os sete tripulantes a bordo – seis americanos e um israelense – morreram. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/acidente-do-onibus-espacial-columbia/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷⁴ Uma série de ondas gigantes com velocidade de 80km/h devastou a costa de 8 país do oceano Índico. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/tsunami-na-asia/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷⁵ As torres gêmeas do World Trade Center, em Manhattan, Nova York, foram derrubadas depois de serem atingidas por um Boeing 767. No mesmo dia, o prédio do Pentágono, centro do poder militar dos Estados Unidos, também foi atingido, por um Boeing 757. Outro avião do mesmo tipo foi sequestrado e derrubado a 130 km ao sul de Pittsburgh, na Pensilvânia, fechando a série de atentados ocorridos neste dia. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro/>. Acesso em: 08/01/2020.

em Madri⁷⁶ que foram planejados pela rede *Al Qaeda*, de Osama Bin Laden, e para as guerras do Afeganistão e do Iraque. De alguma forma, o inesperado e o imprevisível se confirmaram como valores-notícia nesse período. De acordo com Sônia Maria de Meneses Silva (2011), no século XX, é possível observar que os acontecimentos que se tornam emblemáticos pela mídia possuem uma dupla face.

Primeiro, ocorrências como guerras, desastres ambientais, massacres, dentre outros, apresentam-se como demandas midiáticas de primeira grandeza numa divulgação espetacular que priorizou o apelo à sensibilidade e à comoção coletiva. E, em segundo, essa vulgarização acabou por instaurar um elo de historicidade muito mais elástico entre grupos humanos em várias partes do mundo, posto que a sua possibilidade de divulgação e repetição em imagens quase inesgotáveis criaram uma audiência muito mais ampla sobre tais eventos. Em outras temporalidades estes somente se fariam conhecidos por aqueles que os vivenciassem diretamente. (Silva, 2011,p.34).

Com relação à política no país, destaque para o escândalo dos Precatórios⁷⁷, esquema de corrupção que envolveu o então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf e seu secretário de finanças Celso Pitta em 1996; para o escândalo das Mafias Fiscais⁷⁸ em 1998; para as eleições presidenciais⁷⁹ de 1998 e 2002; entre outros. Já no exterior, destaque para crise no Sudeste Asiático em 1997 e para as eleições presidenciais de 2004. As rememorações dão destaque, também, para as mortes de algumas personalidades, tais como a do primeiro ministro israelense Yitzhak Rabin, em 1995; dos integrantes da banda “Mamonas Assassinas” em 1996; da princesa Diana em 1997; entre outras. Ao contrário das outras linhas do tempo, essa apresenta 2 coberturas que estão diretamente relacionadas à questão institucional. A primeira trata-se da morte do fundador da Rede Globo, Roberto Marinho.

⁷⁶ Em 2004, uma série de bombas explodiu em três estações de metrô, em Madri, matando 200 pessoas e deixando 1.500 feridas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-terroristas-em-madri/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁷⁷ Escândalo de corrupção ocorrido em 1996. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-dos-precatorios/>. Acesso em 10/01/2020.

⁷⁸ De 1997 a 2001, o governador de São Paulo, Celso Pitta, esteve envolvido em um dos maiores escândalos de corrupção da história. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-da-mafia-dos-fiscais/>. Acesso em: 10/01/2020.

⁷⁹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/> . Acesso em 10/01/2020.

Figura 22 - A morte de Roberto Marinho disponível no site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

A memória autorreferencial surge de forma explícita aqui. Tal acontecimento é colocado na categoria de fato histórico, recebendo o devido destaque no ano de 2003. Cabe aqui refletir sobre o sentido que essa rememoração representa. Desde a sua criação, a Rede Globo sempre contou com a participação efetiva do seu proprietário nas suas decisões e nas programações diárias. Todo esse império foi construído sob o reflexo da imagem de Marinho. Sendo assim, a sua morte contribuiu para reforçar, ainda mais, alguns valores da instituição. De acordo com BRITO et.al (2008), a ausência definitiva de um líder pode estimular a mitificação do seu papel social.

[...] o mito fundador provê um repertório inicial de representações da realidade e, em cada etapa da formação histórica da instituição (ou organização), ele é reorganizado em sua hierarquia e em seu sentido pela adição de novos aspectos ao significado original. As ideologias resultantes alimentam-se das representações geradas no ato da fundação (atualizando-se em busca de adequação histórica). Um mito, sob novas roupagens, pode repetir-se indefinidamente. (BRITO et.al, 2008, p.4).

Essa construção mítica de Marinho fica mais evidente em outros conteúdos produzidos pela emissora, como na edição do Jornal Nacional que é apresentada como histórica no próprio site “Memória Globo”.

Figura 23 - A edição histórica do Jornal Nacional – (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Já a segunda cobertura diz respeito ao assassinato do jornalista Tim Lopes. O repórter que era conhecido por fazer matérias investigativas, lançando mão de estratégias, por vezes, arriscadas, para produzir suas reportagens investigativas especiais, se tornou “símbolo da intrepidez da Globo” (MUSSE, THOMÉ, 2015, p. 12). No site, a morte do jornalista tem o devido destaque e aparece como um importante fato histórico na linha do tempo, se tornando um marco de referência para organização e para outros colegas de profissão.

Figura 24 - O assassinato de Tim Lopes – (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

De uma forma geral, observa-se que a linha do tempo de 1995 a 2004 surge trazendo diversos acontecimentos, porém de forma não muito ordenada. O ano de 2004, por exemplo, apresenta, apenas, coberturas relacionadas a questões

internacionais, ou seja, o Brasil não aparece lembrado neste ano. Não se sabe quais são os critérios utilizados pela empresa no momento de escolher entre tantos fatos, aqueles que se deseja lembrar, no entanto, nota-se que a memória surge de uma forma complexa, trazendo um emaranhado de fatos desconexos.

5.2.5 Quinta linha do tempo – 2005- 2014

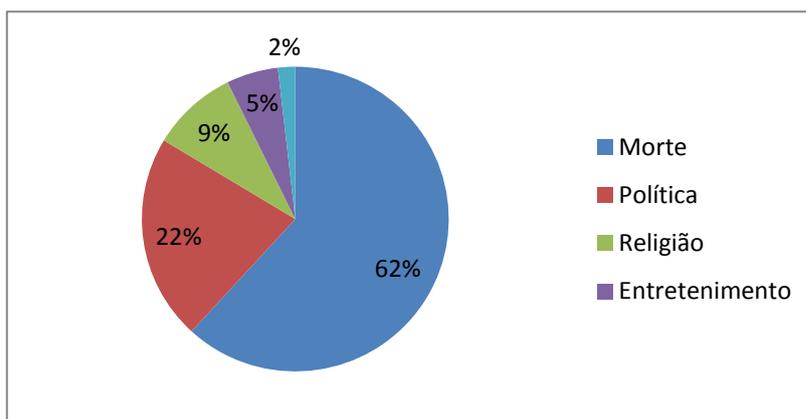
Figura 25 - O quinto período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

O quinto período a ser analisado corresponde a 2005 a 2014. Ele foi o que teve mais fatos destacados, foram 55 no total. Destes, 25 foram relacionados às questões externas e 30 faziam referências aos assuntos do Brasil (consultar apêndice E). Todos os anos aparecem representados, alguns com mais fatos em destaques do que outros. Dentre as temáticas destacadas, 33 estão relacionadas a fatos referentes a mortes (consultar apêndice K). Já 12 fazem referência à política; 5 à religião; 3 ao entretenimento; 1 ao sequestro e 1 ao esporte. Os assuntos relacionados à inovação, à economia e à saúde não aparecem.

Gráfico 5 - Temáticas predominantes – 2005 a 2014



Fonte: Elaborado pela autora.

O inesperado e o imprevisível aparecem como valores-notícia em muitas coberturas como dos atentados terroristas em Londres; do Furacão Katrina⁸⁰ nos Estados Unidos; dos terremotos⁸¹ ocorridos no Paquistão, no Chile e no Haiti; do acidente aéreo da Air France⁸², entre outros. Já a proximidade aparece em fatos que marcaram e comoveram o país como as enchentes⁸³ em Santa Catarina; os deslizamentos⁸⁴ em Angra dos Reis no Rio de Janeiro; o incêndio da Boate Kiss⁸⁵,

⁸⁰ O furacão alcançou os estados de Louisiana, Mississipi e Alabama, ao sul dos Estados Unidos. A região metropolitana de Nova Orleans foi a mais atingida. Os ventos, que chegaram a 280 quilômetros por hora, deixaram cerca de 1000 mortos e causaram enormes prejuízos. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/furacao-katrina/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸¹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸² O voo 447, da Air France, desapareceu dos radares na noite de 31 de maio de 2009, três horas e meia após decolar do Aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro, a caminho de Paris. Depois de um tempo, foram encontrados destroços e corpos dos tripulantes. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/acidente-aereo-air-france/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸³ Uma das maiores enchentes da história de Santa Catarina atingiu mais de 1 milhão e meio de pessoas, deixando muitos desabrigados. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-em-santa-catarina/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸⁴ No ano novo de 2010, as fortes chuvas causaram deslizamentos na região de Angra dos Reis. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/deslizamentos-em-angra/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸⁵ Durante uma apresentação da banda Gurizada Fandangueira, foram utilizados artefatos pirotécnicos que, em contato com o isolamento acústico da boate Kiss, iniciaram um incêndio. A boate não possuía saídas de emergência suficientes e nem brigada de incêndio, e foi tomada pela fumaça tóxica, levando 242 jovens a óbito. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/incendio-da-boate-kiss/>

entre outros. Os assassinatos⁸⁶ do menino João Hélio, da Isabella Nardoni e o caso Eloá, também, são lembrados nesse período. Na política interna destaque para o chamado Escândalo do mensalão⁸⁷ em 2005, que revelou compra de apoio político no Congresso após denúncias do então deputado federal, Roberto Jefferson; para as eleições presidenciais⁸⁸ de 2006, 2010 e 2014; para a visita de Obama ao Brasil, entre outros, A ocupação da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão, cuja cobertura rendeu prêmio Emmy ao Jornal Nacional, são inseridos nesse processo de rememoração.

A religião é representada nas coberturas da visita do papa Bento XVI⁸⁹ ao Brasil, bem como na sua renúncia; na eleição do papa Francisco⁹⁰ e nas suas viagens; e na Jornada Mundial da Juventude⁹¹. O esporte aparece, apenas, em 2009, nas eleições do Rio como sede dos Jogos Olímpicos de 2016⁹². O entretenimento aparece de forma tímida nas coberturas do Rock in Rio e do casamento Real. As celebrações fúnebres aparecem nos destaques das mortes⁹³ do papa João Paulo II; do cantor Michael Jackson; do líder e fundador da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, e do ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez.

Chama a atenção o fato de alguns assuntos que foram importantes e decisivos para a história do país não estarem nessa linha do tempo, como é o caso das manifestações de junho de 2013 que mobilizaram o país. O movimento, que teve início com um protesto em São Paulo que questionava o aumento da passagem

⁸⁶ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸⁷ O mensalão foi um esquema de compra de apoio político no Congresso que veio à tona em 2015.

⁸⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁸⁹ Em maio de 2007, o papa Bento XVI visitou o Brasil. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/visita-de-bento-xvi-ao-brasil/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹⁰ Em 2013 ocorreu a eleição do novo papa. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicao-do-papa-francisco/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹¹ 3 milhões de pessoas participaram das Jornadas da Juventude no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/jornada-mundial-da-juventude/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹² Eleição do Rio como sede dos jogos de 2016. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicao-do-rio-como-sede-dos-jogos-de-2016/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/>. Acesso em: 08/01/2020.

de ônibus, acabou se ampliando. Com o lema “não é só pelos 20 centavos!”, os manifestantes reivindicavam as verbas destinadas a grandes eventos esportivos internacionais; a questão da corrupção; o arquivamento da PEC 37, que proibia investigações pelo Ministério Público, e o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades; as más condições dos serviços públicos, entre outros. Muitos pesquisadores consideram, inclusive, que ele teria sido um dos maiores movimentos populares desde as “Diretas Já!”. Todos os protestos que se intensificaram pelo país, de acordo com Santos (2014), teriam sido causados pelo desgaste com a política brasileira. Apesar de ter sido iniciado por um movimento apartidário de esquerda, ele “foi alvo da apropriação de vários grupos de pressão e até de partidos políticos, que queriam aproveitar um até então não revelado desgaste do terceiro ano de mandato de Dilma Rousseff e a repercussão dos protestos devido à Copa das Confederações” (SANTOS, 2014, p. 8).

Enfim, o que se pretende mostrar é que ao elencar os principais fatos ocorridos em quase uma década, muitos outros são deixados de lado. Como bem pontua Ricoeur (2007), o perigo maior está no manejo da história autorizada, celebrada, dita oficial. Ao valorizar certos fatos em detrimento de outros, a Rede Globo, diante da posição que ocupa, reconstrói um passado seletivo. Nota-se, mais uma vez, a política do silêncio (ORLANDI, 1997) sendo exercida e produzindo silenciamentos, ou seja, evitando fatos que não se deseja lembrar.

5.2.6 Sexta linha do tempo - 2015 +

Em 2015 a Rede Globo comemorou 50 anos de história e produziu uma série de atividades comemorativas. No entanto, a linha do tempo apresentada a partir desse ano traz poucos destaques. É como se essa parte do site tivesse sido deixada de ser atualizada. O ano de 2015 aparece com 6 coberturas ressaltadas, já 2016 e 2018 com , apenas, 1 cada. Os anos de 2017 e 2019 não aparecem (consultar apêndice F). Cabe ressaltar que, das 8 coberturas totalizadas neste período, 3 são relacionadas à questões internacionais e 5 à nacionais. A temática morte aparece como predominante em meio a atentados, tragédias e mortes, propriamente ditas (consultar apêndice L). A saúde aparece, pela primeira vez, como um destaque na

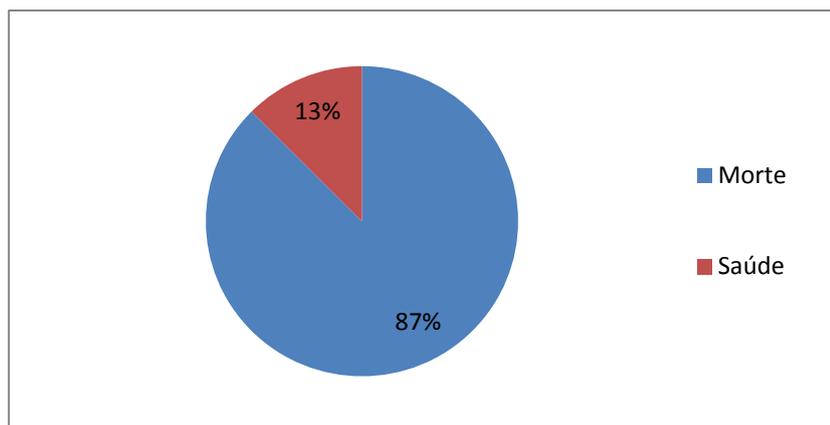
linha do tempo. Os assuntos relacionados ao entretenimento, ao esporte, à política, ao sequestro, à economia, à religião e à inovação não aparecem.

Figura 26- O sexto período da linha do tempo do site “Memória Globo”- (versão web - nov/2019)



Fonte: Acervo do site “Memória Globo” disponível até nov/2019.

Gráfico 6 - Temáticas predominantes – 2015 em diante



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os assuntos ressaltados estão: o atentado terrorista ao Charlie Hebdo⁹⁴; a execução de brasileiros na Indonésia; o terremoto em Nepal⁹⁵; o surto de

⁹⁴ No dia 07/01/2015 dois homens invadiram a redação do jornal satírico Charlie Hebdo e matou 12 pessoas, entre jornalistas e policiais. Entre os mortos, estava o cartunista de renome mundial, George Wolinski, de 80 anos. Disponível em <https://memoria.globo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentado-terrorista-ao-charlie-hebdo/> Acesso em: 08/01/2020.

microcefalia que se deu por conta do Zika⁹⁶ vírus; as tragédias em Mariana (MG)⁹⁷, os atentados⁹⁸ em Paris, a tragédia do time Chapecoense⁹⁹, que comoveu todo o país, e o caso do assassinato da vereadora do Rio Marielle Franco¹⁰⁰ que mobilizou toda a sociedade e teve repercussão mundial.

Assim como ocorreu nas outras linhas do tempo, há um hiato, um silenciamento que marca esse período mais recente da história. Não se sabe como ocorre esse crivo para determinar quais e quantos acontecimentos receberam destaque em cada ano, porém, o que se observa é que muitos fatos importantes não estão presentes. Dentre eles, pode-se citar o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff¹⁰¹; os protestos que ocorreram contra o governo que ficaram conhecidos como “panelaço”; as prisões de grandes figuras públicas que ocorreram na Operação Lava-Jato¹⁰², como as dos presidentes da Odebrecht e da Andrade Gutierrez, Marcelo Odebrecht e Otávio Marques de Azevedo; a prisão do ex-

⁹⁵ Em 2015 um forte terremoto atingiu o Nepal deixando 8 mil mortos. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/terremoto-no-nepal/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹⁶ Os primeiros casos conhecidos do Zika vírus surgiram em abril de 2015. Transmitido pelo mosquito Aedes Aegypt, ele ocasionou o nascimento de muitos bebês com microcefalia. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/microcefalia/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹⁷ Em 05/11/2015 uma barragem da mineradora Samarco rompeu e despejou 40 bilhões de litros de rejeitos de minério sobre os distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, no município de Mariana (MG). Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/tragedia-em-mariana-mg/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹⁸ Em 2015, a França foi alvo de uma série de atentados terroristas, com fuzilamentos em massa, explosões e atentados suicidas, que deixaram 130 mortos e 352 feridos. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-em-paris/>. Acesso em: 08/01/2020.

⁹⁹ Em 2016 o time de futebol da Chapecoense se envolveu em um acidente aéreo que culminou na morte de 61 pessoas. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/tragedia-da-chapecoense/>. Acesso em: 08/01/2020.

¹⁰⁰ A vereadora Marielle Franco foi assassinada a tiros no Rio de Janeiro em 2018. O crime deu início a uma complexa investigação envolvendo vários setores da polícia. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-marielle/>. Acesso em: 08/01/2020.

¹⁰¹ O impeachment da presidente Dilma Rousseff caracterizou-se pela grande polêmica e divergência de opiniões que envolveram o Parlamento e a sociedade. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 08/01/2020.

¹⁰² Deflagrada em 2014 pela Justiça Federal, a **Operação Lava Jato** investiga um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro no país. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/operacao-lava-jato.htm>. Acesso em: 08/01/2020.

presidente Lula; as eleições presidenciais de 2018; a posse do presidente Jair Bolsonaro; o rompimento da barragem em Brumadinho (MG)¹⁰³, entre outros.

Pode-se dizer que o “dever de memória” na contemporaneidade, ou seja, essa necessidade de criar lugares que sirvam de referência para a construção de identidades acaba produzindo uma memória obrigada (RICOEUR, 2007). Segundo o autor, é por meio das narrativas que se estabelecem as estratégias de esquecimento, rememoração e comemoração. Ao reconstruir o passado a partir de quadros sociais da memória (Halbwachs, 2003), a Rede Globo apresenta, apenas, pequenos recortes da história que se apresenta como oficial e hegemônica. Sendo assim, destacando certos momentos e negligenciando outros, a rememoração surge de forma seletiva.

5.3 A MORTE COMO PRINCIPAL VALOR NOTICIA

Como foi mencionado ao longo desta dissertação, antes de realizar a análise temática das coberturas jornalísticas presentes na linha do tempo do site “Memória Globo”, foram criadas as seguintes categorias: política, inovação, religião, entretenimento, esporte, saúde, sequestro, economia e morte. O objetivo era verificar quais assuntos eram mais frequentes nesse processo de rememoração da emissora. Assim, foram listados 166 fatos, sendo que desse total, 99 estavam relacionados à temática morte, ou seja, as coberturas fúnebres foram as predominantes durante todo o período analisado.

Tendo em vista esse resultado, foi importante fazer um refinamento da análise, a fim de verificar quais foram os tipos de mortes mais rememoradas. Assim, foram inseridos nessa categoria todos os fatos relacionados às tragédias, às guerras e aos conflitos internacionais, aos assassinatos, às rebeliões, aos atentados e aos falecimentos por problemas de saúde. A partir dessas coberturas, a presente pesquisa estabeleceu então nova análise em subcategorias, para apontar que tipos de mortes foram rememoradas pelo Grupo Globo.

¹⁰³ No início de 2019, após rompimento de barragem em Brumadinho (MG), diversas pessoas morreram e outras tiveram suas vidas afetadas. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/vale-nao-forneceu-dados-corretos-sobre-barragem-de-brumadinho-diz-anm/>. Acesso em: 08/01/2020.

Cabe ressaltar que toda a categorização foi feita tendo como base o enquadramento apontado pela emissora em cada cobertura jornalística. Observa-se que, em determinados casos, muitos fatos foram noticiados como tragédias, por exemplo, mas, na verdade foram crimes. Embora essa pesquisa não tenha se aprofundado nessa análise específica, é importante ficar claro que a proposta foi apresentar como o Grupo Globo rememorou as notícias no site “Memória Globo”.

Após examinar todos os dados coletados, pode-se observar que de 1965 até os anos mais recentes, a Rede Globo buscou relembrar, na sua grande maioria, as coberturas relacionadas às tragédias. No total, foram 41 fatos destacados, dentre eles estavam: as enchentes no Rio de Janeiro (1966); a queda do viaduto Paulo de Frontin (1971); o incêndio no edifício Andraus (1972); o incêndio no edifício Joelma (1974); o incêndio no edifício Grande Avenida (1981); a seca no nordeste (1983); as enchentes no Sul (1983); a explosão da *Challenger* (1986); o incêndio no edifício Andorinhas (1986); o acidente nuclear de *Chernobyl* (1986); o acidente radioativo em Goiânia – Césio 137 (1987); o naufrágio de Bateu Mouche (1988); a morte de Ayrton Senna (1994); o terremoto em *Kobe* (1995); a morte dos Mamonas Assassinas (1996); o acidente aéreo da TAM (1996); a morte de Lady Di (1997); o desabamento do Palace II (1998); o acidente do ônibus espacial Colúmbia (2003); o tsunami na Ásia (2004); o furacão Katrina (2005); o terremoto no Paquistão (2005); o acidente aéreo da Gol (2006); o acidente aéreo da Tam (2007); as enchentes em Santa Catarina (2008); o acidente aéreo da *Air France* (2009); o deslizamento em Angra (RJ) (2010); o terremoto no Haiti (2010); o terremoto no Chile (2010); as enchentes no Rio (2010); o acidentes com os mineiros no Chile (2010); as chuvas na região serrana (RJ) (2011); o acidente de Fukushima (2011); os desabamentos de prédios no centro do Rio (2012); a explosão na Antártica (2012); o furacão Sandy (2012); o incêndio da boate Kiss (2012); o tufão nas Filipinas (2013); o terremoto no Nepal (2015); a tragédia em Mariana (MG) (2015) e a tragédia do Chapecoense (2015).

Os assassinatos apareceram, em segundo lugar, como os mais recorrentes na categoria morte, totalizando 27 fatos. Destaque para a morte de Lamarca (1971); para a morte de JK (1976); para o caso da Ângela Diniz (1976), para o caso da Cláudia Lessin (1977); para a morte de John Lennon (1980); para o caso do jornalista Baumgarten (1982); para o assassinato do Chico Mendes (1988); para o massacre da praça da Paz Celestial (1988); para o massacre do Carandiru (1992);

para as chacinas da Candelária e do Vigário Geral (1993); para o assassinato do PC Farias (1993); para a morte de Yitzhak Rabin (1995); para o massacre do Eldorado dos Carajás (1996); para os assassinatos que ocorreram na Favela Naval (1997); para o massacre de Columbine (1999); para o caso Tim Lopes; para o caso Richthofen (2002); para o caso do menino João Hélio (2007) e Isabella Nardoni (2008); para o caso do goleiro Bruno (2010); para o Massacre em Realengo (2011); para o assassinato de Osama Bin Laden (2011); para o caso Amarildo (2013); para a execução de brasileiros na Indonésia (2015) e para o caso Marielle Franco (2018), o mais recente.

Em seguida, há ainda um outro grupo de notícias fúnebres, que foram incluídas nessa categoria. Foram os falecimentos de personalidades, por condições de saúde que totalizaram 10 fatos. Dentre elas, destacam-se o caso do falecimento de João Goulart ¹⁰⁴(1976); de Tancredo Neves (1985); de Carlos Drummond de Andrade (1987); de Aiatolá Khomeini (1989); de Roberto Marinho (2003); de Yasser Arafat (2004); de João Paulo II (2005); de Michael Jackson (2009); de Hugo Chaves (2012) e de Oscar Niemeyer (2012).

As guerras e os conflitos internacionais ficaram, em quarto lugar, nas lembranças dessa categoria. No total, foram 10 conflitos lembrados, dentre eles destaque para os de El Salvador (1980) e do Irã/ Iraque (1980). Além deles, foram lembradas, ainda, as guerras das Malvinas (1982); das Intifadas (1987); do Golfo (1990), da Iugoslávia (1991); do Afeganistão (2001), do Iraque (2003) e da Faixa de Gaza (2014). Destaque, também, para a queda do Muro de Berlim (1989).

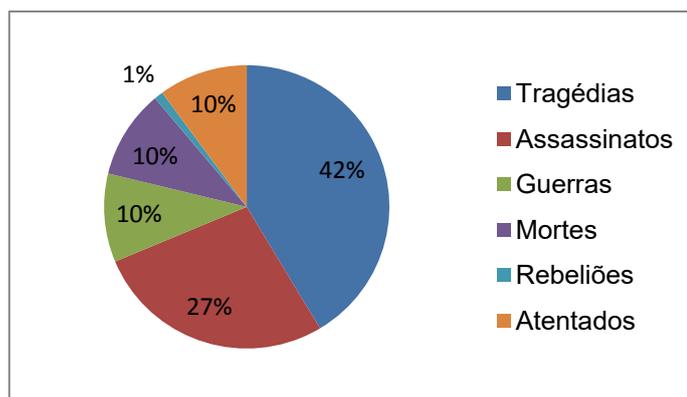
Os atentados apareceram, logo em seguida, com 10 fatos lembrados. Dentre os ataques lembrados estavam os contra a OAB e a ABI (1976); os atentados no RioCentro (1981); os ataques ao papa João Paulo II (1981); os atentados do dia 11 de setembro (2001), nos Estados Unidos, coordenados pela rede terrorista al-Qaeda; os atentados aos trens da *Cercanías*, em Madri, na Espanha (2004) e as explosões no metrô de Londres (2005). Houve ainda menção aos ataques de facções criminosas ocorridos em São Paulo (2006); aos atentados ocorridos em Boston (2013); aos atentados terroristas no jornal *Charlie Hebdo* (2015) e a onda violenta que acometeu Paris, França (2015), neste mesmo período.

¹⁰⁴ Embora a emissora tenha relacionado a morte de João Goulart com um problema de cardíaco; há a suspeita de que ele foi envenenado. Jango, como era conhecido, presidiu o país de 1961 a 1964, quando foi deposto pelos militares.

Por último, na subcategoria “rebelião” da linha do tempo do site “Memória Globo”, foi lembrada a rebelião no presídio de Jacareí (1981).

Diante desses dados, pode-se dizer que a morte foi o principal valor-notícia no processo de rememoração e ressignificação da memória elaborada pela Rede Globo nessa linha do tempo proposta. Nota-se que os assuntos fúnebres foram os mais citados entre os demais.

Gráfico 7- Subcategorias da categoria morte



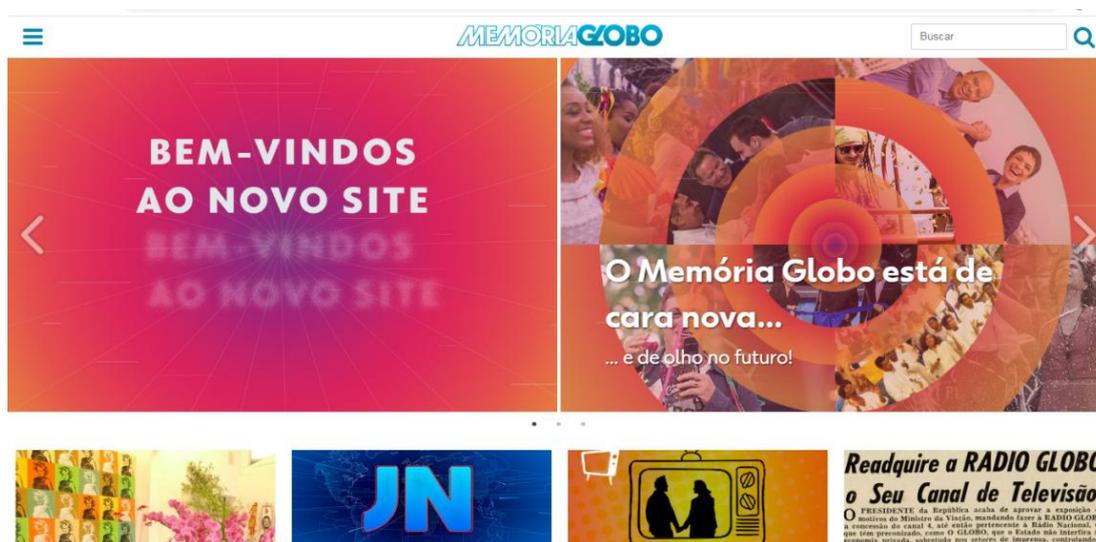
Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta análise em subcategorias, foi possível detectar, como pode ser visto no gráfico acima, que as tragédias lideram as temáticas nas coberturas jornalísticas rememoradas pela Globo, no seu site de memória, com 42%. Em segundo lugar estão os assassinatos com 27 % de fatos destacados; seguido pelas guerras; pelos falecimentos por problemas de saúde e pelos atentados; cada um com 10% de notícias ressaltadas. Por fim, com uma percentagem menor de, apenas, 1%, aparecem as rebeliões.

6. UM SITE DE CARA NOVA: A MEMÓRIA EM MOVIMENTO

Em dezembro de 2019, o site “Memória Globo” passou por uma mudança de layout, repaginando abas e inserindo novas funcionalidades a fim de tornar a navegação do usuário mais ágil, como afirma a própria descrição disponível no novo site. “Com uma nova estrutura e novas funcionalidades, o site do ‘Memória Globo’ foi projetado para tornar a sua navegação mais simples e a busca, mais fácil” (MÉMORIA GLOBO, 2019).

Figura 27 - O novo site “Memória Globo”



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A última mudança ocorrida, foi em 2012, data em que a emissora completou 47 anos. Na ocasião, novas fotos e vídeos foram incluídos na plataforma com trechos inéditos sobre programas, novelas, eventos esportivos e especiais. Na época, cerca de 70 novos “minidocumentários”, como chamou a emissora, contendo entrevistas com jornalistas, cinegrafistas, atores, diretores, entre outros; foram inseridos no site. A idealizadora do projeto, Silvia Fiuza, destacou, naquele ano, que a história da mídia brasileira passava, de alguma forma, pela história da Rede Globo. “O grande público tem uma memória afetiva, momentos de sua vida que relacionam com os produtos da Globo. Com a internet, esse conteúdo está acessível para todos os grupos sociais, todas as camadas, não importa idade, sexo, ela permeia todos os setores da sociedade” (FIUZA, 2012).

Após 7 anos, nota-se que essa preocupação em afirmar uma identidade no ambiente digital e construir uma memória que sirva de referência para a sociedade continua. Com o slogan “O Memória Globo está de cara nova e de olho no futuro”, o site ainda está em fase de construção, mas já apresenta um visual mais moderno. As abas ficaram mais organizadas e foram revitalizadas.

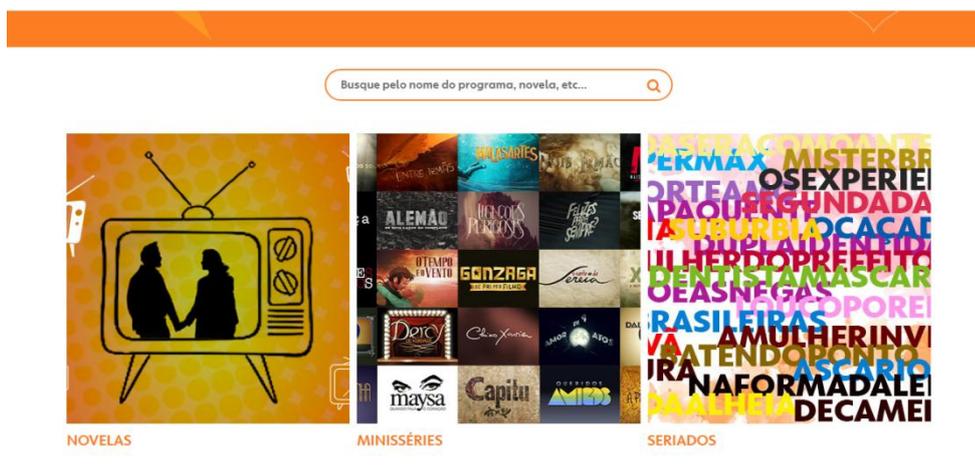
Figura 28 - As novas abas do site “Memória Globo”.



Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “entretenimento”, por exemplo, foi subdividida em boxes, agrupando de forma separada novelas, minisséries, seriados, programas de humor, programas de auditórios e variedades, programas infanto-juvenis, reality shows, musicais e shows, além de especiais já produzidos pela emissora. Com o título “Tramas emocionantes, programas que marcaram época”, é possível navegar por cada link, selecionar o ano desejado e ainda efetuar a busca por nome. Essa aba, no antigo site, era referente a linha do tempo de entretenimento e agora aparece com novo layout.

Figura 29 - A nova aba de “Entretenimento” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Jornalismo” corresponde a antiga linha do tempo relacionada aos programas e telejornais já produzidos pela emissora, e, também, às coberturas jornalísticas, que foram o foco dessa pesquisa. Com o título “A história da notícia na televisão”, ela foi subdividida em dois boxes, como pode ser observado na imagem.

Figura 30 - A nova aba de jornalismo do site “Memória Globo”.

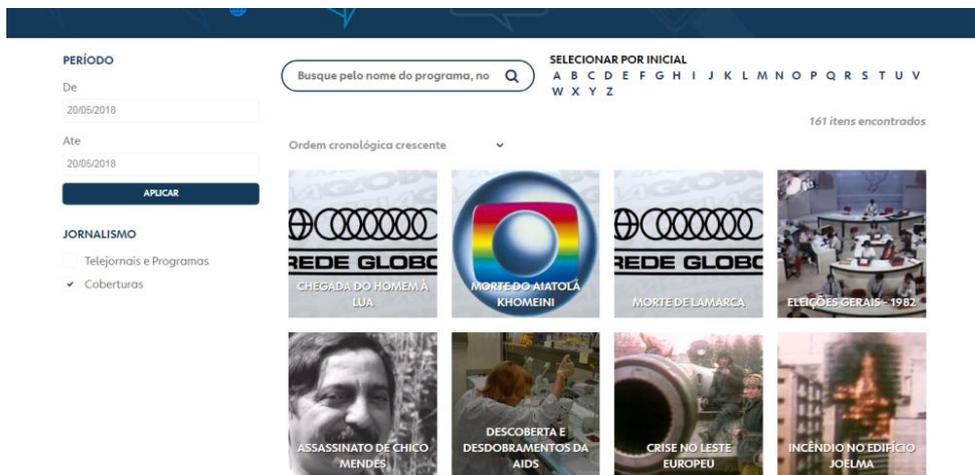


Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Ao abrir a aba “Coberturas”, que foi o objeto de análise dessa dissertação, nota-se que a linha do tempo, que apresentava os eventos de forma cronológica, não existe mais. O internauta tem a opção de filtrar o período desejado. Além disso, é possível selecionar a partir da letra os fatos que se pretende relembrar. A princípio,

observa-se que as coberturas jornalísticas destacadas permanecem as mesmas, sendo que os conteúdos de cada uma aparecem dispostos de forma mais clara.

Figura 31 - A nova linha do tempo do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Esporte” segue a mesma linha. Com o título “Lances inesquecíveis e jogos que ficaram na memória”, ela apresenta duas subdivisões. O internauta pode procurar por eventos e coberturas, já feitas pela emissora, e , também os programas e telejornais de esportes que já foram ao ar. É possível fazer uma pesquisa direta pelo campo de busca e filtrar pelo ano desejado.

Figura 32 - A nova aba de “Esporte” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Perfis” contém a história dos profissionais da emissora. Ela, também, foi repaginada, possibilitando a pesquisa dos perfis pelo usuário por área de atuação. É possível, ainda, filtrar por cargos, ordem alfabética e por letras iniciais.

Figura 33 - A nova aba “Perfis” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Na aba “Erros” permanecem os destaques das coberturas das “Diretas já!” e do debate de “Lula x Collor” que já eram apresentados na versão do antigo site, com as respectivas explicações dos erros. Observa-se que o conteúdo é o mesmo.

Figura 34 - A nova aba “Erros” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Acusações Falsas”, onde a emissora emite a sua versão dos fatos, esclarecendo sobre cada uma das denúncias divulgadas, também, se manteve com os mesmos assuntos do antigo site: as concessões de canais, o caso *Time-Life*,

Proconsult, BNDES e a renegociação da dívida, a queda do avião da GOL, os direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2002, entre outros.

Figura 35 - A nova aba “Acusações Falsas” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Grupo Globo” está totalmente repaginada. Ao clicar nela, o internauta é direcionado para outra página que contém a história do Grupo Globo, os valores e princípios editoriais, a responsabilidade social, as notícias relacionadas ao grupo, bem como informações sobre o programa de carreira profissional.

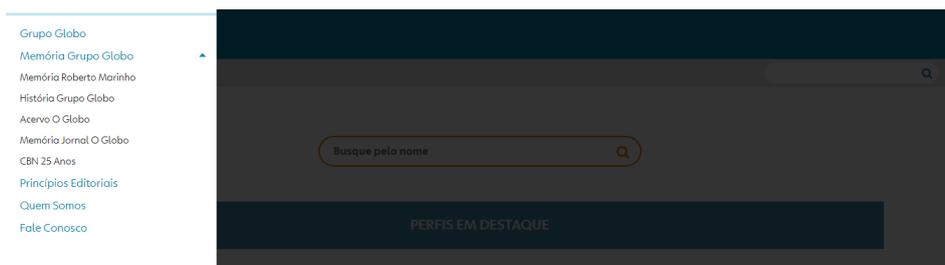
Figura 36 - A nova aba do “Grupo Globo” do site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Na aba “Memória do Grupo Globo”, o site traz, de forma separada, a história de Roberto Marinho, do próprio Grupo Globo, do acervo do jornal ‘O Globo’ e dos 25 anos da rádio CBN.

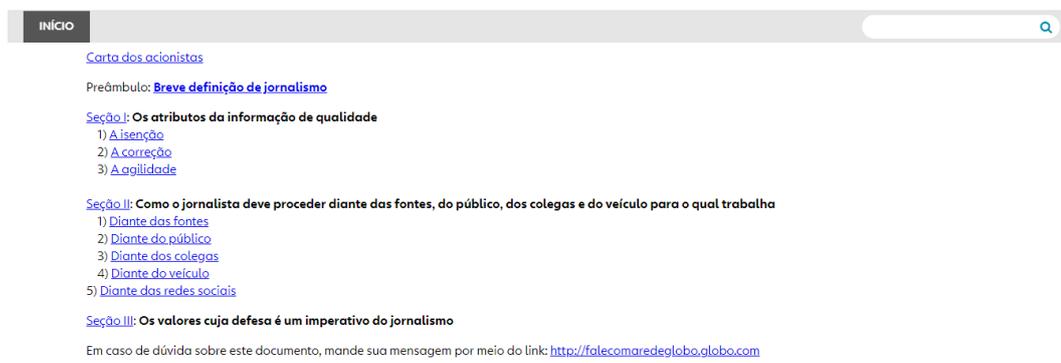
Figura 37 - A parte institucional do novo site “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Na aba “Princípios editoriais” é possível encontrar, de forma detalhada, orientações para elaborar, por exemplo, uma notícia de qualidade; diretrizes explicando como os jornalistas devem proceder diante das fontes, do público, dos colegas e da própria empresa; e os valores que regem a organização.

Figura 38 - Os princípios editoriais de forma detalhada.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

A aba “Quem somos” apresenta a história do projeto “Memória Globo” e fala sobre as pesquisas, publicações e vídeos já produzidos. Por fim, a aba “Fale conosco” direciona o internauta para uma página da globo.com, interligando o usuário em um canal direto de comunicação.

A mudança ocorrida no site reafirma o caráter institucional e autorreferencial da emissora, bem como demonstra a sua preocupação em construir uma memória própria no ambiente online, que sirva de referência para as pessoas. Pela forma com que os conteúdos são reapresentados, observa-se que essa memória disponibilizada vai de encontro com a nova lógica de comunicação em rede, ou seja,

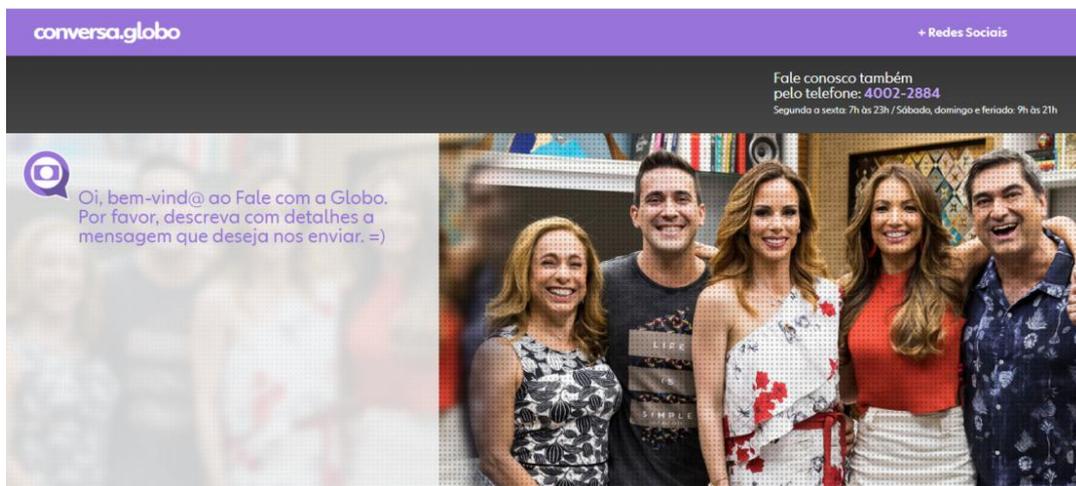
o internauta tem a possibilidade de filtrar o passado que deseja encontrar, sem, necessariamente, seguir uma ordem cronológica.

Figura 39 - A história do projeto “Memória Globo”.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

Figura 40 - O novo espaço de comunicação direta com o público.



Fonte: Acervo do site “Memória Globo”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação humana, nas últimas décadas, foi marcada por grandes transformações. Ao mesmo tempo em que o mundo se tornou mais conectado e interligado por conta da internet e das tecnologias digitais, as pessoas ficaram mais distantes, também. Na contemporaneidade, nota-se que as relações interpessoais passaram a ser caracterizadas pela instabilidade, pelo efêmero e pela liquidez (BAUMAN, 2007), ou seja, pela dificuldade em criar laços mais profundos. A informação passou a circular mais rápida e a produção de conteúdo aumentou. Diante desse contexto, o passado se tornou objeto estratégico para diversos setores que começaram a elaborar projetos, de cunho memorialístico, a fim de reforçar suas identidades e de se tornarem pontos de referência para a sociedade. Ao longo dessa dissertação foi possível observar que, apesar do jornalismo, desde os seus primórdios já produzir, através das notícias, história e memória, nos últimos anos, essas iniciativas voltadas para a criação de arquivos do passado se intensificaram, ou pelo menos ficaram mais evidentes, com material disponibilizado na web.

Ao analisar a linha do tempo relacionada às coberturas jornalísticas do site de memória da maior empresa de comunicação do país, o "Memória Globo", foi possível refletir sobre como a seleção das notícias pauta a seleção de memórias. Ao propor uma linha do tempo, que como o próprio nome diz, mostra uma sequência cronológica de eventos que marcaram determinado período, desde 1965, neste caso, até 2018, a Rede Globo determina quais fatos merecem se lembrados como históricos. Sabe-se que o processo de produção de notícias perpassa por uma série de critérios que envolve a escolha da pauta, a linha editorial da empresa em questão, o tempo e espaço destinado aquela matéria, o próprio olhar do repórter, entre outros fatores. Nas rememorações há uma dupla seleção. Afinal, é preciso escolher entre tantos fatos, já selecionados, aqueles que entrarão para os arquivos memorialísticos oficiais.

Sendo assim, inicialmente, buscou-se, nessa pesquisa, elencar quais foram os fatos ressaltados pela emissora ao longo de cada período, a fim de compreender se existia algum padrão a ser seguido, como, por exemplo, se a quantidade de coberturas jornalísticas destacadas eram as mesmas em cada época. Por meio da análise constatou-se que não havia um número exato de fatos que eram, necessariamente, ressaltados em cada período, ou seja, cada época apresentava

uma quantidade distinta. Em seguida, a análise propôs uma reflexão a respeito do complexo jogo de seleção que ocorre no jornalismo, visto que na medida que se decide lembrar algo, automaticamente, muitos outros acontecimentos são deixados de lado. Em cada período foi possível observar que muitos fatos que impactaram o país, foram deixados de lado, como os assuntos referentes à ditadura militar. Essa fase da história do Brasil foi, praticamente, silenciada nas lembranças. Como já foi mencionado em alguns momentos dessa pesquisa, talvez, isso ocorreu, pelo fato da Rede Globo ter apoiado o governo militar durante muitos anos e não ter conteúdos referentes a esse período sombrio do país. Porém, não se pode deixar de mencionar fatos como esses. Aliás, a política, aparece de forma muito tímida nos outros anos, também. As manifestações de junho de 2013 que mobilizou milhares de pessoas nas mais diversas partes do país, bem como o *impeachment* da presidente Dilma Roussef, as eleições presidenciais de 2018, e muitos outros acontecimentos ficaram esquecidos.

A fim de mapear quais eram os assuntos mais frequentes em toda a linha do tempo, foi feita uma análise temática dos assuntos que mais receberam destaques. Para isso foram criadas sete categorias: política, inovação, religião, entretenimento, esporte, saúde e morte. Dos 166 fatos presentes em toda a linha do tempo, 99 eram relacionados a essa categoria “morte”. Em contrapartida, 37 destaques faziam referência a política; 8 à economia; 7 ao entretenimento; 6 a religião, 4 a inovação; 3 à sequestros; 1 a saúde e 1 ao esporte. O que demonstra que grande parte da memória que a Rede Globo se propõe a construir nessa linha do tempo, especificamente, está relacionada a acontecimentos trágicos. As guerras, os assassinatos, as rebeliões, os atentados, as tragédias e as mortes, propriamente ditas, garantem material de arquivo para a emissora.

Durante essa dissertação foi possível detectar que, ao selecionar os fatos que serão lembrados, o caráter emblemático é um dos fatores mais importantes no momento da escolha. Sendo assim, os assuntos destacados vão de acordo com os interesses da empresa e estão em sintonia com o passado que se deseja contar. Falando, especificamente, do site Memória Globo, percebe-se que ao apresentar a sua linha do tempo relacionada às coberturas jornalísticas de décadas passadas, a empresa buscou lembrar de forma amena, sem levantar grandes polêmicas, estabelecendo muito mais um consenso do que um dissenso. Diante desse contexto, pode-se dizer que nessa reconstrução da história, proposta pelas

Organizações Globo, a morte surge como um importante valor-notícia na seleção de fatos memoráveis, uma vez que determina quais assuntos serão lembrados e quais serão esquecidos.

Outro dado que merece ser mencionado é com relação ao próprio site, como um todo. O “Memória Globo” traz bastante material referente a essa memória que a empresa deseja construir, isso vale, não apenas, para conteúdos de cunho jornalísticos, mas também, para materiais referentes ao esporte e ao entretenimento. No entanto, a estrutura que era apresentada, em termos de navegação e disposição dos conteúdos na plataforma, era bastante confusa e de difícil acesso, pois havia muitas sub-abas e links espalhados. No final de 2019, o site passou por uma grande mudança e teve todo o seu layout modificado, o que comprova o quanto essa preocupação em manter arquivos de memória na contemporaneidade tem se tornado um fator importante para a organização. Os conteúdos relacionados ao jornalismo, esporte e entretenimento foram repensados a fim de facilitar a navegação no site. Com o slogan “O ‘Memória Globo’ está de cara nova e de olho no futuro!”, várias abas antigas do site foram repaginadas, dentre elas, a aba referente a linha do tempo. A princípio, nota-se que os conteúdos e os fatos destacados continuam os mesmos, no entanto, a divisão dos períodos não existe mais. O internauta tem a opção de filtrar o período que deseja pesquisar ou, ainda, pelo nome da cobertura jornalística desejada. Os fatos que, antes, eram apresentados de forma cronológica, de forma linear, agora estão mais soltos. A relação com o público mudou, uma vez que cada um, agora, tem a possibilidade de filtrar o que deseja pesquisar de acordo com o que lembra ou com o que pretende descobrir de novo, sem, necessariamente, seguir uma ordem pré-estipulada. Embora essa navegação tenha se tornado mais dinâmica, a ideia de “fazer” história se mostra ainda mais presente, uma vez que eles passaram a intitular essa sessão como “A história da notícia na televisão!”, mostrando e reforçando valores como pioneirismo, inovação e compromisso social. Nota-se que em pleno século XXI, a Rede Globo busca demarcar, no ambiente digital, o seu lugar de importância e autoridade enquanto “guardiã da memória” (BARBOSA, 2004). Essa mudança ocorrida no site, propõe, ainda, uma reflexão a respeito dessa memória que vem sendo construída na rede que, ao mesmo tempo, que conecta, interliga e possibilita “reconexões” com o passado, é fluída, mutável e frágil. Tudo está ali, disponível, a um clique, mas, tudo

pode desaparecer e ser reconstruído, novamente, sobre outro olhar, sobre outro aspecto, conforme aquilo que se deseja transmitir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**. São Paulo; Companhia das Letras, 1997.
- ANTUNES, E. 2007. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**, 13(1):25-40.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978)**. Bauru: 1999.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. **Network Journalism: converging competences of old and new media professionals**, in: <http://home.pscw.nl/deuze/pub/9.htm>. Acessado em: 20/10/2019.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.6, p.11 - 27, 2009.
- _____. Tempo, tempo histórico e tempo midiático - interrelações. In: Musse, Christina Ferraz; Vargas, Herom; Nicolau, Marcos (org). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- _____. **Jornalistas, “senhores da memória”?**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BERGAMO, Alexandre. **Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro**. In: Mana, n. 17, vol. 2, p. 233-269, 2011.
- BREED, Warren. **“Controlo social na redação. Uma análise funcional”**. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2ª edição. Lisboa: Vega, 1999, p. 91-100.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CANAVILHAS, José Messias. **WebJornalismo: Considerações Gerais Sobre Jornalismo na Web**. Portugal, Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

CANDEAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTRO, Bruno Fernando. **Memória institucional e institucionalização da memória – a questão dos lugares de fala na produção da narrativa memorial e o projeto Memória Globo**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal (RN), 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação-economia, sociedade e cultura**. Vol.1. 12 reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CUNHA, M. R. **A Memória na era da reconexão e do esquecimento**. Porto Alegre. v. 17, n. 2, 2011. p.101-115. ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. 7.ed. São Paulo: Summus, 2001.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zagar Ed., 1998.

FANTINATTI, Márcia. MOURA, Patrícia Rodrigues. **A cobertura dada pela Rede Globo ao movimento Diretas já: o que as atuais gerações sabem a respeito?** XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos , 2007.

FERRAZ MUSSE, Mariana. **Do álbum de família ao álbum afetivo: transformações nas representações e nas formas de guardar da fotografia analógica à digital**. Alcar Sudeste 2018. V Encontro Sudeste de História da Mídia. GODOY, Karla Estelita. *Ciberespaço e Memória*

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GOULART, Ana Paula. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. *Comunicação e Sociedade* 47. 2007.

GOULART, Ana Paula Ribeiro. **Mídia e História**. 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUES, Nunes Maria Rosali. DODEBEI, Vera. A virtualização da memória no facebook. **CES-Revista**; Juiz de Fora; volume 27. 2013.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Artiplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JORNAL NACIONAL - **A Notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

LE MOS, André. **Anjos Interactivos e Retribalização do Mundo: Sobre nteractividade e interfaces digitais**, in: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>. Acessado em: 10/09/2019.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: Editora 34, 1999 (Tradução da edição francesa de Cyberculture, Paris, Éditions Odile Jacob, 1997).

MACHADO, Arlindo. **Hipermídia: o labirinto como metáfora**. In: DOMINGUES, Diana. (org.) **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MEMÓRIA GLOBO. **50 anos de jornalismo da Globo**. 2015. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornaise-programas/jornal-nacional/jornal-nacional-50-anos-de-jornalismo-da-globo.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e Implicações do Jornalismo na WEB**, trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001

MORAES, Livia Assad. **Ditadura militar: a memória jornalística como parte da revisão histórica**. Revista Brasileira de História da Mídia. Versão 3. 2014.

MUSSE. Christina Ferraz. VIANA. Humberto Junio Alves. **Globo 50 Anos de Jornalismo: dos Bastidores da Rememoração à Credibilidade Factual**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville - SC, 2018

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Repórteres de telejornal: o perfil ditado pela Rede Globo em 50 anos de televisão**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

_____. **Para uma antropologia da notícia**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXV, nº 2, julho/dezembro de 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

Orozco Gómez, G. (2012). In: Barbosa, M.; Fernandes, M.; J. de Moraes, O. (Orgs.). **Comunicação, Educação e Cultura na era digital**. São Paulo: Intercom.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online; o lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. *Modelos do Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf>. Acessado em: 20/09/2019.

POLLACK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGO, Ana Regina. **O jornalismo para além do tempo presente**. Revista Contracampo. Ed.37. Niterói, 2018.

RENDEIRO, M. E. L. S. **Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo. v. 47, n3, p.256-262, set/dez 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. 4. ed. São Paulo: Experimento, 1992.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-Humano**. Famecos, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, 2003.

SANTA CRUZ, Lucia. **Os relevos da memória**. Contracampo. Número 3. 2016/2017. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano - PPGMC (UFF).

SANTOS, Ana Lúcia Reis dos. **Informação Fast-Food: Um estudo de caso do jornal Último Segundo do Portal IG**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: A social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

SIBILIA, Paula: **Drogas do esquecimento e implantes cerebrais: a informatização da memória**. Dossiê Infopolítica da revista Ciência e Cultura, coordenado por Laymert Garcia dos Santos; Ano 60, Número 1, Jan.-Fev. 2008. Campinas: Labjor/Unicamp

SILVA, Helenice Rodrigues Da. **Rememoração – Comemoração: As utilizações sociais da memória.** Revista Brasileira de História, ano-vol.22, número 044. Associação Nacional de História: São Paulo, 2002, PP.425-438.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica:** a produção de acontecimentos e acontecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964. Niterói, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo; Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Dialogia e atorização:** características do jornalismo midiaticizado. In: 10º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 10., 2013, Brasília. Anais. Brasília, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do Jornalismo.** Lisboa: Quimera, 2002.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMÉ, Cláudia. **Política sem partido e notícia sem empresa jornalística - um olhar sobre a crise evidenciada nas manifestações de junho de 2013.** Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 17 n.17, p. 139-152, jan/dez. 2013.

TUCHMAN, Gaye. **Makin News: A study in Construction of Reality.** New York: Free Press, 1978.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana:** comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006

ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. In: **Memory Studies** 1, 79, Sage, 2008. Disponível em: <<http://mss.sagepub.com/content/1/1/79.full.pdf+html>>. Acesso em: 03/ 11/2019

APÊNDICE A - Tabela 1 - Linha do Tempo de 1965 a 1974

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1966	Enchentes no Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1969	Chegada do homem à Lua	Acontecimento jornalístico	Inovação	Internacional
1971	Morte de Lamarca	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1971	Queda do Paulo de Frontin	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1972	Incêndio no edifício Andraus	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1972	Escândalo Watergate	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1974	Incêndio no edifício Joelma	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1974	Revolução dos Cravos	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNCIDE B - Tabela 2 - Linha do Tempo de 1975 a 1984

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1976	Atentados contra a OAB e ABI	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1976	Morte JK	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1976	Viagem de Geisel ao Japão	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1976	Morte de João Goulart	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1976	Assassinato de Ângela Diniz	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1977	Caso Cláudia Lessin	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1978	Greves no abc	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1978	Primeiro bebê de proveta	Acontecimento jornalístico	Inovação	Internacional
1978	Revolução Sandinista	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1979	Revolução Islâmica	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1979	Posse de Margareth Thatcher	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1979	Anistia e volta dos exilados	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1980	Corrida do ouro – Serra Pelada	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1980	Guerra civil em El Salvador	Acontecimento jornalístico	Guerra	Internacional
1980	Visitas do João Paulo II ao Brasil	Acontecimento jornalístico	Religião	Nacional
1980	Guerra Irã – Iraque	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1980	Morte de John Lennon	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1981	Incêndio no edifício Grande Avenida	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1981	Rebelião em Jacareí	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1981	Atentados no rio centro	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1981	Atentados ao papa João Paulo II	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1981	Casamento real	Acontecimento jornalístico	Entretenimento	Internacional
1982	Guerra das Malvinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1982	Caso Baumgarten	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1982	Eleições gerais	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1983	Descobertas e desdobramentos da Aids	Acontecimento jornalístico	Inovação	Nacional
1983	Seca no nordeste	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1983	Enchente no sul	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1984	Greves na CSN	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE C - Tabela 3 - Linha do Tempo de 1985 a 1994

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1985	Rock in Rio	Acontecimento jornalístico	Entretenimento	Nacional
1985	Eleição e morte Tancredo Neves	Acontecimento jornalístico	Política e morte	Nacional
1986	Explosão da <i>Challenger</i>	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1986	Incêndio no edifício Andorinhas	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1986	Plano cruzado	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1986	Acidente nuclear Chernobyl	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1987	Morte de Carlos Drummond Andrade	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1987	Acidente radioativo em Goiânia – Cs 137	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1987	Intifadas	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1988	Promulgação da constituição de 1988	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1988	Assassinato de Chico Mendes	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1988	Naufração de Bateu Mouche	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1989	Crise no leste europeu	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1989	Massacre da praça da Paz Celestial	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1989	Morte do Aiatolá Khomeini	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1989	Queda do muro do Berlim	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1989	Eleições presidenciais 1989	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1990	Libertação de Nelson Mandela	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1990	Plano Collor	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1990	Reunificação da Alemanha	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1991	Guerra do Golfo	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1991	Rock in Rio 2	Acontecimento jornalístico	Entreteni- mento	Nacional
1991	Escândalo da previdência	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1991	Guerra civil na Iugoslávia	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1991	Fim da URSS	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
1992	Rio 92	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1992	<i>Impeachment</i> Collor	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1992	Massacre do Carandiru	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1993	Chacina na Candelária	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1993	Chacina em Vigário Geral	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1993	Assassinato PC Farias	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1994	Plano Real	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1994	Morte de Ayrton Senna	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1994	Eleições presidenciais – 1994	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1994	Mst em Paranapanema	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE D - Tabela 4 - Linha do tempo de 1995 a 2004

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
1995	Terremoto em Kobe	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1995	Morte de Yitzhak Rabin	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1996	Morte dos Mamonas Assassinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1996	Eldorado dos Carajás	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1996	Acidente aéreo Tam	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1996	Escândalo dos precatórios	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1997	Clonagem da ovelha Dolly	Acontecimento jornalístico	Inovação	Internacional
1997	Favela naval	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1997	Morte de Lady Di	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1997	Crise no sudeste asiático	Acontecimento jornalístico	Economia	Internacional
1998	Desabamento do Palace II	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
1998	Eleições presidenciais – 1998	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
1998	Escândalo da máfia dos fiscais	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
1999	Massacre de Columbine	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
1999	Escândalo do TRT	Acontecimento jornalístico	Economia	Nacional
2000	Sequestro do ônibus 174	Acontecimento jornalístico	Sequestro	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2001	Rock in Rio 3	Acontecimento jornalístico	Entretenimento	Nacional
2001	Crise do painel do senado	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2001	Sequestro do Silvio Santos	Acontecimento jornalístico	Sequestro	Nacional
2001	Atentados de 11 de setembro	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2001	Guerra do Afeganistão	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2002	Assassinato de Tim Lopes	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2002	Caso Richthofen	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2002	Eleições presidenciais 2002	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2003	Acidente do ônibus espacial Colúmbia	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2003	Guerra no Iraque	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2003	Morte de Roberto Marinho	Autorreferencial	Morte	Nacional
2004	Atentados terroristas em Madri	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2004	Eleições americanas 2004	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
2004	Morte de Yasser	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2004	Tsunami na Ásia	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE E - Tabela 5 - Linha do tempo de 2005 a 2014

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2005	Morte de João Paulo II	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2005	Escândalo do mensalão	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2005	Atentados terroristas em Londres	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2005	Furacão Katrina	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2005	Terremoto no Paquistão	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2006	Ataques de facções criminosas em São Paulo	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2006	Acidente aéreo Gol	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2006	Eleições presidenciais 2006	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2007	Caso João Hélio	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2007	Visita de Bento XVI ao Brasil	Acontecimento jornalístico	Religião	Nacional
2007	Acidente aéreo Tam 2007	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2008	Caso Isabella Nardoni	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2008	Libertação de Ingrid Betancourt	Acontecimento jornalístico	Sequestro	Internacional
2008	Caso Elóa	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2008	Eleições americanas 2008	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2008	Enchentes em Santa Catarina	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2009	Acidente aéreo Air France	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2009	Morte de Michael Jackson	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2009	Eleição do Rio como sede dos jogos 2016	Acontecimento jornalístico	Esporte	Nacional
2009	Apagão	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2010	Deslizamentos em Angra (RJ)	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2010	Terremoto no Haiti	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2010	Terremoto no Chile	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2010	Enchentes no Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2010	Caso Bruno	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2010	Acidentes com mineiros no Chile	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2010	Eleições presidenciais – 2010	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2010	Ocupação Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2011	Primavera árabe	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
2011	Chuva na região serrana (RJ)	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2011	Acidente de Fukushima	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2011	Visita de Obama ao Brasil	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2011	Massacre em Realengo	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2011	Casamento real	Acontecimento jornalístico	Entreteni- mento	Internacional
2011	Morte de Osama Bin Laden	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2011	Rock in rio IV	Acontecimento jornalístico	Entreteni- mento	Nacional
2012	Desabamentos de prédios no centro do Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2012	Explosão na Antártica	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2012	Rio +20	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional
2012	Reeleição e morte de Hugo Chávez	Acontecimento jornalístico	Morte e política	Internacional
2012	Furacão Sandy	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2012	Eleições americanas 2012	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
2012	Morte de Oscar Niemeyer	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2012	Incêndio da boate Kiss	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2013	Renúncia do Papa Bento XVI	Acontecimento jornalístico	Religião	Internacional
2013	Eleição do papa Francisco	Acontecimento jornalístico	Religião	Internacional
2013	Atentado em Boston	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2013	Caso Amarildo	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2013	Jornada mundial da juventude	Acontecimento jornalístico	Religião	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2013	Rock in Rio V	Acontecimento jornalístico	Entreteni- mento	Nacional
2013	Tufão nas Filipinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2014	Crise na Ucrânia	Acontecimento jornalístico	Política	Internacional
2014	Viagens do papa Francisco	Acontecimento jornalístico	Religião	Internacional
2014	Conflitos na faixa de Gaza	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2014	Eleições presidenciais 2014	Acontecimento jornalístico	Política	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE F – Tabela 6: Linha do tempo de 2015 em diante

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Nacional/ internacional
2015	Atentado terrorista ao Charlie Hebdo	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2015	Execução de brasileiros na Indonésia	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2015	Microcefalia	Acontecimento jornalístico	Saúde	Nacional
2015	Terremoto no Nepal	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2015	Tragédia em Mariana (MG)	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2015	Atentados em Paris	Acontecimento jornalístico	Morte	Internacional
2016	Tragédia da Chapecoense	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional
2018	Caso Marielle	Acontecimento jornalístico	Morte	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE G - Tabela 7 – Coberturas relacionadas à morte de 1965 a 1974

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1966	Enchentes no Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1971	Morte de Lamarca	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1971	Queda do Paulo de Frontin	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1972	Incêndio no edifício Andraus	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1974	Incêndio no edifício Joelma	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE H - Tabela 8 - Coberturas relacionadas à morte de 1975 a 1984

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1976	Atentados contra a OAB e ABI	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Nacional
1976	Morte JK	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1976	Morte de João Goulart	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Nacional
1976	Assassinato de Ângela Diniz	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1977	Caso Cláudia Lessin	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1980	Guerra civil em El Salvador	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1980	Guerra Irã – Iraque	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1980	Morte de John Lennon	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Internacional
1981	Incêndio no edifício Grande Avenida	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1981	Rebelião em Jacareí	Acontecimento jornalístico	Morte	Rebelião	Nacional
1981	Atentados no Rio centro	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Nacional
1981	Atentados ao papa João Paulo II	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Nacional
1982	Guerra das Malvinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1982	Caso	Acontecimento	Morte	Assassinato	Nacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1983	Baumgarten	jornalístico			
	Seca no nordeste	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1983	Enchente no sul	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE I - Tabela 9 - Coberturas relacionadas à morte de 1985 a 1994

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1985	Eleição e morte Tancredo Neves	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Nacional
1986	Explosão da <i>Challenger</i>	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
1986	Incêndio no edifício Andorinhas	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1986	Acidente nuclear Chernobyl	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
1987	Morte de Carlos Drummond Andrade	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Nacional
1987	Acidente radioativo em Goiânia – Césio 137	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1987	Intifadas	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1988	Assassinato de Chico Mendes	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1988	Naufrágio de Bateu Mouche	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
1989	Massacre da praça da Paz Celestial	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1989	Morte do Aiatolá Khomeini	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional
1989	Queda do muro do Berlim	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1991	Guerra do Golfo	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1991	Guerra civil na Iugoslávia	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
1992	Massacre do Carandiru	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1993	Chacina na Candelária	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1993	Chacina em Vigário Geral	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1993	Assassinato PC Farias	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1994	Morte de Ayrton Senna	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE J - Tabela 10 - Coberturas relacionadas à morte de 1995 a 2004

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
1995	Terremoto em Kobe	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
1995	Morte de Yitzhak Rabin	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional
1996	Morte dos Mamonas Assassinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1996	Eldorado dos Carajás	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1996	Acidente aéreo Tam	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1997	Favela naval	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
1997	Morte de Lady di	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
1998	Desabamento do Palace II	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
1999	Massacre de Columbine	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Internacional
2001	Atentados de 11 de setembro	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2001	Guerra do Afeganistão	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
2002	Assassinato de Tim Lopes	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2002	Caso Richthofen	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2003	Acidente do ônibus espacial Colúmbia	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
2003	Guerra no Iraque	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional
2003	Morte de Roberto Marinho	Autorreferencial	Morte	Falecimento por saúde	Nacional
2004	Atentados terroristas em Madri	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2004	Morte de Yasser	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional
2004	Tsunami na Ásia	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE K - Tabela 11 - Coberturas relacionadas à morte de 2005 a 2014

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
2005	Morte de João Paulo II	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional
2005	Atentados terroristas em Londres	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2005	Furacão Katrina	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2005	Terremoto no Paquistão	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2006	Ataques de facções criminosas em São Paulo	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Nacional
2006	Acidente aéreo Gol	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2007	Caso João Hélio	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2007	Acidente aéreo Tam 2007	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2008	Caso Isabella Nardoni	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2008	Caso Elóia	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2008	Enchentes em Santa Catarina	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2009	Acidente aéreo Air France	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2009	Morte de Michael Jackson	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
2010	Deslizamentos em Angra (RJ)	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2010	Terremoto no Haiti	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2010	Terremoto no Chile	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2010	Enchentes no Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2010	Caso Bruno	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2010	Acidentes com mineiros no Chile	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2011	Chuva na região serrana (RJ)	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2011	Acidente de Fukushima	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2011	Massacre em Realengo	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2011	Morte de Osama Bin Laden	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Internacional
2012	Desabamentos de prédios no centro do Rio	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2012	Explosão na Antártica	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2012	Reeleição e morte de Hugo Chávez	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Internacional
2012	Furacão Sandy	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
2012	Morte de Oscar Niemeyer	Acontecimento jornalístico	Morte	Falecimento por saúde	Nacional
2012	Incêndio da boate Kiss	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2013	Atentado em Boston	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2013	Caso Amarildo	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2013	Tufão na Filipinas	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2014	Conflitos na faixa de Gaza	Acontecimento jornalístico	Morte	Guerras/ Conflitos Internacionais	Internacional

Fonte: Produzido pela autora.

APÊNDICE L - Tabela 12 - Coberturas relacionadas à morte de 2015 em diante

Ano	Fato destacado	Tipo de cobertura	Temática	Subtemática	Nacional/ internacional
2015	Atentado terrorista ao Charlie Hebdo	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2015	Execução de brasileiros na Indonésia	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional
2015	Terremoto no Nepal	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Internacional
2015	Tragédia em Mariana (MG)	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2015	Atentados em Paris (atentado)	Acontecimento jornalístico	Morte	Atentado	Internacional
2016	Tragédia da Chapecoense	Acontecimento jornalístico	Morte	Tragédia	Nacional
2018	Caso Marielle	Acontecimento jornalístico	Morte	Assassinato	Nacional

Fonte: Produzido pela autora.